

MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Arte no Metropolitano de Lisboa O Caso da Estação Entre Campos: As Obras de Bartolomeu Cid dos Santos

Volume II
Apêndice Iconográfico e Documental

Ana Filipa Pimentel Miranda da Franca

M

2018



Ana Filipa Pimentel Miranda da Franca

**Arte no Metropolitano de Lisboa
O Caso da Estação Entre Campos:
As Obras de Bartolomeu Cid dos Santos**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura
Visual orientada pela Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

**Volume II
Apêndice Iconográfico e Documental**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho de 2018

Sumário

Volume II - Apêndice Iconográfico e Documental

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	3
INTRODUÇÃO.....	13
ANEXO 1 - IMAGENS.....	14
Fotografias	15
Desenho do estaleiro da Graniver, por John Aiken	68
ANEXO 2 - CONTEÚDO DO PAINEL DA BIBLIOTECA	69
Lista de livros do painel da Biblioteca.....	70
Esquema do painel da Biblioteca.....	103
ANEXO 3 - DOCUMENTOS	105
Diário de Bartolomeu dos Santos (cópia expurgada)	106
Mensagens de correio eletrónico enviadas por Jun Shirasu	135
Mensagens de correio eletrónico enviadas por Maria João Schalk	140
Mensagens de correio eletrónico enviadas por Bill Penney	141
ANEXO 4 - ENTREVISTAS E CONVERSAS.....	143
Conversa com Bartolomeu dos Santos	144
Conversa com John Aiken	153
Conversa telefónica com Max Werner	156
Entrevista com Guilherme Rodrigues.....	158
Conversa com Eduardo Nery	183
ANEXO 5 - BIOGRAFIA DE BARTOLOMEU DOS SANTOS	185

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

(Contidas no Anexo 1)

Fig. 1 - Publicação de 1843 sobre o túnel do Tamisa	16
Fig. 2 - A tuneladora rudimentar usada na construção do túnel do Tamisa	16
Fig. 3 - Azulejos numa estação do metro de Londres	16
Fig. 4 - Cartaz publicitário de John Hassal	16
Fig. 5 - Modelo da estação Balham em 1926	16
Fig. 6 - Entrada da estação Cité, por Hector Guimard.....	16
Fig. 7 - Entrada da estação Abbesses, por Hector Guimard.....	17
Fig. 8 - Entrada da estação Étoile, por Hector Guimard	17
Fig. 9 - Azulejos na estação Abbesses	17
Fig. 10 - Pormenor cerâmico na Gare de Austerlitz	17
Fig. 11 - Entrada de uma estação do metro de Budapeste	17
Fig. 12 - Estação Hösök Tere do metro de Budapeste, construída em 1896.....	17
Fig. 13 - Átrio de uma estação de metro em Nova Iorque	18
Fig. 14 - Azulejos e mosaicos no metro de Nova Iorque	18
Fig. 15 - Estação City Hall	18
Fig. 16 - Estação Komsomolskaya do metro de Moscovo.....	18
Fig. 17 - Estação Taganskaya do metro de Moscovo	18
Fig. 18 - Palácio Mariinsky (Assembleia Legislativa), o último neoclássico a ser construído em S. Petersburgo	18
Fig. 19 - Painel de azulejos "Castilla" na estação Moreno, metro de Buenos Aires	19
Fig. 20 - Átrio principal da estação de S. Bento, no Porto.....	19
Fig. 21 - "There and Back", painel de azulejos espanhóis de Jörgen Fogelquist, 1957, metro de Estocolmo	19
Fig. 22 - Sofá em pedra, estação T-Centralen	19
Fig. 23 - Pilar de betão gravado, estação T-Centralen.....	19
Fig. 24 - Estação Masmø	19
Fig. 25 - Per Olof Ultvedt, 1975, estação T-Centralen	20
Fig. 26 - Estação Rinkeby	20
Fig. 27 - Exposição temporária na estação Zinkensdamm.....	20
Fig. 28 - "Notre Temps", Roger Somville, estação Hankar	20

Fig. 29 - Estação Botanique	20
Fig. 30 - Estação Roi Baudouin.....	20
Fig. 31 - A tuneladora utilizada na zona do Cais do Sodré.....	21
Fig. 32 - Mirones espreitando pelas janelinhas dos tapumes	21
Fig. 33 - Manual do Mirone, nº 1	21
Fig. 34 - Estação de metro da 1ª fase: cais de embarque	22
Fig. 35 - Estação de metro da 1ª fase: corredores de circulação	22
Fig. 36 - Estação de metro da 1ª fase: mobiliário dos cais de embarque	22
Fig. 37 - Casa da Moeda	22
Fig. 38 - Pormenor do revestimento exterior da Casa da Moeda	22
Fig. 39 - Antiga embaixada portuguesa no Rio de Janeiro	23
Fig. 40 - Jorge Barradas, "Escola de Sagres"	23
Fig. 41 - Jorge Barradas, "Os Reis Magos"	23
Fig. 42 - Almada Negreiros, revestimento em azulejo, Lisboa	23
Fig. 43 - Almada Negreiros, revestimento em azulejo	23
Fig. 44 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo, Palácio Capanema, Rio de Janeiro	24
Fig. 45 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo do Palácio Capanema, pormenor	24
Fig. 46 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo, Igreja de S. Francisco de Assis da Pampulha, Belo Horizonte	24
Fig. 47 - Maria Keil, "O Mar", painel de azulejos.....	24
Fig. 48 - Maria Keil, "O Mar", pormenor	24
Fig. 49 - Fachada de azulejos, Lisboa.....	25
Fig. 50 - Fachada de azulejos, Lisboa, pormenor	25
Fig. 51 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Martim Moniz	25
Fig. 52 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Intendente.....	25
Fig. 53 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Anjos.....	25
Fig. 54 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Rossio	25
Fig. 55 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Restauradores	26
Fig. 56 - Rogério Ribeiro, revestimento de azulejo, estação Avenida.....	26
Fig. 57 - Rolando Sá-Nogueira, revestimento de azulejo, estação Laranjeiras	26
Fig. 58 - Júlio Pomar, revestimento de azulejo, estação Alto Moinhos.....	26
Fig. 59 - Manuel Cargaleiro, revestimento de azulejo, estação Colégio Militar	26

Fig. 60 - Vieira da Silva, "Le Métro", revestimento de azulejo, estação Cidade Universitária	26
Fig. 61 - Eduardo Nery, revestimento de azulejo, estação Campo Grande.....	27
Fig. 62 - Átrio da estação Cidade Universitária	27
Fig. 63 - Área comercial em corredor de circulação da estação Marquês de Pombal	27
Fig. 64 - Estação de metro da 1ª fase: quiosque no átrio	27
Fig. 65 - Vieira da Silva, painel de azulejos oferecido pela ML à cidade de Lisboa, Cidade Universitária	27
Fig. 66 - "Ribeira das Naus", de João Chartres de Almeida, conjunto escultórico oferecido pela ML à cidade de Lisboa, Cidade Universitária	28
Fig. 67 - Leonel Moura, tapume no Rossio	28
Fig. 68 - Pedro Proença, tapume em frente à Rua da Vitória	28
Fig. 69 - Ferreira Rocha, tapume na Ribeira das Naus	28
Fig. 70 - Fernando Calhau, tapume na Av. 24 de Julho	28
Fig. 71 - José Nuno da Câmara Pereira, tapume no Chiado.....	29
Fig. 72 - Fernanda Fragateiro, tapume na Rua Mouzinho da Silveira	29
Fig. 73 - Luís Pinto Coelho, tapume no Marquês de Pombal	29
Fig. 74 - António Campos Rosado, tapume em Carnide Ocidental.....	29
Fig. 75 - Gracinda Candeias, tapume em Carnide	29
Fig. 76 - Manuel San-Payo, tapume na Pontinha	29
Fig. 77 - O painel da Biblioteca.....	30
Fig. 78 - O painel da Ode Marítima	30
Fig. 79 - Os painéis da Musa da Ode Marítima e da parede nascente	30
Fig. 80 - Os painéis da Musa dos Lusíadas e da parede poente	31
Fig. 81 - O painel dos Lusíadas	31
Fig. 82 - O painel dedicado a Robert Motherwell	31
Fig. 83 - José de Santa Bárbara, estação de metro Entre Campos, corredor de ligação à estação de comboio	32
Fig. 84 - Os dois elefantes desenhados por Max Werner e Bartolomeu dos Santos	32
Fig. 85 - Bartolomeu dos Santos indicando a dimensão pretendida para as pedras	32
Fig. 85-A - Pedras cortadas aguardando no estaleiro	32
Fig. 86 - Bartolomeu dos Santos rega um painel com ácido	32
Fig. 86-A - O ácido formando vapores em contacto com a pedra	32

Fig. 87 - O ácido a corroer as pedras	32
Fig. 88 - Tintagem dos painéis	32
Fig. 89 - Max Werner a desenhar no painel dos Lusíadas coberto por verniz	33
Fig. 90 - Bartolomeu dos Santos e Max Werner junto aos painéis: Max Werner limpa o verniz após a gravação	33
Fig. 91- Charlotte Cornish pinta com verniz os painéis do átrio	33
Fig. 92 - Vicky Edwards, Oona Grimes e Charlotte Cornish pintam o painel com uma folha	33
Fig. 93 - O livro contendo a assinatura do painel da Biblioteca: Bartolomeu dos Santos, Max Werner, J. Aiken e Luis Sousa Rebelo	33
Fig. 94 - A assinatura do painel dos Lusíadas	33
Fig. 95 - Os colaboradores do verão de 1991	34
Fig. 96 - A silhueta de Fernando Pessoa desenhada por Bartolomeu dos Santos e Max Werner	34
Fig. 97 - O navio desenhado por Max Werner e Bartolomeu dos Santos	34
Fig. 98 - O retrato de Bartolomeu dos Santos desenhado por Max Werner	34
Fig. 99 - O modelo de veleiro desenhado por Max Werner	34
Fig. 100 - Inscrição no painel da parede poente com as assinaturas dos trabalhadores, o nome do arquiteto e a referência à Graniver	34
Fig. 101 - Max Werner com os trabalhadores da Graniver	35
Fig. 102 - Bartolomeu dos Santos com os trabalhadores da Graniver, no beberete aquando da entrega da obra	35
Fig. 103 - A biblioteca de Kiefer: "The High Priestess/ Zweistromland	35
Fig. 104 - A prateleira dos livros favoritos de Bartolomeu dos Santos	35
Fig. 105 - A prateleira com o "Atlas" de Fernão Vaz Dourado	35
Fig. 106 - Livros de Marinharia e Cartas de Marear	36
Fig. 107 - "A Peregrinação", de Fernão Mendes Pinto	36
Fig. 108 - Grupo de escritoras do Séc. XVI	36
Fig. 109 - "Privilégios e Prerrogativas que o Género Feminino tem (...) Mais que o Masculino", de Rui Gonçalves	36
Fig. 110 - Obra do Padre António Vieira e O Mercúrio Português, entre outros	36
Fig. 111 - Herculano, Garrett, Bentham, José Agostinho Macedo e publicações em Londres	36

Fig. 112 - "Cartas de Marear" de Lopo Homem, "Vita Christi" e lombadas em branco, com e sem símbolos	37
Fig. 113 - Prateleira com "Partes de África", de Helder Macedo e "A Barragem", de Júlio Moreira	37
Fig. 114 - Visita à Graniver antes de um almoço de amigos. Da esquerda para a direita: Maria João Schalk, a mãe de Bartolomeu dos Santos, Ana Maria Viegas, a irmã de Bartolomeu dos Santos (oculta) Bartolomeu dos Santos e Júlio Moreira	37
Fig. 115 - A mesma visita à Graniver	37
Fig. 116 - Prateleira dos futuristas	37
Fig. 117- Prateleira da "Presença"	37
Figs. 118 e 119 - Grupo da Biblioteca, Seara Nova	38
Fig. 120 - Florbela Espanca, Saudosistas Integralistas e Afonso Lopes Vieira	38
Fig. 121 - Júlio Dantas e Joaquim Leitão	38
Fig. 122 - O círculo central com as assinaturas	38
Fig. 123 - Algumas assinaturas no topo esquerdo	38
Figs. 124, 125 e 126 - Assinaturas ilegíveis	38
Figs. 127 e 128 - José Cardoso Pires e Manuel da Fonseca a assinarem painel	39
Figs. 129 e 130 - Natália Correia e Agustina Bessa Luís a assinarem painel	39
Fig. 131 - Bartolomeu dos Santos a discursar na cerimónia de entrega da obra à ML, estando presentes Consiglieri Pedroso e Sanchez Jorge	39
Fig. 132 - Visita aos painéis na cerimónia de entrega da obra à ML	39
Fig. 133 - As instalações da Graniver com participantes na cerimónia de entrega da obra à ML	40
Fig. 134 - Bartolomeu dos Santos e duas colaboradoras na cerimónia de entrega da obra à ML	40
Fig. 135 - A assinatura de Luís Garcia de Medeiros	40
Fig. 136 - A sombra da mão de Luís Garcia de Medeiros a assinar	40
Fig. 137- Luís Garcia de Medeiros na praia da Adraga	40
Fig. 138 - "Requiem Para D. Quixote", de Dennis McShade, e "Um Drama Jocosu", de Luís Garcia de Medeiros	40
Fig. 139 - Livros com símbolos nas lombadas: "Civitatis Orbis Terrarum" e "Esmeraldo de Situ Orbis"	41
Fig. 140 - Bulhão Pato	41

Fig. 141 - Almada	41
Fig. 142 - Cesário Verde e Camilo Pessanha	41
Fig. 143 - Antero de Quental, Bulhão Pato, Teófilo Braga, Júlio Diniz e Camilo Castelo Branco	41
Fig. 144 - Folhas de papel	42
Fig. 145 - Compasso e esfera	42
Fig. 146 - Jarra com cravos	42
Fig. 147 - O livro de Max Werner junto às obras de João de Barros	42
Fig. 148 - Cafés e bares de Lisboa nos anos 50.....	42
Fig. 149 - Jeremy Bentham na University College	43
Fig. 150 - Joseph Cabtree and the Caliph of Fonthill, de Bartolomeu dos Santos	43
Fig. 151 - Musa do painel da Ode Marítima	43
Fig. 152 - Musa do painel dos Lusíadas.....	43
Fig. 153 - Retrato de Fernanda Paixão dos Santos	43
Fig. 154 - Fernanda Paixão dos Santos na inauguração do Museu de Macau	43
Fig. 155 - Inscrição junto à musa do painel dos Lusíadas	44
Fig. 156 - Inscrição junto à musa do painel da Ode Marítima	44
Fig. 157 - Inscrição no início painel dos Lusíadas	44
Fig. 158 - 1ª citação dos Lusíadas.....	44
Fig. 159 - 2ª citação dos Lusíadas.....	44
Fig. 160 - 3ª citação dos Lusíadas.....	44
Fig. 161 - 4ª citação dos Lusíadas.....	44
Fig. 162 - 5ª citação dos Lusíadas.....	44
Fig. 163 - 6ª citação dos Lusíadas.....	45
Fig. 164 - 7ª e 8ª citações dos Lusíadas	45
Fig. 165 - 9ª citação dos Lusíadas.....	45
Fig. 166 - 10ª citação dos Lusíadas.....	45
Fig. 167 - 11ª citação dos Lusíadas.....	45
Fig. 168 - 12ª citação dos Lusíadas.....	46
Fig. 169 - Painel da Ode Marítima: a carta astral de Fernando Pessoa e um labirinto ...	46
Fig. 170 - Citação do poema de 1933 de Fernando Pessoa, o minarete da mesquita de Samarra, mapas e cartas	46

Fig. 171 - O título do painel e a silhueta de Fernando Pessoa desenhada por Bartolomeu dos Santos e que M. Werner corrigiu.....	46
Fig. 172 - O cais das colunas e o navio que M. Werner desenhou e Bartolomeu dos Santos corrigiu.....	46
Fig. 173 - Os desenhos das crianças	47
Fig. 174 - A gaivota, a janela, o rio	47
Fig. 175 - Fernando Pessoa antes de ser grande	47
Fig. 176 - Retrato e versos de Cesário Verde.....	47
Fig. 177 - O fim do painel	47
Fig. 178 - "Homenagem a Cesário Verde", 1984 (F.I. - Hors Texte, p. 19)	47
Fig. 179 - "Minha Adelina", 1979	48
Fig. 180 - "Crossing the Line"	48
Fig. 181 - "Henry Munro in Valparaíso", 1980.....	48
Fig. 182 - "Wreck"	48
Fig. 183 - "Great Labyrinth", 1970.....	48
Fig. 184 - "The Visitor", 1971	48
Fig. 185 - Viagem ao Iraque em 1986: Bartolomeu dos Santos junto à mesquita de Samarra	48
Fig. 186 - "Poeta Alberto Caeiro", 1984.....	49
Fig. 187 - "Ode Marítima II", 1988	49
Fig. 188 - "Nocturno", 1988.....	49
Fig. 189 - "Liverpool to Valparaíso", 1979.....	49
Fig. 190 - "Ode Marítima V", 1988.....	49
Fig. 191 - "Macau", 1990.....	49
Fig. 192 - "Circular Landscape", 1979.....	50
Fig. 193 - "Fernando Pessoa Antes de Ser Grande", 1987.....	50
Figs. 194 e 195 - As duas laçadas no painel dedicado a Robert Motherwell.....	50
Fig. 196 - Painel da parede poente: a selva inicial	50
Fig. 197 - As pegadas.....	50
Fig. 198 - Pegadas que atravessam o lago.....	51
Fig. 199 - Pegadas que sobem a parede, plantas e náutilus.....	51
Fig. 200 - O fundo do mar.....	51
Fig. 201 - Painel da parede nascente: o magma inicial.....	51

Fig. 202 - Montanhas sob um céu revolto	51
Fig. 203 - O ovo.....	51
Fig. 204 - Charlotte Cornish a gravar as suas pegadas	52
Fig. 205 - Projeto de cenotáfio dedicado a Isaac Newton, por Étienne-Louis Boullée ..	52
Fig. 206 - Portuguese Men of War, 1961.....	52
Fig. 207 - "Then and Now", 1972.....	52
Fig. 208 - Pedra desaparecida com a assinatura dos assistentes.....	52
Figs. 209-A e 209-B - "Kai-Kai", 2003	52
Fig. 209-C - "Out of the Box", 2003, Acrílico sobre tela	53
Fig. 210 - "Hommage to Álvaro de Campos", 2000, técnica mista.....	53
Fig. 211 - "Instalação II (Export Only)", 2006.....	53
Fig. 212 - "Is This Art? (I do Like It)", s/ data, técnica mista.....	53
Fig. 213 - O painel de Nihonbashi.....	54
Fig. 214 - O painel na estação de metro de Nihonbashi	54
Fig. 215 - Os colaboradores do painel de Nihonbashi	54
Fig. 216 - Bartolomeu dos Santos enfrentando o painel em branco	54
Fig. 217 - Painel pronto a ser gravado, com o hai ku ao centro	54
Figs. 218 e 219 - Lados esquerdo e direito do painel, respetivamente	55
Fig. 220 - Bartolomeu dos Santos junto ao lado direito do painel	55
Fig. 221 - Zona central do painel.....	55
Fig. 222 - "Peregrinação", de Fernão Mendes Pinto.....	55
Fig. 223 - "Vocabulario de Lingoa de Japon"	55
Fig. 224 - "Sumario de las Cosas de Japon" , de Alessandro Vignano.....	55
Fig. 225 - Os livros japoneses	56
Fig. 226 - Partes de África.....	56
Fig. 227 - Os painéis do Museu de Macau.....	56
Fig. 228 - Bartolomeu dos Santos com os colaboradores dos painéis do Museu de Macau.....	56
Fig. 229 - O início do painel esquerdo, com costelas-de-adão.....	56
Fig. 230 - Vista de Macau contemporâneo, no painel direito	57
Fig. 231 - Vista de Macau antigo, no painel esquerdo.....	57
Fig. 232 - Citação de Mateus Ricci, 1525	57
Fig. 233 - Poema de Camilo Pessanha.....	57

Fig. 234 - Assinatura do painel direito.....	57
Fig. 235 - Assinatura do painel esquerdo.....	57
Fig. 236 - O painel da estação do Pragal.....	58
Fig. 237 - Primeira imagem do painel: "Breve Memória Sobre a Vida de Fernão Mendes Pinto".....	58
Fig. 238 - Segunda imagem do painel: "Naufrágios Muitos"	58
Fig. 239 - Terceira imagem do painel: "Nos Rios de Sumatra"	58
Fig. 240 - Quarta imagem do painel: "O Banquete em Liampó"	58
Fig. 241 - Quinta imagem do painel: "Combates no Mar"	58
Fig. 242 - Sexta imagem do painel: "A Viagem a Pequim"	58
Fig. 243 - Sétima imagem do painel: "No Japão"	59
Fig. 244 - Bartolomeu dos Santos (com chapéu redondo), desenhado por Jun Shirasu (pormenor da 7ª imagem).....	59
Fig. 245 - Lembrança do painel de Nihonbashi: homem que examina um menino com lupa (pormenor da 7ª imagem)	59
Fig. 246 - Pescadores vendendo peixe e proferindo uma palavra que se pronuncia "sákáná" (pormenor da 7ª imagem)	59
Fig. 247 - Figuras desenhadas por Ana João Romana e Jun Shirasu (pormenor da 5ª imagem).....	59
Fig. 248 - Pássaros desenhados por Urbano Resendes (pormenor da 6ª imagem)	59
Fig. 249 - Assinatura e identificação do painel	60
Fig. 250 - Assinatura e identificação do painel	60
Fig. 251 - "As Vias da Água"	60
Figs. 252 e 253 - Pormenores de "As Vias da Água"	60
Fig. 254 - Figura de índia retirada de uma gravura do séc. XVI.....	60
Fig. 255 - "As Vias do Céu".....	60
Fig. 256 - Retrato de Santos Dumont e a chegada dos aviadores portugueses	61
Fig. 257 - Dirigível nº 9, de Santos Dumont	61
Fig. 258 - Martim Moniz, de José João de Brito	61
Fig. 259 - Estação Picoas, com intervenção de Françoise Schein e Frederica Matta.....	61
Figs. 260 e 261 - Pilastras de Frederica Matta	61
Fig. 262 - "Praia do Vau", de Joaquim Rodrigo, estação Oriente	62
Fig. 263 - Painel de azulejos de Sean Scully, estação Oriente	62

Fig. 264 - "Fish", de Magdalena Abakanowicz, estação Oriente	62
Fig. 265 - Painel de azulejos de Abdoulaye Konaté, estação Oriente	62
Fig. 266 - Painel de azulejos de Zao Wou Ki, estação Oriente	63
Figs. 267 e 268 - Painéis de azulejos de António Ségui, estação Oriente.....	63
Figs. 269 e 270 - Painéis de azulejos de Yayoi-Kusama, estação Oriente.....	63
Fig. 271 - "Submersão da Atlântida", de Hundertwasser, estação Oriente	63
Fig. 272 - Painel de azulejos de Arthur Boyd, estação Oriente.....	64
Fig. 273 - "Les Océans", de S. H. Raza, estação Oriente.....	64
Fig. 274 - Painel de azulejos de Errö, estação Oriente	64
Fig. 275 - Painel de azulejos de Júlio Pomar para estação Botanique, Bruxelas	64
Fig. 276 - "Ocean Piece", de Jorge Martins, estação Archive-Navy Memorial, Washington.....	65
Fig. 277 - Painel de azulejos de Manuel Cargaleiro, estação Champs Élisées- -Clémenceau, Paris	65
Fig. 278 - Painel de azulejos de João Vieira, estação Deár Tér, Budapeste	65
Figs. 279 e 280 - "Sidney I" e "Sidney II", de Teresa Magalhães, estação Martin Place, Sidney.....	65
Figs. 281 e 282 - "A Cultura e as Civilizações", de José de Guimarães, estação Chabacango	66
Fig. 283 - "AZULEJOSPARARSANTIAGO", painel "A Terra", de Rogério Ribeiro, estação Santa Lucía, Santiago do Chile	66
Figs. 284 e 285 - Escultura em terracota e parede de azulejos dedicados ao botânico Lineu, de Dimas Macedo, estação Friedhemplan, Estocolmo	66
Fig. 286 - "La Ville Imaginaire", de João Chartres de Almeida, estação Ile de Sainte Hélène, Montréal	67
Fig. 287 - Painel de azulejos de Graça Morais, estação Belourusskaya, Moscovo.....	67
Fig. 288 - "Brasil-Portugal: 500 Anos - A Chegança", de Luís Ventura, estação Restauradores	67
Fig. 289 - Gradeamento e pórtico com desenho de Hector Guimard (cópia), estação Picoas	67
Desenho do estaleiro da Graniver, por John Aiken (25 de março de 2011)	68

INTRODUÇÃO

Como se referiu no Volume I, a presente dissertação está construída em duas partes, consistindo a primeira na parte escrita do estudo desenvolvido e a segunda num apêndice iconográfico e documental.

O presente Volume II forma a segunda parte da dissertação e constitui um apêndice iconográfico e documental ao corpo escrito da dissertação, incluído no Volume I, sendo composto pelos cinco conjuntos de documentos (referidos como Anexos 1 a 5) que suportam aquela reflexão.

O Anexo 1 é o único com carácter iconográfico, sendo integrado pelas imagens (um conjunto de fotografias) referidas no texto do Volume I, no fim das quais se insere o desenho do estaleiro da Graniver elaborado por John Aiken.

O Anexo 2 contém a lista de todos os livros do painel da Biblioteca e ainda um esquema do mesmo painel, em grande formato, para ilustração da disposição das prateleiras, visando a melhor compreensão do circuito percorrido na leitura do painel.

O Anexo 3 engloba a reprodução de documentos referidos no Volume I, começando por uma cópia do diário que Bartolomeu dos Santos escreveu aquando da execução das obras de Entre Campos, expurgada das passagens mais íntimas (que se riscaram), nos termos autorizados pela sua viúva, Fernanda Paixão dos Santos. Seguidamente, este anexo inclui mensagens de correio eletrónico enviadas por Jun Shirasu, Maria João Schalk e Bill Penney (com utilização também autorizada pelos próprios) que contêm informação usada na presente dissertação.

O Anexo 4 compõe-se da transcrição escrita de conversas informais e não gravadas havidas com Bartolomeu dos Santos, John Aiken, Max Werner e Eduardo Nery e ainda de uma entrevista gravada concedida por Guilherme Rodrigues, à data pertencente ao departamento de Relações Públicas da Metropolitano de Lisboa, E.P.E. e responsável pelas visitas guiadas às estações de metro.

No Anexo 5 inclui-se o resumo biográfico de Bartolomeu dos Santos.

ANEXO 1 - IMAGENS

Fotografias

Desenho do estaleiro da Graniver, por John Aiken

FOTOGRAFIAS

NOTA: As fontes das imagens (F.I.) encontram-se indicadas entre parêntesis, nas respectivas legendas. Sempre que tal indicação não existir, a fotografia em causa foi tirada pela autora.

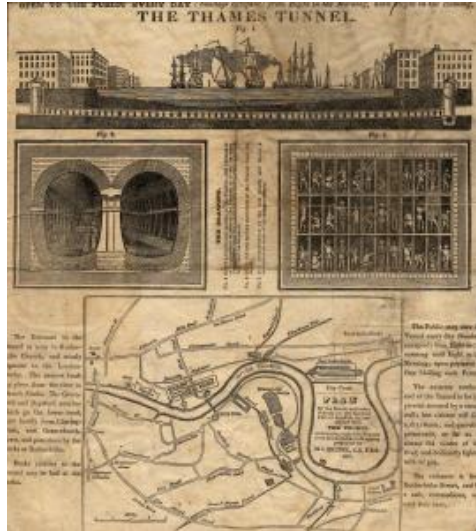


Fig. 1 - Publicação de 1843 sobre o túnel do Tamisa (F.I. - www.ltmcollection.org, cons. 18/11/2013)

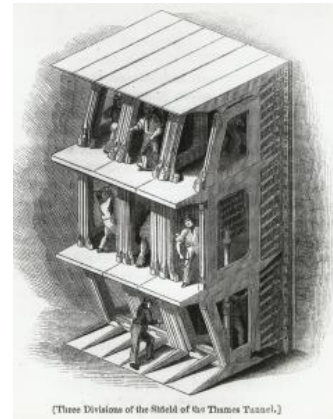


Fig. 2 - A tuneladora rudimentar usada na construção do túnel do Tamisa, c. 1825-1843 (F.I. - www.ltmcollection.org, cons. 18/11/2013)



Fig. 3 - Azulejos numa estação do metro de Londres (F.I. - www.urbanrail.net/eu/uk/lon/london.htm, cons. 18/11/2013)



Fig. 4 - Cartaz publicitário de John Hassal (F.I. - www.ltmcollection.org, cons. 18/11/2013)



Fig. 5 - Modelo da estação Balham em 1926 (F.I. - www.ltmcollection.org, cons. 18/11/2013)



Fig. 6 - Entrada da estação Cité, por Hector Guimard (F.I. - www.urbanrail.net/eu/fr/paris/fotos/ligne-4.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 7 - Entrada da estação Abbesses, por Hector Guimard (F.I. - www.parislogue.com/featured-articles/the-most-beautiful-metro-stations-in-paris.html, cons. 30/12/2013)



Fig. 8 - Entrada da estação Étoile, por Hector Guimard (F.I. - www.amtuir.org/04_htu_metro_paris/cmp_1900_1903/images/1900_etoile_guimard_ratp.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 9 - Azulejos na estação Abbesses, (F.I. - www.urbanrail.net/eu/fr/paris/fotos/ligne-12.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 10 - Pormenor cerâmico na Gare de Austerlitz (F.I. - commons.wikimedia.org/wiki/File:Paris_Metro_5_Gare_d%27Austerlitz_Detail.JPG, cons. 19/11/2013)



Fig. 11 - Entrada de uma estação do metro de Budapeste (F.I. - www.urbanrail.net/eu/hu/budapest/budapest.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 12 - Estação Hösök Tere do metro de Budapeste, construída em 1896 (F.I. - micro.com/metro/metrocity.html?city=Budapest, cons. 19/11/2013)



Fig. 13 - Átrio de uma estação de metro em Nova Iorque (F.I. - www.nycsubway.org/wiki/IRT_East_Side_Line, cons. 19/11/2013)



Fig. 14 - Azulejos e mosaicos no metro de Nova Iorque (F.I. - [www.nycsubway.org/wiki/Station:_28th_Street_\(IRT_East_Side_Line\)](http://www.nycsubway.org/wiki/Station:_28th_Street_(IRT_East_Side_Line)), cons. 19/11/2013)



Fig. 15 - Estação City Hall (F.I. - www.nycsubway.org/perl/show?95275, cons. 19/11/2013)



Fig. 16 - Estação Komsomolskaya do metro de Moscovo (F.I. - www.urbanrail.net/eu/ru/mos/img/Line-5/M5-Komsomolskaya.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 17 - Estação Taganskaya do metro de Moscovo (F.I. - www.urbanrail.net/eu/ru/mos/img/line-5.htm, cons. 19/11/2013)



Fig. 18 - Palácio Mariinsky (Assembleia Legislativa), o último neoclássico a ser construído em S. Petersburgo (F.I. - commons.wikimedia.org/wiki/File:Mariinsky_Palace_Saint_Petersburg.jpg, cons. 19/11/2013)



Fig. 19 - Painel de azulejos "Castilla" na estação Moreno, metro de Buenos Aires (F.I. - www.metrovias.com.ar, cons. 19/11/2013)



Fig. 20 - Átrio principal da estação de S. Bento, em Porto (F.I. - detalhespoi.aspx?poi=1805&idcategory=n1n&lang=pt, cons. 19/11/2013)



Fig. 21 - "There and Back", painel de azulejos espanhóis de Jörgen Fogelquist, 1957, metro de Estocolmo (F.I. - *Art in the Stockholm Metro*, p. 11)



Fig. 22 - Sofá em pedra, estação T-Centralen (F.I. - commons.wikimedia.org/wiki/File:Soffa,_T-Centralen_Stockholm.jpg, cons. 19/11/2013)



Fig. 23 - Pilar de betão gravado, estação T-Centralen (F.I. - www.blackchickontour.com/tag/stockholm-metro-art/, cons. 19/11/2013)



Fig. 24 - Estação Masmø (F.I. - commons.wikimedia.org/wiki/File:Masmø_T-bana.jpg, cons. 19/11/2013)



Fig. 25 - Per Olof Ultvedt, 1975, estação T-Centralen (F.I. - www.adragunov.com/?tag=T-Centralen, cons. 19/11/2013)



Fig. 26 - Estação Rinkeby (F.I. - micro.com/metro/phototour.html?city=Stockholm, cons. 19/11/2013)



Fig. 27 - Exposição temporária na estação Zinkensdamm (F.I. - www.blackchickontour.com/tag/stockholm-metro-art/, cons. 19/11/2013)



Fig. 28 - "Notre Temps", Roger Somville, estação Hankar (F.I. - mic-ro.com/metro/phototour.html?city=Brussels, cons. 19/11/2013)



Fig. 29 - Estação Botanique (F.I. - mic-ro.com/metro/phototour.html?city=Brussels, cons. 19/11/2013)

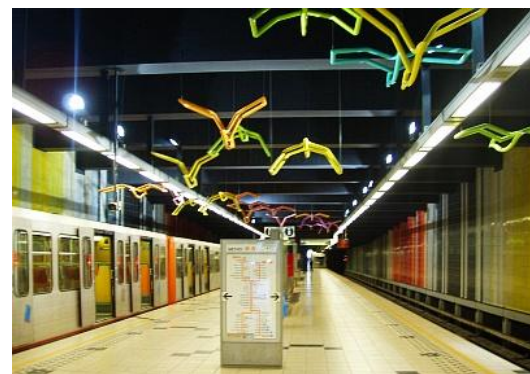


Fig. 30 - Estação Roi Baudouin (F.I. - mic-ro.com/metro/phototour.html?city=Brussels, cons. 19/11/2013)



Fig. 31 - A tuneladora utilizada na zona do Cais do Sodré (F.I. - M^a F^a Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 2, p. 251)

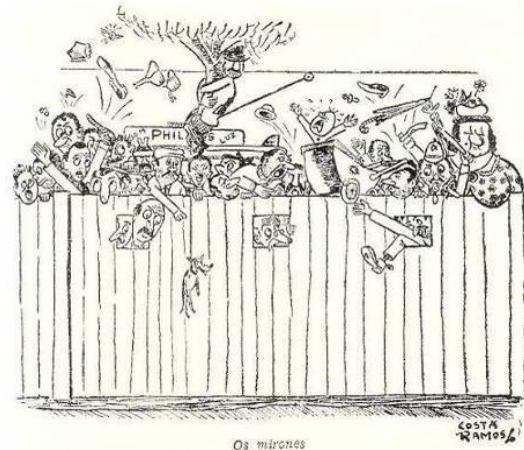


Fig. 32 - Mirões espreitando pelas janelinhas dos tapumes (reprodução de caricatura publicada no jornal "República" de 08/12/1955, in M^a F^a Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 3, p. 75)

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO FUTURO SISTEMA DE TRANSPORTES

- As galerias em construção são de via dupla, circulares tanto as estações nas duas direcções.
- Inicialmente, adopta-se a composição de duas carruagens circulares em intervalos mínimos de 1,5 metros. Este intervalo poderá ser reduzido, mais tarde, para 1,2 metros. Prevê-se também que em dia este que a aflicção de passageiros a via e justificar, possam entrar em estipulação compositiva de 4 carruagens.
- A capacidade de transporte prevista, no Largo do Lido, no início de exploração é de 6.000 passageiros por hora, em cada sentido. Mais tarde esta capacidade poderá ser elevada para 30.000 passageiros por hora e que oferta conjugar prévisões que possam existir, nesta medida, quanto ao futuro desenvolvimento da cidade.
- Pelo que respeita à sinalização, utilizar-se-á o sistema de lâmpas automáticas de circuitos de via, com comando centralizado das mesas de manobras.
- Nesta sistema, os sinais serão comandados automaticamente pelo próprio sistema. Será também instalado um dispositivo de travagem automática, o qual fará parar os comboios, a distância suficiente para garantir a segurança, sempre que qualquer condutor não obedeça a um sinal de paragem.
- Finalmente, dispositivos especiais assegurarão a conveniente ventilação e drenagem das galerias e das estações, tendo sempre em vista garantir o maior conforto aos passageiros.

MANUAL DO MIRONE

REDE DO METROPOLITANO DE LISBOA

Este sistema de transportes, não tem apenas finalidade, mas também de garantir a segurança dos passageiros que utilizarão o sistema. Por isso, desde o início da exploração, serão tomadas as devidas precauções para garantir a segurança dos passageiros. A segurança é o primeiro objectivo deste sistema de transportes.

MANUAL DO MIRONE

A segurança é o primeiro objectivo deste sistema de transportes. Por isso, desde o início da exploração, serão tomadas as devidas precauções para garantir a segurança dos passageiros. A segurança é o primeiro objectivo deste sistema de transportes.

Fig. 33 - Manual do Mirone, nº 1 (F.I. - M^a F^a Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 1, p. 255)



Fig. 34 - Estação de metro da 1ª fase: cais de embarque (F.I. - Mª Fª Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 3, p. 123)

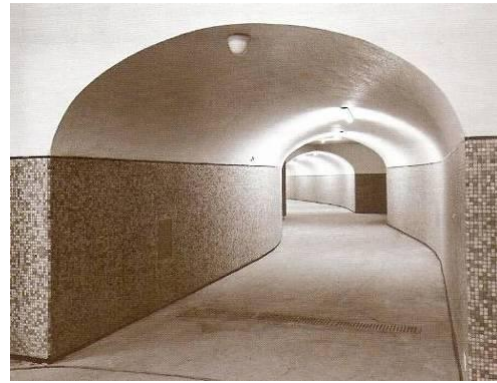


Fig. 35 - Estação de metro da 1ª fase: corredores de circulação (F.I. - Mª Fª Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 3, p. 59)



Fig. 36 - Estação de metro da 1ª fase: mobiliário dos cais de embarque (F.I. - Mª Fª Rollo, *Um Metro e Uma Cidade*, vol. 3, p. 96)



Fig. 37 - Casa da Moeda (F.I. - pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Segurado, cons. 20/11/2013)



Fig. 38 - Pormenor do revestimento exterior da Casa da Moeda



Fig. 39 - Antiga embaixada portuguesa no Rio de Janeiro (F.I. - www.flickr.com/photos/cleberudy/9002029610/in/photostream/, cons. 20/11/2013)

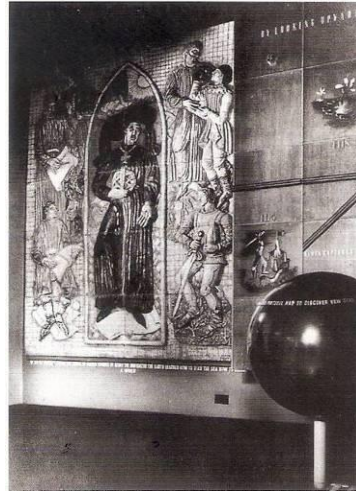


Fig. 40 - Jorge Barradas, "Escola de Sagres" (F.I. - *O Azulejo em Portugal no Século XX*, p. 52)

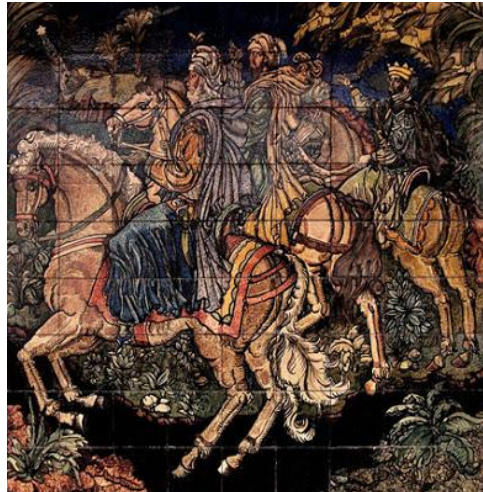


Fig. 41 - Jorge Barradas, "Os Reis Magos" (F.I. - dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt/2011/12/o-natal-na-azulejaria-portuguesa.html, cons. 20/11/2013)



Fig. 42 - Almada Negreiros, revestimento em azulejo, Lisboa (F.I. - www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4490, cons. 20/11/2013)



Fig. 43 - Almada Negreiros, revestimento em azulejo Lisboa (pormenor)



Fig. 44 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo, Palácio Capanema, Rio de Janeiro (F.I. - rionaveia.wordpress.com/tag/portinari/, cons. 20/11/2013)



Fig. 45 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo do Palácio Capanema, pormenor (F.I. - www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/226, cons. 20/11/2013)



Fig. 46 - Cândido Portinari, revestimento em azulejo, Igreja de S. Francisco de Assis da Pampulha, Belo Horizonte (F.I. - azulejosantigosrj.blogspot.pt/2012/09/arquitetura-e-arte-decorativa-do.html, cons. 20/11/2013)



Fig. 47 - Maria Keil, "O Mar", painel de azulejos Lisboa



Fig. 48 - Maria Keil, "O Mar", pormenor (F.I. - ab-logando.blogspot.pt/2012/06/aos-97-anos.html, cons. 20/11/2013)



Fig. 49 - Fachada de azulejos, Lisboa



Fig. 50 - Fachada de azulejos, Lisboa, pormenor



Fig. 51 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Martim Moniz



Fig. 52 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Intendente

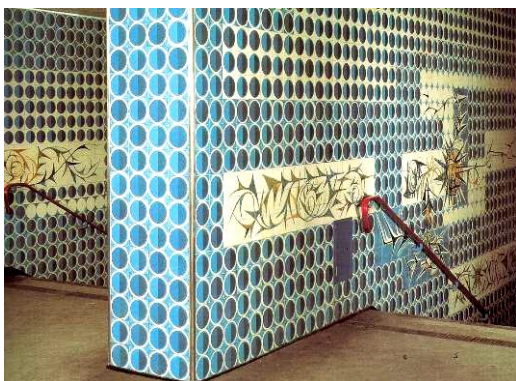


Fig. 53 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Anjos (F.I. - J. Castel-Branco Pereira, *Arte: Metropolitano de Lisboa*, p. 35)



Fig. 54 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Rossio (F.I. - ceramicamodernistaemp Portugal.blogspot.pt/2011/09/maria-keil-estacao-rossio-azulejos-do.html, cons. 02/01/2014)

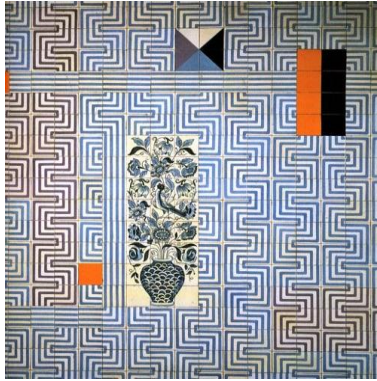


Fig. 55 - Maria Keil, revestimento de azulejo, estação Restauradores (F.I. - samuel-santigueiro.blogspot.pt/2008/08/maria-keil.html, cons. 13/12/13)



Fig. 56 - Rogério Ribeiro, revestimento de azulejo, estação Avenida



Fig. 57 - Rolando Sá-Nogueira, revestimento de azulejo, estação Laranjeiras



Fig. 58 - Júlio Pomar, revestimento de azulejo, estação Alto Moinhos



Fig. 59 - Manuel Cargaleiro, revestimento de azulejo, estação Colégio Militar



Fig. 60 - Vieira da Silva, "Le Métro", revestimento de azulejo, estação Cidade Universitária



Fig. 61 - Eduardo Nery, revestimento de azulejo, estação Campo Grande



Fig. 62 - Átrio da estação Cidade Universitária



Fig. 63 - Área comercial em corredor de circulação da estação Marquês de Pombal



Fig. 64 - Estação de metro da 1ª fase: quiosque no átrio (F.I. - Mª Fª Rollo, *Um Metro e uma Cidade*, vol. 3, p. 42)



Fig. 65 - Vieira da Silva, painel de azulejos oferecido pela ML à cidade de Lisboa, Cidade Universitária



Fig. 66 - "Ribeira das Naus", de João Chartres de Almeida, conjunto escultórico oferecido pela ML à cidade de Lisboa, Cidade Universitária



Fig. 67 - Leonel Moura, tapume no Rossio (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 24)



Fig. 68 - Pedro Proença, tapume em frente à Rua da Vitória (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 34)



Fig. 69 - Ferreira Rocha, tapume na Ribeira das Naus (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 60)



Fig. 70 - Fernando Calhau, tapume na Av. 24 de julho (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 73)



Fig. 71 - José Nuno da Câmara Pereira, tapume no Chiado (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 90)



Fig. 72 - Fernanda Fragateiro, tapume na Rua Mouzinho da Silveira (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 95)



Fig. 73 - Luís Pinto Coelho, tapume no Marquês de Pombal (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 124)



Fig. 74 - António Campos Rosado, tapume em Carnide Ocidental (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 131)



Fig. 75 - Gracinda Candeias, tapume em Carnide Oriental (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 156)



Fig. 76 - Manuel San-Payo, tapume na Pontinha (F.I. - *Encenar a Cidade...*, p. 161)



Fig. 77 - O painel da Biblioteca (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 17-19)



Fig. 78 - O painel da Ode Marítima (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 20-22)



Fig. 79 - Os painéis da Musa da Ode Marítima e da parede nascente (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 22-24)



Fig. 80 - Os painéis da Musa dos Lusíadas e da parede ponte (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 25-27)



Fig. 81 - O painel dos Lusíadas (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 27-29)



Fig. 82 - O painel dedicado a Robert Motherwell (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 30-32)



Fig. 83 - José de Santa Bárbara, estação de metro Entre Campos, corredor de ligação à estação de comboios



Fig. 84 - Os dois elefantes desenhados por Max Werner e Bartolomeu dos Santos



Fig. 85 - Bartolomeu dos Santos indicando a dimensão pretendida para as pedras (fotografia cedida por M^a João Schalk)

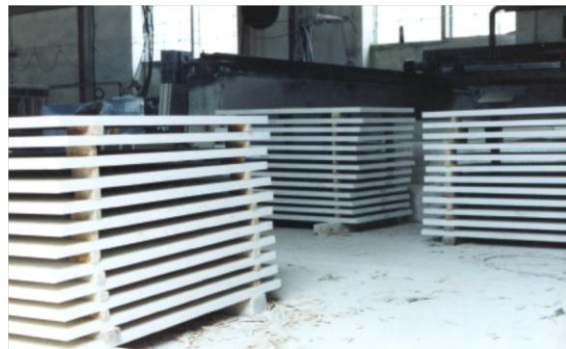


Fig. 85-A - Pedras cortadas aguardando no estaleiro (fotografia cedida por Bill Penney)



Fig. 86 - Bartolomeu dos Santos rega um painel com ácido (fotografia cedida por Bill Penney)



Fig. 86-A - O ácido formando vapores em contacto com a pedra (fotografia cedida por Bill Penney)



Fig. 87 - O ácido a corroer as pedras (F.I. - M. Botelho e P. Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, p. 17)



Fig. 88 - Tintagem dos painéis (F.I. - M. Botelho e P. Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, p. 18)



Fig. 89 - Max Werner a desenhar no painel dos Lusíadas coberto por verniz (F.I. - M. Botelho e P. Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, p. 16)



Fig. 90 - Bartolomeu dos Santos e Max Werner junto aos painéis: Max Werner limpa o verniz após a gravação (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 91 - Charlotte Cornish pinta com verniz os painéis do átrio (fotografia cedida por Bill Penney)



Fig. 92 - Vicky Edwards, Oona Grimes e Charlotte Cornish pintam um painel com uma folha (fotografia cedida por Bill Penney)



Fig. 93 - O livro contendo a assinatura do painel da Biblioteca: Bartolomeu dos Santos, Max Werner, J. Aiken e Luis Sousa Rebelo

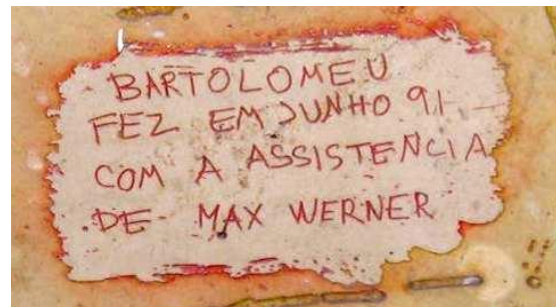


Fig. 94 - A assinatura do painel dos Lusíadas

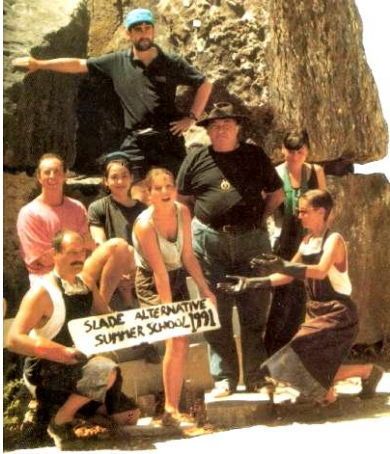


Fig. 95 - Os colaboradores do verão de 1991 (F.I. - M. Botelho e P. Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, p. 15)



Fig. 96 - A silhueta de Fernando Pessoa desenhada por Bartolomeu dos Santos e Max Werner



Fig. 97 - O navio desenhado por Max Werner e Bartolomeu dos Santos



Fig. 98 - O retrato de Bartolomeu dos Santos desenhado por Max Werner



Fig. 99 - O modelo de veleiro desenhado por Max Werner



Fig. 100 - Inscrição no painel da parede poente com as assinaturas dos trabalhadores, o nome do arquiteto e a referência à Graniver



Fig. 101 - Max Werner com os trabalhadores da Graniver (fotografia cedida por M^a João Schalk)

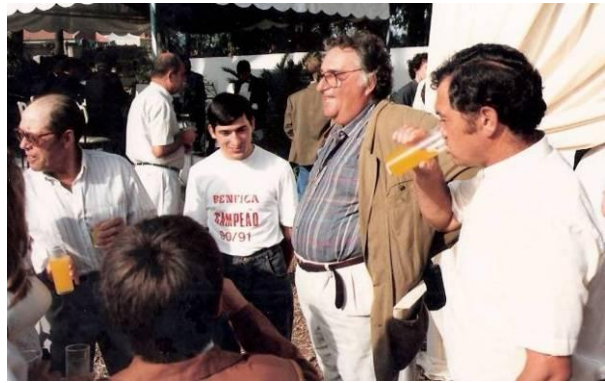


Fig. 102 - Bartolomeu dos Santos com os trabalhadores da Graniver, no beberete aquando da entrega da obra (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 103 - A biblioteca de Kiefer: "The High Priestess/ Zweistromland"
(F.I. - afmuseet.no/en/samlingen/kunstnere/k/anselm-kiefer/the-high-priestesszweitstromland, cons. 26/08/2013)



Fig. 104 - A prateleira dos livros favoritos de Bartolomeu dos Santos



Fig. 105 - A prateleira com o "Atlas" de Fernão Vaz Dourado



Fig. 106 - Livros de Marinharia e Cartas de Marear



Fig. 107 - "A Peregrinação", de Fernão Mendes Pinto

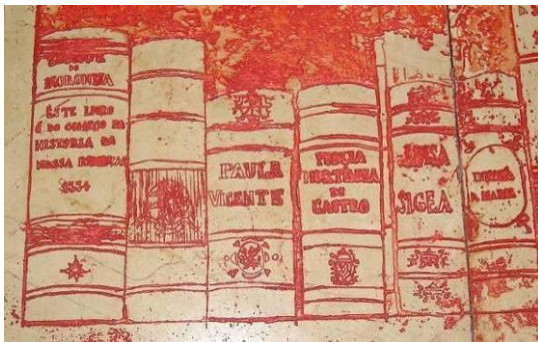


Fig. 108 - Grupo de escritoras do Séc. XVI



Fig. 109 - "Privilégios e Prerrogativas que o Género Feminino tem (...) Mais que o Masculino", de Rui Gonçalves



Fig. 110 - Obra do Padre António Vieira e O Mercúrio Português, entre outros



Fig. 111 - Herculano, Garrett, Bentham, José Agostinho Macedo e publicações em Londres



Fig. 112 - "Cartas de Marear" de Lopo Homem, "Vita Christi" e lombadas em branco, com e sem símbolos



Fig. 113 - Prateleira com "Partes de África", de Helder Macedo e "A Barragem", de Júlio Moreira



Fig. 114 - Visita à Graniver antes de um almoço de amigos. Da esquerda para a direita: Maria João Schalk, a mãe de Bartolomeu dos Santos, Ana Maria Viegas, a irmã de Bartolomeu dos Santos (oculta), Bartolomeu dos Santos e Júlio Moreira (fotografia cedida por Mª João Schalk)



Fig. 115 - A mesma visita à Graniver (fotografia cedida por Mª João Schalk)



Fig. 116 - Prateleira dos Futuristas



Fig. 117- Prateleira da "Presença"



Figs. 118 e 119 - Grupo da Biblioteca, Seara Nova

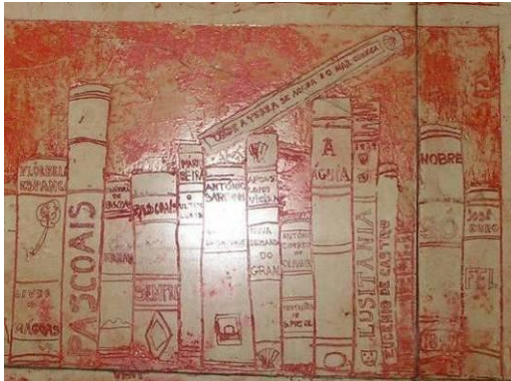


Fig. 120 - Florbela Espanca, Saudosistas Integralistas e Afonso Lopes Vieira



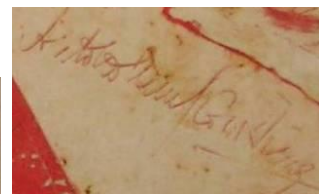
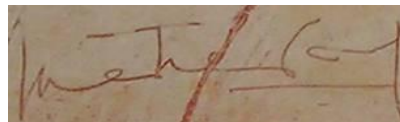
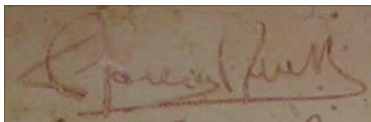
Fig. 121 - Júlio Dantas e Joaquim Leitão



Fig. 122 - O círculo central com as assinaturas



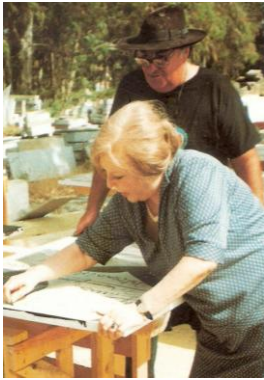
Fig. 123 - Algumas assinaturas no topo esquerdo



Figs. 124, 125 e 126 - Assinaturas ilegíveis



Figs. 127 e 128 - José Cardoso Pires e Manuel da Fonseca a assinarem painel (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 15 e 16)



Figs. 129 e 130 - Natália Correia e Agustina Bessa Luís a assinarem painel (F.I. - Margarida Botelho e Pina Cabral, *O Novo Interface do Metro de Entrecampos*, pp. 15 e 16)



Fig. 131 - Bartolomeu dos Santos a discursar na cerimónia de entrega da obra à ML, estando presentes Consiglieri Pedroso e Sanchez Jorge (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 132 - Visita aos painéis na cerimónia de entrega da obra à ML (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 133 - As instalações da Graniver com participantes na cerimónia de entrega da obra à ML (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 134 - Bartolomeu dos Santos e duas colaboradoras na cerimónia de entrega da obra à ML (fotografia cedida por M^a João Schalk)



Fig. 135 - A assinatura de Luís Garcia de Medeiros

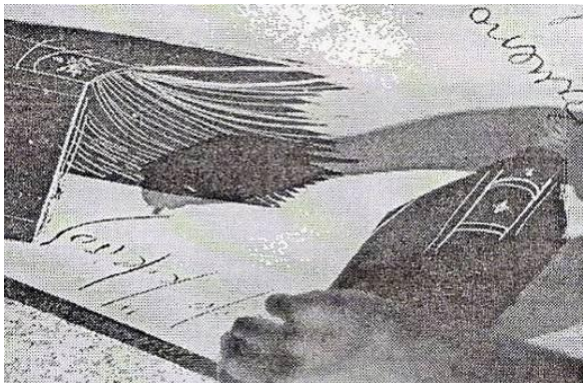


Fig. 136 - A sombra da mão de Luís Garcia de Medeiros a assinar (F.I. - *Noites*)



Fig. 137- Luís Garcia de Medeiros na praia da Adraga (F.I. - *Noites*)

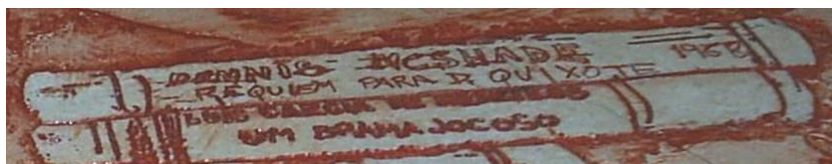


Fig. 138 - "Requiem Para D. Quixote", de Dennis McShade, e "Um Drama Jocososo", de Luís Garcia de Medeiros

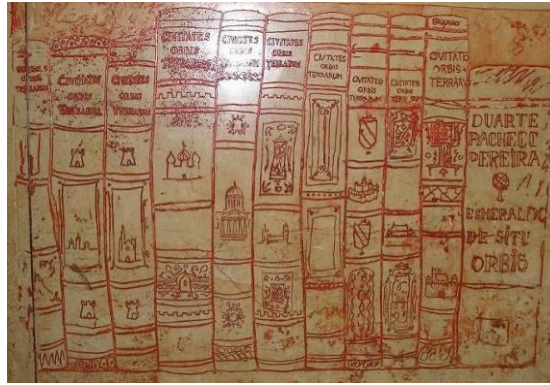


Fig. 139 - Livros com símbolos nas lombadas: "Civitas Orbis Terrarum" e "Esmeraldo de Situ Orbis"



Fig. 140 - Bulhão Pato



Fig. 141 - Almada

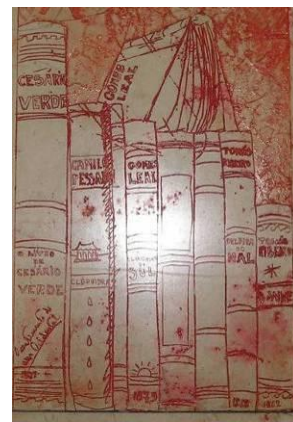


Fig. 142 - Cesário Verde e Camilo Pessanha



Fig. 143 - Antero de Quental, Bulhão Pato, Teófilo Braga, Júlio Diniz e Camilo Castelo Branco

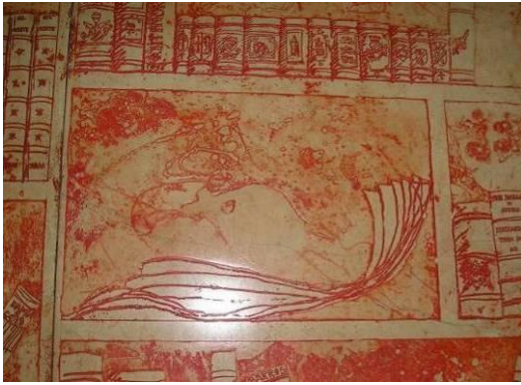


Fig. 144 - Folhas de papel



Fig. 145 - Compasso e esfera



Fig. 146 - Jarra com cravos



Fig. 147 - O livro de Max Werner junto às obras de João de Barros



Fig. 148 - Cafés e bares de Lisboa nos anos 50



Fig. 149 - Jeremy Bentham na University College
(F.I. - www.flickr.com/photos/hadevereux/1385875140/ sizes/m/in/photostream/)



Fig. 150 - *Joseph Crabtree and the Caliph of Fonthill*, de Bartolomeu dos Santos (fotografia do exemplar do arquivo da Galeria 111)



Fig. 151 - Musa do painel da Ode Marítima



Fig. 152 - Musa do painel dos Lusíadas

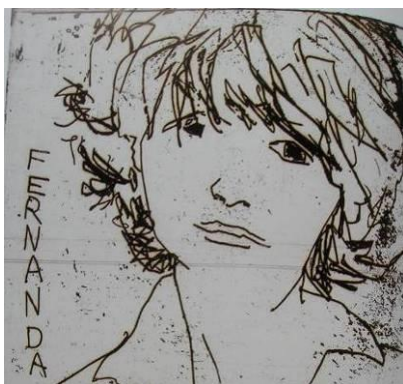


Fig. 153 - Retrato de Fernanda Paixão dos Santos (F.I. - *Bartolomeu dos Santos*, Centro Cultural de Cascais, p. 48)



Fig. 154 - Fernanda Paixão dos Santos na inauguração do Museu de Macau (pormenor de fotografia cedida por Jun Shirasu)

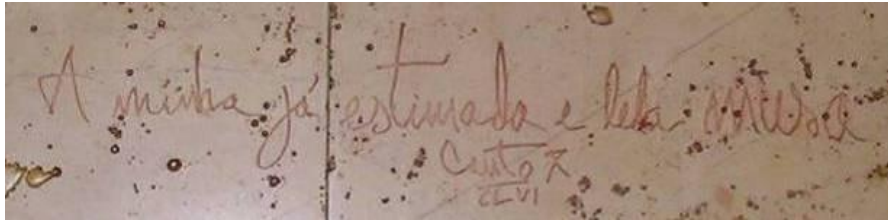


Fig. 155 - Inscrição junto à musa do painel dos Lusíadas

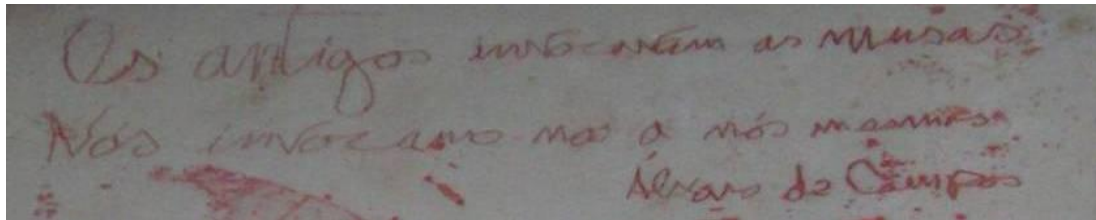


Fig. 156 - Inscrição junto à musa do painel da Ode Marítima

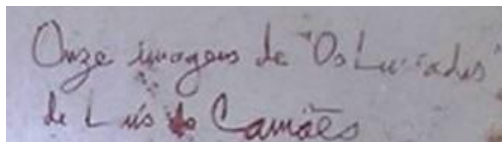


Fig. 157 - Inscrição no início painel dos Lusíadas



Fig. 158 - 1ª citação dos Lusíadas



Fig. 159 - 2ª citação dos Lusíadas



Fig. 160 - 3ª citação dos Lusíadas



Fig. 161 - 4ª citação dos Lusíadas



Fig. 162 - 5ª citação dos Lusíadas



Fig. 163 - 6ª citação dos Lusíadas



Fig. 164 - 7ª e 8ª citações dos Lusíadas



Fig. 165 - 9ª citação dos Lusíadas



Fig. 166 - 10ª citação dos Lusíadas



Fig. 167 - 11ª citação dos Lusíadas



Fig. 168 - 12ª citação dos Lusíadas



Fig. 169 - Paineis da Ode Marítima: a carta astral de Álvaro de Campos e um labirinto



Fig. 170 - Citação do poema de 1933 de Fernando Pessoa, o minarete da mesquita de Samarra, mapas e cartas



Fig. 171 - O título do painel e a silhueta de Fernando Pessoa desenhada por Bartolomeu dos Santos e que M. Werner corrigiu



Fig. 172 - O cais das colunas e o navio que M. Werner desenhou e Bartolomeu dos Santos corrigiu



Fig. 173 - Os desenhos das crianças



Fig. 174 - A gaivota, a janela, o rio



Fig. 175 - Fernando Pessoa antes de ser grande



Fig. 176 - Retrato e versos sobre Cesário Verde



Fig. 177 - O fim do painel



Fig. 178 - "Homenagem a Cesário Verde", 1984 (F.I. - Hors Texte, p. 19)



Fig. 179 - "Minha Adelina", 1979 (F.I. - Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 25)

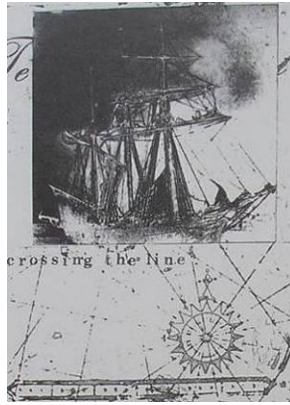


Fig. 180 - "Crossing the Line" (F.I. - Reminiscences on Fernando Pessoa, p. 26)

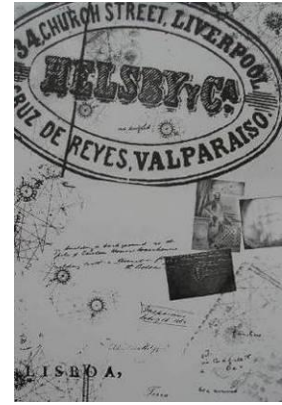


Fig. 181 - "Henry Munro in Valparaiso", 1980 (F.I. - Reminiscences on Fernando Pessoa, p. 12)

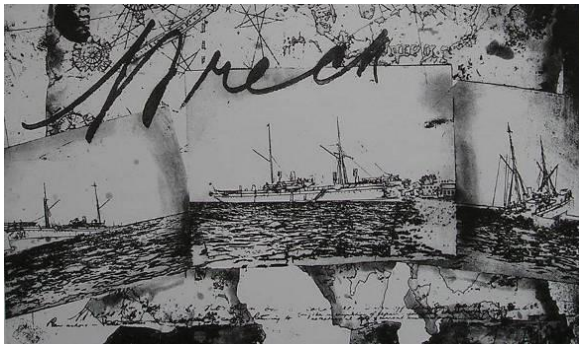


Fig. 182 - "Wreck" (F.I. - Reminiscences on Fernando Pessoa, p. 27)

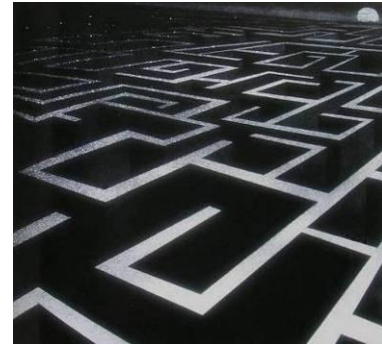


Fig. 183 - "Great Labyrinth", 1970 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 79.)

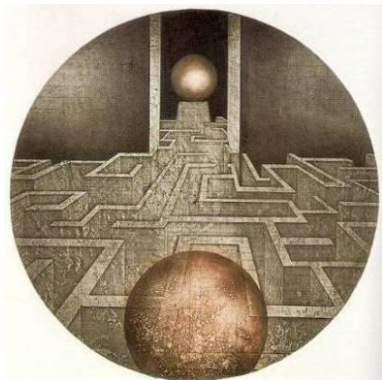


Fig. 184 - "The Visitor", 1971 (F.I. - Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 20)



Fig. 185 - Viagem ao Iraque em 1986: Bartolomeu dos Santos junto à mesquita de Samarra (F.I. - J. Matos Chaves e J. M. Fernandes Jorge, *Bartolomeu na Galeria da Universidade do Minho*, p. 8)



Fig. 186 - "Poeta Alberto Caeiro", 1984
 (F.I. - Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 28)

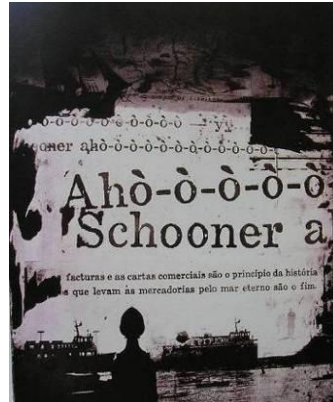


Fig. 187 - "Ode Marítima II", 1988 (F.I. - Reminiscences on Fernando Pessoa, p. 13)



Fig. 188 - "Nocturno", 1988 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 27)



Fig. 189 - "Liverpool to Valparaiso", 1979 (F.I. - Reminiscences on Fernando Pessoa, p. 20)



Fig. 190 - "Ode Marítima V", 1988 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 28)

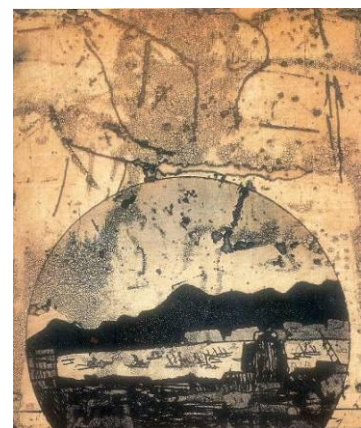


Fig. 191 - "Macau", 1990 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 21)



Fig. 192 - "Circular Landscape", 1979 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p.19)



Fig. 193 - "Fernando Pessoa Antes de Ser Grande", 1987 (exemplar de Helder Macedo e fotografia cedida pelo mesmo)



Figs. 194 e 195 - As duas laçadas no painel dedicado a Robert Motherwell



Fig. 196 - Painel da parede poente: a selva inicial



Fig. 197 - As pegadas



Fig. 198 - Pegadas que atravessam o lago



Fig. 199 - Pegadas que sobem a parede, plantas e náutilus



Fig. 200 - O fundo do mar



Fig. 201 - Painel da parede nascente: o magma inicial



Fig. 202 - Montanhas sob um céu revoltoso



Fig. 203 - O ovo



Fig. 204 - Charlotte Cornish a gravar as suas pegadas (fotografia cedida por Bill Penney)

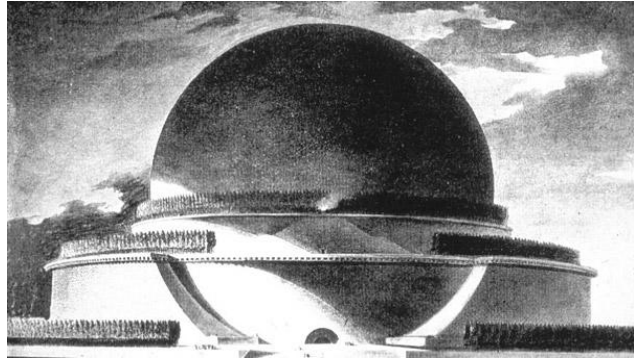


Fig. 205 - Projeto de um cenotáfio dedicado a Isaac Newton, por Étienne-Louis Boullée (F.I. - wikipedia.org/wiki/%C3%89tienne-Louis_Boull%C3%A9, cons. 19/12/2013)



Fig. 206 - "Portuguese Men of War", 1961 (F.I. - *Bartolomeu dos Santos*, Centro Cultural de Cascais, p. 58)

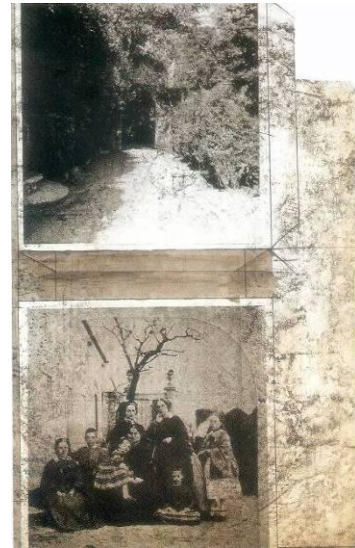


Fig. 207 - "Then and Now", 1972 (F.I. - *Bartolomeu dos Santos*, Centro Cultural de Cascais, p. 38)

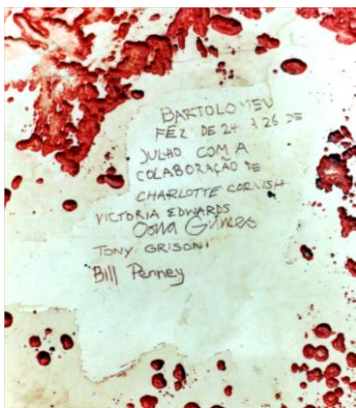


Fig. 208 - Pedra desaparecida com a assinatura dos assistentes (fotografia cedida por Bill Penney)



Figs. 209-A e 209-B - "Kai-Kai", 2003 (F.I. - *Bartolomeu dos Santos*, *Sonhos e Prazeres*)



Fig. 209-C - "Out of the Box", 2003, acrílico sobre tela (F.I. - Postal Lisboaarte 2004)

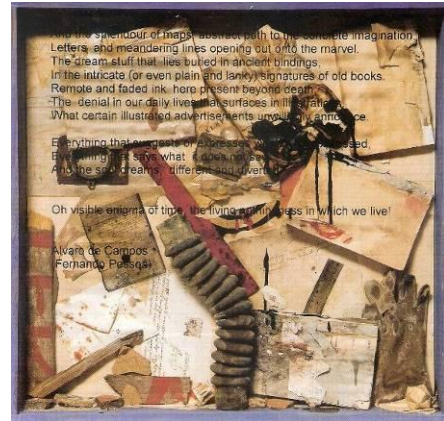


Fig. 210 - "Hommage to Álvaro de Campos", 2000, técnica mista (caixa com objetos) (F.I. - Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 32)



Fig. 211 - "Instalação II (Export Only)", 2006 (F.I. - Bartolomeu dos Santos, *Sinais dos Tempos*, p. 57)

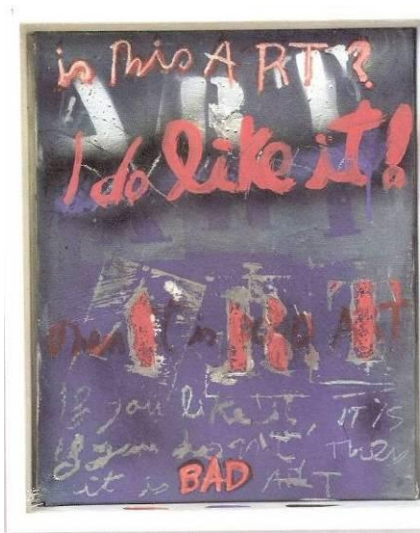


Fig. 212 - "Is This Art? (I do Like It)", s/ data, técnica mista (F.I. - Bartolomeu XXI, p. 13)



Fig. 213 - O painel de Nihonbashi (F.I. - *Painel para a Estação do Metro de Nihonbashi, em Tóquio*, pp. 14-15)



Fig. 214 - O painel na estação de metro de Nihonbashi (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)



Fig. 215 - Os colaboradores do painel de Nihonbashi (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)

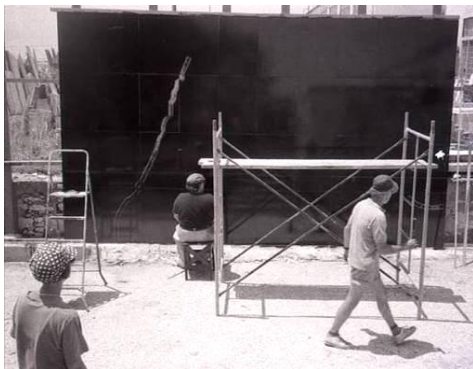


Fig. 216 - Bartolomeu dos Santos enfrentando o painel em branco (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)



Fig. 217 - Painel pronto a ser gravado, com o *hai ku* ao centro (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)



Figs. 218 e 219 - Lados esquerdo e direito do painel, respetivamente (F.I. - *Painel para a Estação do Metro de Nihonbashi, em Tóquio*, p. 23)



Fig. 220 - Bartolomeu dos Santos junto ao lado direito do painel (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons.20/12/2013)



Fig. 221 - Zona central do painel (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)

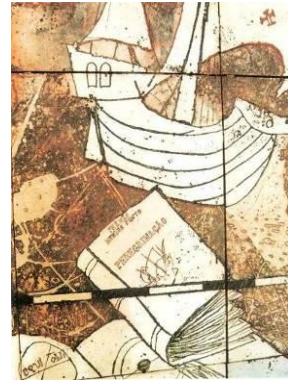


Fig. 222 - "Peregrinação", de Fernão Mendes Pinto (F.I. - *Painel para a Estação do Metro de Nihonbashi, em Tóquio*, p. 28)



Fig. 223 - "Vocabulario de Lingoa de Japan" (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)



Fig. 224 - "Sumario de las Cosas de Japon" , de Alessandro Vignano (F.I. - *nihombashipanel.blogspot.pt/*, cons. 20/12/2013)

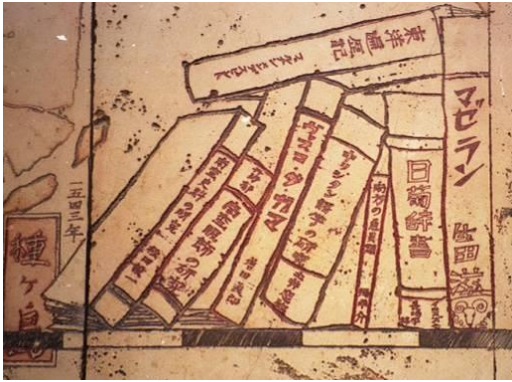


Fig. 225 - Os livros japoneses (F.I. - nihombashipanel. blogspot.pt/, cons. 20/12/2013)



Fig. 226 - Partes de África (F.I. - nihombashipanel. blogspot.pt/, cons. 20/12/2013)



Fig. 227 - Os painéis do Museu de Macau (fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)

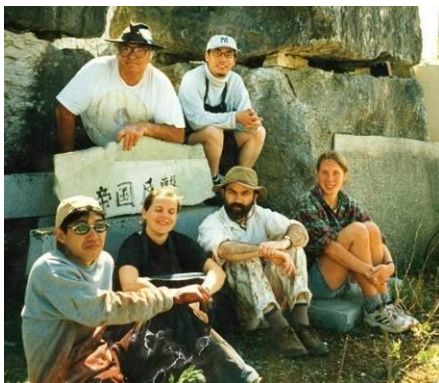


Fig. 228 - Bartolomeu dos Santos com os colaboradores dos painéis do Museu de Macau (fotografia cedida por Jun Shirasu)



Fig. 229 - O início do painel esquerdo, com costelas-de-adão (fotografia cedida por Jun Shirasu)



Fig. 230 - Vista de Macau contemporâneo, no painel direito (fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)



Fig. 231 - Vista de Macau antigo, no painel esquerdo (fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)

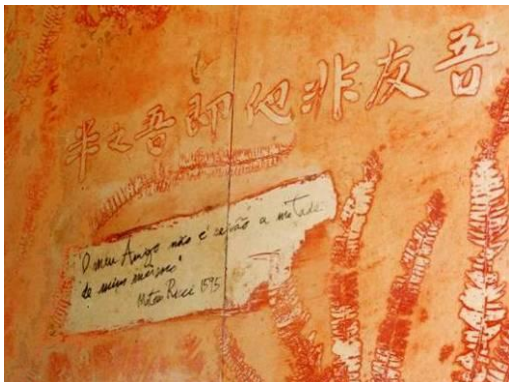


Fig. 232 - Citação de Mateus Ricci, 1525 (fotografia cedida por Jun Shirasu)



Fig. 233 - Poema de Camilo Pessanha (pormenor de fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)



Fig. 234 - Assinatura do painel direito (fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)



Fig. 235 - Assinatura do painel esquerdo (fotografia cedida por Joana Cervantes Nogueira, Museu de Macau)



Fig. 236 - O painel da estação do Pragal (F.I. - galeriaratton.blogspot.pt/, cons. 26/12/2013)



Fig. 237 - Primeira imagem do painel: "Breve Memória Sobre a Vida de Fernão Mendes Pinto"



Fig. 238 - Segunda imagem do painel: "Naufrágios Muitos"



Fig. 239 - Terceira imagem do painel: "Nos Rios de Sumatra"



Fig. 240 - Quarta imagem do painel: "O Banquete em Liampó"



Fig. 241 - Quinta imagem do painel: "Combates no Mar"

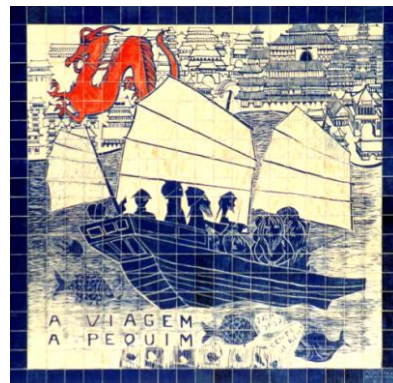


Fig. 242 - Sexta imagem do painel: "A Viagem a Pequim" (fotografia cedida por Jun Shirasu)



Fig. 243 - Sétima imagem do painel: "No Japão" (fotografia cedida por Jun Shirasu)



Fig. 244 - Bartolomeu dos Santos (com chapéu redondo), desenhado por Jun Shirasu (pormenor da 7ª imagem)



Fig. 245 - Lembrança do painel de Nihonbashi: homem que examina um menino com lupa (pormenor da 7ª imagem)



Fig. 246 - Pescadores vendendo peixe e proferindo uma palavra que se pronuncia "sákáná" (pormenor da 7ª imagem)



Fig. 247 - Figuras desenhadas por Ana João Romana e Jun Shirasu (pormenor da 5ª imagem)



Fig. 248 - Pássaros desenhados por Urbano Resendes (pormenor da 6ª imagem)



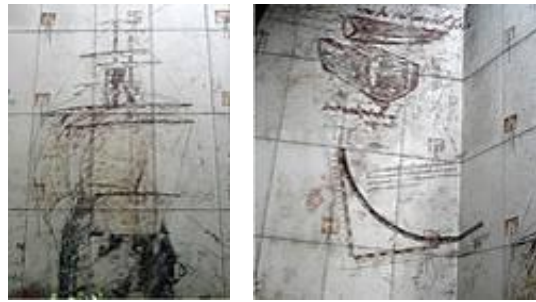
Fig. 249 - Assinatura e identificação do painel



Fig. 250 - Assinatura e identificação do painel



Fig. 251 - "As Vias da Água"
(F.I. - www.metro.sp.gov.br/, cons. 26/12/2013)



Figs. 252 e 253 - Pormenores de "As Vias da Água"
(F.I. - www.flickr.com/photos/ginasant/3366080462/, cons. 26/12/2013)



Fig. 254 - Figura de índia retirada de uma gravura do séc. XVI (F.I. - www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=434946&page=122, cons. 26/12/2013)



Fig. 255 - "As Vias do Céu" (F.I. - *Arte no Metrô*, in "www.metro.sp.gov.br/", cons. 26/12/2013)



Fig. 256 - Retrato de Santos Dumont e a chegada dos aviadores portugueses (F.I. - www.flickr.com/photos/ginasant/3366080462/, cons. 26/12/2013)

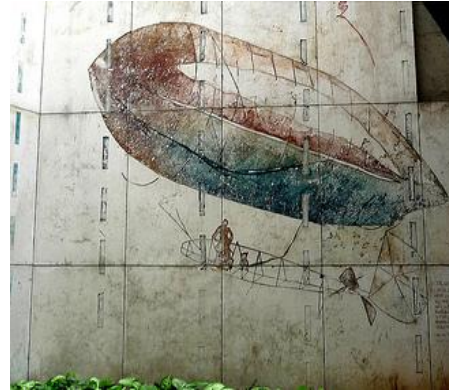


Fig. 257 - Dirigível nº 9, de Santos Dumont (F.I. - www.flickr.com/photos/ginasant/3366080462/, cons. 26/12/2013)



Fig. 258 - "Martim Moniz", de José João de Brito

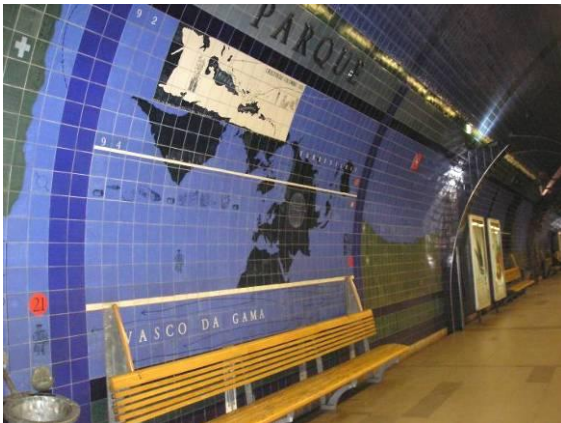


Fig. 259 - Estação Picoas, com intervenção de Françoise Schein e Frederica Matta



Figs. 260 e 261 - Pilastras de Frederica Matta



Fig. 262 - "Praia do Vau", de Joaquim Rodrigo, estação Oriente



Fig. 263 - Paineis de azulejos de Sean Scully, estação Oriente



Fig. 264 - "Fish", de Magdalena Abakanowicz, estação Oriente



Fig. 265 - Paineis de azulejos de Abdoulaye Konaté, estação Oriente



Fig. 266 - Painel de azulejos de Zao Wou Ki, estação Oriente



Figs. 267 e 268 - Painéis de azulejos de António Sérgio, estação Oriente



Figs. 269 e 270 - Painéis de azulejos de Yayoi-Kusama, estação Oriente



Fig. 271 - "Submersão da Atlântida", de Hundertwasser, estação Oriente



Fig. 272 - Paineis de azulejos de Arthur Boyd, estação Oriente



Fig. 273 - "Les Océans", de S. H. Raza, estação Oriente



Fig. 274 - Paineis de azulejos de Errö, estação Oriente



Fig. 275 - Paineis de azulejos de Júlio Pomar para estação Botanique, Bruxelas
(F.I. - tilesforarchitects.com/projects/botanique-metro-station-brussels, cons. 27/12/2013)



Fig. 276 - "Ocean Piece", de Jorge Martins, estação Archive-Navy Memorial, Washington (F.I. - www.publicartinla.com/other_cities/dc/ocean_piece.html, cons. 26/12/2013)

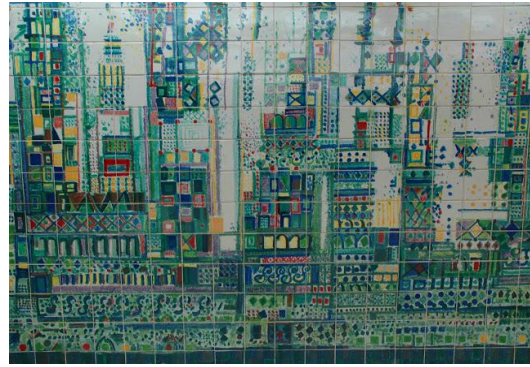


Fig. 277 - Pannel de azulejos de Manuel Cargaleiro, estação Champs Élisées-Clémenceau, Paris (F.I. - parisandbeyond-genie.blogspot.pt/2011/10/metro-champs-elysees-clemenceau.html, cons. 26/12/2013)



Fig. 278 - Pannel de azulejos de João Vieira, estação Deár Tér, Budapeste (F.I. - www.urbanrail.net/eu/hu/budapest/budapest-line3.htm, cons. 19/11/2013)



Figs. 279 e 280 - "Sidney I" e "Sidney II", de Teresa Magalhães, estação Martin Place, Sidney (F.I. - theartlife.com.au/2010/public-art-life-walking-tour/, cons. 27/12/2013)



Figs. 281 e 282 - "A Cultura e as Civilizações", de José de Guimarães, estação Chabacango (F.I. - www.mural.ch/index.php?kat_id=w&id2=61, cons. 27/12/2013)



Fig. 283 - "AZULEJOSPARARSANTIAGO", painel "A Terra", de Rogério Ribeiro, estação Santa Lucía, Santiago do Chile (F.I. - en.wikipedia.org/wiki/Santa_Luc%C3%ADa_metro_station, cons. 27/12/2013)



Figs. 284 e 285 - Escultura em terracota e parede de azulejos dedicados ao botânico Lineu, de Dimas Macedo, estação Friedhemplan, Estocolmo (F.I. - www.dimas-macedo.fr/cadre3.htm, cons. 27/12/2013)



Fig. 286 - "La Ville Imaginaire", de João Chartres de Almeida, estação Ile de Sainte Hélène, Montréal (F.I. - www.metrodemontreal.com/yellow/jeandrapeau/history.html, cons. 27/12/2013)



Fig. 287 - Paineis de azulejos de Graça Morais, estação Belourusskaya, Moscovo (F.I. - forum-macedense.blogspot.pt/2004_01_01_archive.html e www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431156&page=29&langid=5, cons. 27/12/2013)



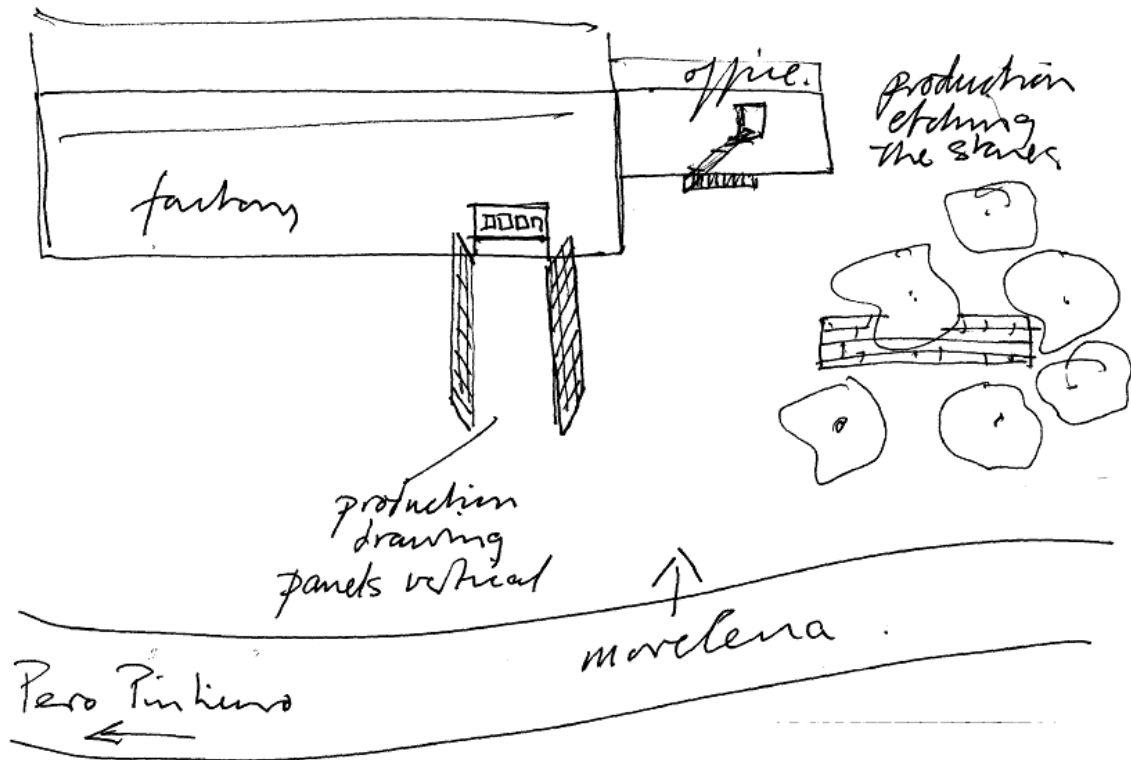
Fig. 288 - "Brasil-Portugal: 500 Anos - A Chegança", de Luís Ventura, estação Restauradores



Fig. 289 - Gradeamento e pÓrtico com desenho de Hector Guimard (cÓpia), estação Picoas

Desenho do estaleiro da Graniver, por John Aiken

(25 de março de 2011)



ANEXO 2 - CONTEÚDO DO PAINEL DA BIBLIOTECA

Lista de livros do painel da Biblioteca

Esquema do painel da Biblioteca

LIVROS DO PAINEL DA BIBLIOTECA¹

A) METADE DIREITA DO PAINEL²

PRATELEIRA 1

1. Notícias do Torto
2. Afonso X, Cantigas de Santa Maria
3. Crónica de Santa Pelágia³
4. Cancioneiro
5. Vida de Tarsis
6. Cancioneiro
7. Visão de Túndalo
8. Vida de Santa Pelágia
9. Cancioneiro
10. D. Diniz, Cantigas de Maldizer
11. D. Diniz, Cantigas de Amor
12. D. Diniz, Cantigas de Amigo
13. Crónica Geral de Espanha, III, 1344
14. Crónica Geral de Espanha, II, 1344
15. Crónica Geral de Espanha, I, 1344

PRATELEIRA 2

16. Martim Codax
17. Joam Lobeira
18. "ABRIL—MAIO—1991 / BARTOLOMEU FEZ / COM A COLABORAÇÃO DE MAX WERNER E A ASSISTÊNCIA DE J. AIKEN / CONSELHO LITERÁRIO PROFESSOR LUÍS DE SOUSA REBELO"
19. Pai Soares de Taveirós
20. D. Diniz, Cantigas

¹ Prateleiras numeradas de baixo para cima e da direita para a esquerda. Inclui-se também a indicação dos objetos decorativos nas prateleiras respetivas.

² Contém 240 livros, sequenciados, dentro das prateleiras, da direita para a esquerda.

³ Não se encontrou obra com este título.

21. Joam Zorro
22. Lourenço, Jograr
23. D. Sancho

PRATELEIRA 3

24. Boosco Deleitoso
25. Dom Pedro Afonso, O Livro de Linhagens
26. Amadis de Gaula⁴
27. Crónicas Breves de Santa Cruz de Coimbra
28. Castelo Perigoso
29. Orto do Esposo
30. Crónica dos Sete Reis, 1419
31. Crónica dos Cinco Reis
32. Crónicas Breves de Santa Cruz de Coimbra
33. Annales Portugalenses Veteres
34. Demanda do Santo Graal
35. Corte Imperial⁵
36. Espelho de Cristina
37. Livro das Três Virtudes
38. Crónicas
39. Crónica
40. D. João I, Livro da Montaria
41. Livro de Alveitaria

PRATELEIRA 4

42. Marcial de Gouveia
43. Diogo de Gouveia, o Moço, Obras
44. António de Gouveia
45. Diogo de Gouveia, o Velho, Obras
46. Henrique Caiado, Aeglogae et Syluae et Epigrammata Hermici, 1501

⁴ É de João Lobeira. No início do séc. XX só circulava em castelhano, tendo sido traduzido por Afonso Lopes Vieira em 1922.

⁵ Será certamente o *Livro da Corte Imperial*.

47. Martinho de Figueiredo, Commentarum in Plinii Naturalis Historiae Prologum a Iuris Vtriusque Doctores Martino Figuereto Editio Serenissimi, 1529⁶
48. Estêvão de Cavaleiro, Nova Gramaticae II, 1516
49. Estêvão de Cavaleiro, Artis Gramaticae I, 1503
50. Estêvão de Cavaleiro, Nova Gramatices de Virgilius Ars, 1516
51. André de Gouveia, Principal de (Montarque)⁷
52. André de Gouveia, Le Plos Grant Ils France⁸
53. André de Resende, Carmen Eruditum et Elegans
54. Oração de Sapiência, 1534⁹
55. Resende, De Antiquitatibus Lusitani
56. André de Resende, História da Antiguidade da Cidade de Évora, 1553
57. João Fernandes, Oração Sobre a Fama da Universidade, 1548
58. Diogo de Teive, Joannes Principes

PRATELEIRA 5

59. Mestre André Dias, Lendas e Cantigas e Spirutuals¹⁰, 1432

PRATELEIRA 6

60. Valentim Fernandes, Vita Christi, 1495
61. Valentim Fernandes, Vita Christi, 1495
62. Valentim Fernandes, Vita Christi, 1495
63. Valentim Fernandes, Vita Christi, 1495
64. Lopo Homem, Mestre de Nossas Cartas de Marear, Cartas de Marear, 1517

PRATELEIRA 7

Modelo de caravela

PRATELEIRA 8

65. João de Lisboa, Pero Anes, Livro de Marinharia, 1507¹¹

⁶ O título da obra real continua com "Portugalie Regis Senatore".

⁷ Menção manuscrita na lombada, para a qual não se encontrou justificação.

⁸ Não se encontrou esta obra.

⁹ É a *Oratio pro Rostris* de André de Resende.

¹⁰ O título da obra real é *Laudes e Cantigas Espirituais*.

66. Duarte Galvão, Crónicas de Mui Alto e Miui Esclarecido Príncipe D. Afonso Henriques, Primeiro Rei de Portugal
67. António Galvão, História das Malucas¹²
68. Galvão, Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos Feitos até à Era de 1550
69. Tomé Pires, Suma Oriental
70. Fernão de Oliveira, Arte da Guerra do Mar, 1555¹³
71. Fernão de Oliveira, Gramática de Linguagem Portuguesa, 1536¹⁴

PRATELEIRA 9

72. D. Pedro, A Virtuosa Benfeitoria
73. D. Pedro, Livro dos Ofícios de Marco Túlio Cicerom
74. Crónicas do Condestabre, 1432
75. Fernão Lopes, Crónica de D. Fernando
76. Fernão Lopes, Crónica de D. João I
77. Lopes
78. Lopes, Crónica
79. Fernão Lopes
80. Fernão Lopes, Crónica de D. Pedro
81. Pero Menino, Livro de Falcoaria
82. D. Duarte, Leal Conselheiro
83. D. Duarte, Ensinança de Bem Cavalgar¹⁵, 1561
84. Acenheiro, Crónica dos Senhores Reis de Portugal, 1535
85. Crónica de D. Duarte de Menezes¹⁶
86. Crónica de D. Pedro de Menezes¹⁷
87. Zurara, Crónica do Descobrimento e da Conquista da Guiné
88. Zurara, Crónica da Tomada de Ceuta

¹¹ Esta obra, tal como vem designada, não existe, aqui figurando certamente como uma referência a este tipo de livros. O livro de marinharia mais antigo que se conhece é referenciado como "de João de Lisboa" por nele estar incluído o *Tratado da Agulha de Marear*, de 1514 e de sua autoria.

¹² O título da obra real é *História das Ilhas de Maluco*.

¹³ O nome do autor é Fernando Oliveira.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ O título da obra real é *Ensinança da Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela*.

¹⁶ É de Gomes Eanes de Zurara.

¹⁷ *Idem*.

89. Pina, Crónica de D. João II

PRATELEIRA 10

90. Martinho de Figueiredo, Obras, 1529¹⁸
91. André Falcão de Resende, Microcosmografia
92. Manuel Severim de Faria, Discursos Vários Políticos
93. Jerónimo Osório, De Rebus Emmanuelis Gestis, 1571
94. Osório
95. Francisco de Holanda, Da Pintura Antiga, 1548
96. Francisco de Holanda, Do Tirar Pelo Natural, 1549
97. Francisco de Holanda, Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa, 1571
98. De Glória¹⁹
99. Antigualhas que Vio Francisco de Olanda²⁰
100. Garcia de Resende, Cancioneiro Geral, 1516
101. Garcia de Resende, Trovas à Morte de D. Inês de Castro²¹
102. Garcia de Resende, Vida e Feitos de D. João II, 1545
103. Infanta D. Maria
104. Luísa Sigea
105. Públia Hortênsia de Castro
106. Paula Vicente
107. Leonor Noronha, Este Livro é do Começo da História da Nossa Redenção, 1554

PRATELEIRA 11

Livros sem identificação

PRATELEIRA 12

108. Braz de Albuquerque, Comentário do Grande Afonso de Albuquerque, 1557
109. Albuquerque, Cartas
110. Gaspar Correia²², Corografia, 1561

¹⁸ A obra que se encontra neste ano é o Comentário à História Natural de Plínio (nº 47 supra).

¹⁹ É de Jerónimo Osório.

²⁰ O título da obra real é *Os desenhos das antigualhas que vio Francisco d'Hollanda, pintor português*.

²¹ Incluídas no cancionero de 1516.

²² É de Gaspar Barreiros e não de Gaspar Correia (cfr. nº 179 infra).

111. Gaspar Correia, Lendas da Índia
112. Frei Gaspar da Cruz, Tratado das Cousas da China e de Ormuz, 1570
113. Pedro Nunes, De Arte Atque Ratione Navigandi Libri Duo, 1566
114. Itinerário

PRATELEIRA 13

115. Pina, III
116. Pina, II
117. Pina, I
118. Rui de Pina
119. Dom João de Castro, Roteiro de Lisboa a Goa
120. Dom João de Castro, Roteiro do Mar Roxo
121. Álvaro Velho, Roteiro da Viagem de Vasco da Gama²³
122. António Tenreiro, Itinerário, 1560
123. Francisco Álvares, Verdadeira Informaçam das Terras do Preste Joam das Indias, 1540
124. Pero Vaz de Caminha, Carta

PRATELEIRA 14

125. Pedro Nunes, Tratado da Esfera, 1537
126. Pedro Nunes, De Crepusculis
127. Fernão José Lopes de Castanheda, Descobrimento e Conquista da Índia Pelos Portugueses²⁴
128. Fernão José Lopes de Castanheda, Descobrimento e Conquista da Índia Pelos Portugueses²⁵
129. Fernão José Lopes de Castanheda, Descobrimento e Conquista da Índia Pelos Portugueses, 1556²⁶

²³ O título da obra real é *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*.

²⁴ O título da obra real começa por "História do".

²⁵ *Idem*.

²⁶ *Idem*.

PRATELEIRA 15

130. Francisco de Andrada, Crónica de D. João III
131. Francisco de Andrada, Crónica de D. João III
132. Francisco de Andrada, Crónica de D. João III
133. André de Avelar, Reportório dos Tempos, 1582
134. André de Avelar, Tratado do Uso da Esfera, 1593
135. Frei Pantaleão de Aveiro, Itinerário da Terra Santa, 1593

PRATELEIRA 16

136. Jorge Ferreira de Vasconcelos, Eufrosina²⁷, 1555
137. Jorge Ferreira de Vasconcelos, Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda, 1567
138. Palmeirim de Inglaterra²⁸
139. Aires Barbosa, Antimoria²⁹, 1536

PRATELEIRA 17

140. Livro das Armadas
141. António Galvão, Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos Feitos até à Era de 1550, 1563
142. António Galvão, Historia das Malucas³⁰
143. Perestrelo, Roteiro do Cabo da Boa Esperança ao das Correntes³¹
144. Fernão Vaz Dourado, Atlas, 1568

PRATELEIRA 18

145. Barros, IV
146. Barros, IV
147. Barros, Décadas, IV
148. Barros, III

²⁷ O título da obra real é *Comédia Eufrosina*.

²⁸ É um romance de cavalaria de Francisco de Moraes.

²⁹ O título da obra real é *Arij Barbosa Lusitani Antimoria eiusdem nonnulla epigramata*.

³⁰ O título da obra real é *História das Ilhas de Maluco* (v. n.º 67 supra).

³¹ O título da obra real é *Roteiro da África do Sul e Sueste desde o Cabo da Boa Esperança ao das Correntes*.

149. Barros, Décadas, III
150. Barros, II
151. Barros, Décadas, II
152. Barros, I
153. Barros, I
154. Barros, Décadas, I

PRATELEIRA 19

155. Max Werner, Viagens em Portugal, 1991³²
156. Barros
157. João de Barros
158. João de Barros, Ropicapnefma
159. Barros, Gramática
160. João de Barros, Crónica do Imperador Clarimundo, 1522

PRATELEIRA 20

Folhas de papel

PRATELEIRA 21

161. Duarte Pacheco Pereira, Esmeraldo de Situ Orbis
162. Braunio, Civitates Orbis Terrarum
163. Civitates Orbis Terrarum
164. Civitates Orbis Terrarum
165. Civitates Orbis Terrarum
166. Civitates Orbis Terrarum
167. Civitates Orbis Terrarum
168. Civitates Orbis Terrarum
169. Civitates Orbis Terrarum
170. Civitates Orbis Terrarum
171. Civitates Orbis Terrarum

³² Livro que não existe.

PRATELEIRA 22

172. Trancoso, Regra Geral Para Aprender a Tirar pela Mão as Festas Mudáveis, 1570
173. Gonçalo Fernandes Trancoso, Contos e Histórias de Proveito e Exemplo, vol. II, 1575-1590
174. Christian Pueri Institutio, Societatis Iesu, in Portu Macaensi, 1588
175. Pero de Magalhães Gândavo, História da Província de Santa Cruz, 1576
176. Pero de Magalhães Gândavo, Regras que Ensinão a Maneira de Escrever, 1574
177. Gaspar Barreiros, Censuras Sobre Quatro Livros, 1561
178. Gaspar Barreiros, Corografia
179. Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra
180. Frei Tomé de Jesus, Trabalhos de Jesus

PRATELEIRA 23

181. Damião de Góis
182. Góis
183. Damião de Góis, Crónica do Príncipe D. João, 1567
184. Damião de Góis, Crónica do Rei D. Manuel, 1566
185. Naufrágio da Nau S. Bento, 1554³³
186. Diogo de Couto, Décadas
187. Diogo de Couto, O Soldado Prático
188. Luís Fróis, Carta do Japan, 1589
189. Diogo de Couto, Décadas, VII
190. Padre Luís de Fróis, História de Japam
191. Pedro Frias, Crónica de El-Rei Dom António
192. Garcia de Horta, Goa³⁴, 1563
193. Lopo de Sousa Coutinho, Livro do Primeiro Cerco de Diu, 1556
194. Jerónimo Corte Real, O Segundo Cerco de Diu³⁵, 1574

³³ É de Manuel de Mesquita Perestrelo.

³⁴ A obra publicada por Garcia de Horta em Goa, em 1563, foi *Colóquio dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*.

³⁵ O título da obra real é *Sucesso do Segundo Cerco de Diu*.

PRATELEIRA 24

195. Gil Vicente, Obras
196. Gil Vicente, Obras
197. Gil Vicente, Auto da Lusitânia
198. Gil Vicente, Obras
199. Gil Vicente, Floresta de Enganos
200. Gil Vicente, Auto da Índia
201. Gil Vicente, Exortação da Guerra
202. António Lisboa, Auto dos Dois Ladrões
203. Sebastião Pires, Auto da Bela Menina
204. Rui Gonçalves, Privilégios e Prerrogativas que o Género Feminino tem por Direito Comum e Ordenações do Reino, Mais que o Masculino, 1557
205. Frei Heitor Pinto, Imagem da Vida Cristã, 1572
206. Frei Heitor Pinto, Imagem da Vida Cristã, 1572

PRATELEIRA 25

207. Manuel Fernandes, Livro das Traças de Carpintaria

PRATELEIRA 26

208. Bento Teixeira, Prosopopeia 1601
209. Vasco Mouzinho de Quevedo, Afonso Africano, 1611
2010. Vasco Mouzinho de Quevedo, Discurso Sobre Vida e Morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal, 1596
2011. Frei Bernardo de Brito, Monarquia Lusitana, 1597

PRATELEIRA 27

Livros sem identificação

PRATELEIRA 28

2012. Naufrágio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda, 1594³⁶

³⁶ É de Jerónimo Corte-Real.

213. Índice dos Livros Proibidos, 1564
214. Foreiro, Iesaiæ³⁷, 1563
215. Frei João dos Santos, Etiópia Oriental, 1609

PRATELEIRA 29

216. Sá de Miranda, Os Estrangeiros³⁸
217. Sá de Miranda, Obras, 1595
218. Sá de Miranda, Obras, 1595
219. Sá de Miranda, Obras, 1595
220. Sá de Miranda, Obras, 1595
221. António Ferreira, Castro, 1587
222. António Ferreira, Poemas Lusitanos, 1598
223. António Ferreira, Bristo
224. Frei Amador Arrais, Diálogos, 1589

PRATELEIRA 30

225. Jorge Ferreira, Comédias
226. Pero de Andrade Caminha, Poesia
227. Diogo Bernardes, Rimas
228. Diogo Bernardes, O Lima
229. Frei Agostinho da Cruz
230. Frei Agostinho da Cruz
231. Samuel Usque, Consolação às Tribulações de Israel, 1553
232. Bernardim Ribeiro, História da Menina e Moça, 1554
233. Bernardim Ribeiro, Éclogas
234. António Ribeiro Chiado, Auto das Regateiras, 1568

PRATELEIRA 31

Livros sem identificação, a cair para o centro.

³⁷ O título da obra real é *Iesaiæ prophetæ vetus & noua ex Hebraico versio*.

³⁸ Apenas se consegue ler "strange".

PRATELEIRA 32

235. Fernão Mendes Pinto, Peregrinação
236. António de Andrada, Novo Descobrimento do Gram Catayo

PRATELEIRA 33

237. Os Lusíadas³⁹
238. Luís Vaz de Camões, Rimas
239. Auto de El-Rei Seleuco⁴⁰

B) METADE ESQUERDA DO PAINEL⁴¹

PRATELEIRA 34 (a cair para o círculo central)

240. Frei Luís de Sousa, Vida de S. Bartolomeu dos Mártires⁴², 1619

PRATELEIRA 35

241. D. Manuel Caetano de Sousa, Expediitio Hispanica Apostoli S. Jacobi Maioris Asserta, et S. Paulo, Apostolo Dissertatio, Historico-Critica, 1727-1732
242. Frei António das Chagas, Obras Espirituais⁴³, 1684
243. Frei António das Chagas, Cartas Espirituais, 1684
244. Cardonega, História Geral das Guerras Angolanas, 1680-81
245. Padre Manuel Godinho, Relação do Novo Caminho que Fez por Terra e por Mar da Índia a Portugal, 1665
246. D. Fernando Xavier de Meneses, Acções d'El-Rei D. João I, 1677
247. Jacinto Freire de Andrade, Vida de D. João de Castro, 1615⁴⁴
248. Manuel Severim de Faria, Notícias de Portugal, 1655
249. Manuel Severim de Faria, Discursos Políticos⁴⁵, 1624
250. António Bocarro, Livro das Plantas de todas as Fortalezas⁴⁶

³⁹ É de Luís de Camões.

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ Contém 554 livros, sequenciados, dentro das prateleiras, da esquerda para a direita.

⁴² O título da obra real é *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*.

⁴³ O título da obra real é *Obras Espirituais Póstumas*.

⁴⁴ O autor e o título estão muito encobertos por outro livro, não se lendo na totalidade.

⁴⁵ O título da obra real é *Discursos Políticos Vários*.

251. Manuel Bocarro
252. Ribeiras do Mondego, 1623⁴⁷

PRATELEIRA 36

253. Faria e Sousa, Fuente de Aganipe y Rimas Várias⁴⁸, 1644
254. Bocarro, Livro dos Feitos de Gonçalo Pereira
255. António Bocarro, Décadas, 1617

PRATELEIRA 37

256. Faria e Sousa, Europa Portuguesa, 1666-1680
Compasso e globo
257. Francisco Sá e Meneses, Malaca Conquistada⁴⁹
258. Manuel de Faria e Sousa, Ásia Portuguesa, 1666

PRATELEIRA 38

259. Dom Francisco de Portugal, Arte de Galanteria, 1670
260. D. Francisco Manuel de Melo, O Fidalgo Aprendiz, Carta de Guia de Casados,
Epanáforas⁵⁰, Feira dos Anexins
261. D. Francisco Manuel de Melo, Obras Métricas, 1664
262. D. Francisco Manuel de Melo, Relógios Falantes
263. D. Francisco Manuel de Melo, Tratado da Ciência Cabala
264. António de Sousa Macedo, Ulissipo, 1640
265. Gabriel Pereira de Castro, Ulisseia
266. Pedro de Mariz, Diálogos de Vária História
267. Fernão Álvares do Oriente, Lusitânia Transformada, 1607
268. João de Lucena, História da Vida do Padre Francisco Xavier, 1600
269. Estação, Sonetos⁵¹, 1604
270. Gonçalo Anes Bandarra, Trovas, 1603

⁴⁶ O título da obra real continua com "cidades e povoações do Estado da Índia Oriental".

⁴⁷ É de Eloi de Sá Sottomaior.

⁴⁸ O título da obra real é *Fuente de Aganipe o Rimas Várias*.

⁴⁹ O título da obra real continua com "por o grande Afonso de Albuquerque".

⁵⁰ O título da obra real continua com "de vária história portuguesa".

⁵¹ O título da obra real continua com "canções, élogas e outras rimas".

271. Tagarro, Laura de Anfriso, 1627

PRATELEIRA 39

272. Bernardes Gomes de Brito, História Tragico-Marítima, 1735-36

273. Ribeiro Sanches, Dificuldades que Tem o Reino Velho para Emendar-se⁵²

274. Tomás Pinto Brandão, Este é o Bom Governo de Portugal⁵³

275. Ribeiro Sanches, Método⁵⁴, 1763

276. Ribeiro Sanches, Cartas Sobre a Educação da Mocidade, 1760

277. Luís António Verney, Verdadeiro Método de Estudar

278. Cavaleiro de Oliveira, Cartas Familiares, 1741-42

279. D. Luís da Cunha, Testamento Político

280. D. Luís da Cunha, Instruções⁵⁵

281. Francisco Xavier de Meneses, Conde da Ericeira, Obras

282. Mercúrio Português⁵⁶

283. António de Sousa Macedo, Ulissipo, 1640

284. Padre António Vieira, Sermões, 1679-1699

285. Padre António Vieira, Sermões

286. Padre António Vieira, História do Futuro

287. A Arte de Furtar⁵⁷

PRATELEIRA 40

288. Alexandre Herculano, Portugaliae Monumenta Historica, 1856

289. Herculano, Opúsculos

290. Herculano, A Harpa do Crente, 1838

291. Castilho, Cartas de Eco e Narciso

292. Alexandre Herculano, História de Portugal, 1856

293. Herculano, Eurico, o Presbítero, O Bobo, O Monge de Cister

294. José Liberato de Carvalho, Memórias, 1855

⁵² No título da obra real lê-se "...um Reino...", em vez de "...o Reino...".

⁵³ No título da obra real lê-se "Esse...", em vez de "Este...".

⁵⁴ O título da obra real é *Método para Aprender a Estudar a Medicina*.

⁵⁵ O título da obra real é *Instruções Políticas*.

⁵⁶ Segundo periódico publicado em Portugal.

⁵⁷ É de Padre António Vieira, 1652.

295. António Feliciano de Castilho, Método⁵⁸, 1849
 296. Francisco Solano Constâncio, The Ghost
 297. Londres, O Campeão Português⁵⁹
 298. Londres, O Investigador Português⁶⁰
 299. Almeida Garrett, Discursos Políticos
 300. Bentham
 301. Almeida Garrett, Viagens na Minha Terra
 302. Almeida Garrett, Portugal na Balança da Europa, Londres
 303. Garrett, Teatro
 304. Garrett, Frei Luís de Sousa, 1844
 305. José Agostinho de Macedo, A Besta Esfolada, 1828
 306. José Agostinho de Macedo, Os Burros, 1827
 307. Melo Franco, O Reino da Estupidez, 1818
 308. Bocage
 309. Bocage, Rimas
 310. Bocage
- Retrato de Bartolomeu
311. António José da Silva, O Labirinto de Creta
 312. António José da Silva, Teatro
 313. Soror Violante do Céu, Rimas Várias, 1846
 314. Manuel Bernardes, Luz e Calor, 1696
 315. António Serrão de Castro⁶¹, Os Ratos da Inquisição
 316. Brás Garcia de Mascarenhas, Viriato Trágico
 317. Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia⁶², 1619
 318. Francisco Rodrigues Lobo, Éclogas, 1619
 319. Tesouro da Língua Portuguesa, 1647

⁵⁸ O título da obra real é *Metodo Castilho para o ensino rapido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever*.

⁵⁹ Jornal português editado em Londres.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ O nome do autor é Crasto, e não Castro.

⁶² O título da obra real continua com "e noites de Inverno".

PRATELEIRA 41

320. António dos Reis, Epigramas Latinos, 1728
321. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa, 1721
322. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
323. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
324. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
325. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
326. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
327. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
328. Colecção de Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa
329. D. António Caetano de Sousa, História Genealógica da Casa Real Portuguesa, 1735
330. D. António Caetano de Sousa, História Genealógica da Casa Real Portuguesa
331. D. António Caetano de Sousa, História Genealógica da Casa Real Portuguesa
332. D. António Caetano de Sousa, História Genealógica da Casa Real Portuguesa
333. D. António Caetano de Sousa, História Genealógica da Casa Real Portuguesa, XXVI, 1749

PRATELEIRA 42

334. Filinto Elísio, Versos, 1798
335. Durão, Caramuru, 1781
336. Basílio da Gama, Uruguai, 1769
337. Tomás António Gonzaga, Marília de Dirceu
338. Correia Garção, Obras Poéticas
339. Cunha Brochado, Memórias
340. Matias Aires, Reflexões Sobre a Vaidade, 1752

PRATELEIRA 43

341. Mendes Leal, Os Bandeirantes, 1863
342. Rebelo da Silva, Mocidade de D. João V, 1852
343. Oliveira Martins, Os Filhos de D. João I, 1891

344. Oliveira Martins, Portugal Contemporâneo, I
345. Oliveira Martins, Portugal Contemporâneo, II
346. Oliveira Martins, Portugal Contemporâneo, III
347. Andrade Corvo, Um Ano na Corte, 1850
348. Mendes Leal, O Homem de Ouro, 1855
349. João de Lemos, A Lua de Londres⁶³
350. O Trovador, Jornal Literário, 1844

PRATELEIRA 44

351. Rafael Bluteau, Vocabulário Português⁶⁴, I-II, 1712
352. Rafael Bluteau, Vocabulário Português, III-IV
353. Rafael Bluteau, Vocabulário Português, V-VI
354. Rafael Bluteau, Vocabulário Português, VII-VIII
355. Rafael Bluteau, Vocabulário Português, IX-X, 1727

PRATELEIRA 45

356. Jerónimo Soares Barbosa, Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, 1822
357. Jerónimo Soares Barbosa, Gramática Filosófica da Língua Portuguesa
358. Abade de Jazente, Poesias, 1786
359. O Hissope, 1802⁶⁵
360. Santa Rosa Viterbo, Elucidário das Palavras, Termos e Frases que Hoje Regularmente se Ignoram, 1798
361. Nicolau Tolentino, Obras
362. Marquesa de Alorna, Obras
363. José Anastácio da Cunha, Obra Poética

PRATELEIRA 46

364. Antero de Quental, Causas da Decadência dos Povos Peninsulares
365. Antero
366. Antero, Odes Modernas, 1865

⁶³ É o título de um poema.

⁶⁴ O título da obra real continua com "e Latino".

⁶⁵ É de António Dinis da Cruz e Silva. Já fora antes publicado em 1774.

367. Bulhão Pato, Paqueta
368. Teixeira de Queirós, Salústio Nogueira, 1883
369. Teófilo Braga, Visão dos Tempos, 1864
370. Lousada, Rua Escura
371. Crespo
372. Gonçalves Crespo, Miniaturas
373. Soares dos Passos, O Noivado do Sepulcro
374. Júlio Diniz, As Pupilas do Senhor Reitor
375. Camilo Castelo Branco, Tomo I
376. Camilo Castelo Branco, Tomo II
377. Camilo Castelo Branco, Amor de Perdição, 1862
378. Camilo Castelo Branco, I
379. Camilo Castelo Branco, A Brasileira de Prazins, 1882
380. Camilo Castelo Branco, A Queda de Um Anjo

PRATELEIRA 47

381. Panorama, 1837⁶⁶
382. Panorama, 1837
383. António de Oliveira Marreca⁶⁷
384. José Freire de Serpa Pimentel, D. Sisnando, 1838
385. Francisco Solano Constâncio, Novo Dicionário⁶⁸, 1836
386. Francisco Solano Constâncio, Novo Dicionário, 1836
387. Francisco Solano Constâncio, Novo Dicionário, 1836
388. Francisco Solano Constâncio, Novo Dicionário, 1836

PRATELEIRA 48

Livros sem identificação

PRATELEIRA 49

389. Morais, Dicionário⁶⁹

⁶⁶ Jornal literário dirigido por Herculano.

⁶⁷ Também foi fundador do jornal literário *Panorama*.

⁶⁸ O título da obra real continua com "Crítico e Etimológico".

- 390. Biblioteca Lusitana, 1741
- 391. Biblioteca Lusitana
- 392. Barbosa Machado, Biblioteca Lusitana, 1758
- 393. Biblioteca Lusitana, 1741-1759

PRATELEIRA 50

- 394. António Aleixo, Este Livro que Vos Deixo
- 395. Joaquim Leitão
- 396. Júlio Dantas, A Ceia dos Cardeais, 1902
- 397. Júlio Dantas, A Severa, 1901
- 398. Albino Forjaz Sampaio, Crónicas Imorais, 1909
- 399. João Barreira, Gouaches
- 400. Alberto Osório de Castro, Flores de Coral, 1908
- 401. João Lúcio, O Meu Algarve, 1903

PRATELEIRA 51

- 402. Andam Faunos Pelos Bosques, 1926⁷⁰
- 403. Aquilino Ribeiro
- 404. Aquilino Ribeiro, Jardim das Tormentas, 1913
- 405. Aquilino Ribeiro, Via Sinuosa, 1916
- 406. Jaime Cortesão, Estudos Históricos
- 407. Jaime Cortesão, Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, 1950-1963
- 408. Cortesão, A Morte da Águia, 1910
- 409. Pela Grei, 1918⁷¹
- 410. Sérgio
- 411. António Sérgio, Ensaio
- 412. António Sérgio, O Desejado
- 413. António Sérgio, Cartas do Terceiro Homem, 1933-57
- 414. Raul Proença, Páginas de Política, 1938-39
- 415. Teixeira Gomes, Novelas Eróticas, Gente Singular

⁶⁹ O título da obra real continua com "da Língua Portuguesa".

⁷⁰ É de Aquilino Ribeiro.

⁷¹ Revista literária.

416. Raul Brandão, Húmus, 1917
417. Raul Brandão, O Doido e a Morte, 1923
418. Raul Brandão, Os Pescadores, 1929

PRATELEIRA 52

419. Guerra Junqueiro, Os Simples
420. Guerra Junqueiro, A Velhice do Padre Eterno
421. Fialho de Almeida, Os Gatos⁷²
422. Fialho de Almeida, Os Gatos
423. Marcelino Mesquita, Leonor Telles, 1889
424. As Farpas⁷³
425. Ortigão, A Holanda, 1885
426. Ortigão, John Bull, 1887
427. Eça de Queiroz, 2
428. Eça de Queiroz, Os Maias, vol. I, 1888
429. Eça de Queiroz, Os Maias, vol. II
430. Eça de Queiroz, A Cidade e as Serras
431. Eça de Queiroz, O Primo Basílio
432. Eça de Queiroz, O Mandarin

PRATELEIRA 53

433. Venceslau de Moraes, O Culto do Chá, 1905
434. Venceslau de Moraes, Cartas⁷⁴, 1904
435. Venceslau de Moraes, Dai Nippon, 1897
436. Abel Botelho, Manhã⁷⁵
437. Abel Botelho, Mulheres da Beira
438. Carlos Malheiro Dias, Os Teles de Albergaria, 1901
439. Pinho Leal, Português Antigo e Moderno⁷⁶, I-III, 1873
440. Pinho Leal, IV-VI, 1873

⁷² Revista.

⁷³ Revista mensal de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós.

⁷⁴ O título da obra real continua com "do Japão".

⁷⁵ O título da obra real é *Amanhã*.

⁷⁶ O título da obra real é *Portugal Antigo e Moderno*.

441. Pinho Leal, VII-X, 1873
442. Rafael Bordalo Pinheiro, Guilherme de Azevedo, O António Maria⁷⁷, Álbum das Glórias⁷⁸, 1879, 1880

PRATELEIRA 54

443. Irene Lisboa, Começa Uma Vida, 1940
444. Maria Lamas, Mitologia Geral, 1959-1961
445. Irene Lisboa, Uma Mão Cheia de Nada Outra Cheia de Coisa Nenhuma, 1955
446. Judite Navarro, Esta é a Minha História, 1947
447. Ana de Castro Osório, Para as Crianças, 1897-1935
448. Leite de Vasconcelos, Romanceiro Português
449. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lições de Filologia Portuguesa, 1912

PRATELEIRA 55

450. Vitorino Nemésio, Bicho Harmonioso
451. Vitorino Nemésio, Mau Tempo no Canal
452. Vitorino Nemésio
453. Tomás de Figueiredo, A Toca do Lobo, 1947
454. Domingos Monteiro, Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária, 1943
455. Domingos Monteiro, Contos do Dia e da Noite, 1943
456. Alfredo Cortês, Lodo, 1923
457. Alfredo Cortês, Tá Mar
458. Ferreira de Castro, A Curva da Estrada, 1950
459. Ferreira de Castro, A Selva, 1930
460. Ferreira de Castro, Terra Fria, 1934
461. Manuel Ribeiro, Planície Heróica, 1927
462. Vergílio Godinho
463. Joaquim Paço d'Arcos, Ana Paula, 1938
464. Paço d'Arcos, O Caminho da Culpa
465. Castro Soromenho, Homens Sem Caminho
466. Castro Soromenho

⁷⁷ Revista.

⁷⁸ *Idem.*

467. João de Araújo Correia, Contos Durienses, 1940
468. Maria Archer, Viagem à Roda da África, 1937

PRATELEIRA 56

469. João de Barros, Anteu, 1912
470. Augusto Casimiro, Nas Trincheiras da Flandres
471. Câmara Reis, Aspectos da Literatura Portuguesa
472. Seara Nova⁷⁹, 1921
473. Seara Nova
474. Seara Nova
475. Seara Nova
Quadro com navio a vapor
476. Guia de Portugal⁸⁰
477. Aquilino Ribeiro, Quando os Lobos Uivam, 1958

PRATELEIRA 57

478. Teófilo Braga, Traços Gerais de Filosofia Positiva, 1887
479. Chagas, História de Portugal
480. Pinheiro Chagas, Ensaios⁸¹, 1866
481. Pinheiro Chagas, Poema da Mocidade, 1865
482. Júlio César Machado, A Vida em Lisboa
483. João Penha, Rimas, 1882
484. Antero de Figueiredo, D. Pedro e D. Inês
485. João de Deus, Campo de Flores
486. Cartilha Maternal⁸²
487. Bulhão Pato
488. Manuel Laranjeira, Amanhã, 1902
489. Alberto Braga, A Irmã, 1894
490. Azevedo, Alma Nova, 1874

⁷⁹ Revista.

⁸⁰ É certamente aquele da autoria de Raul Proença, de 1924.

⁸¹ O título da obra real é *Ensaios Críticos*.

⁸² É de João de Deus.

491. Junqueiro, Finis Patria
492. Latino Coelho, Oração da Coroa
493. Sampaio Bruno, O Encoberto, 1904
494. Álvaro do Carvalho, Os Canibais, 1866
495. D. João da Câmara, Peraltas e Sécias⁸³
496. António Feijó, Pálida e Loura⁸⁴
497. Angelina Vidal, A Morte do Espírito⁸⁵, 1885
498. Guerra Junqueiro
499. Conde de Arnoso, Azulejos
500. Arnoso, Primeira Nuvem, 1984

PRATELEIRA 58

501. Arnaldo Gama, Um Motim de há Cem Anos, 1861
502. Arnaldo Gama, O Génio do Mal, 1856

PRATELEIRA 59

503. Alberto de Lacerda, Exílio, 1963
504. Alberto de Lacerda, Elegias de Londres
505. Eugénio de Andrade, Matéria Solar
506. Rui Knopfli, A Ilha de Próspero, 1972
507. Reinaldo Ferreira, Poemas, 1960
508. Manuel Couto Viana, Poesias
509. Eugénio de Andrade, As Mãos e os Frutos
510. Eugénio de Andrade, Os Amantes sem Dinheiro
511. Sofia de Mello Breyner Andersen, Histórias da Terra e do Mar, 1984
512. Sofia de Mello Breyner Andersen, Dia do Mar, 1947
513. Sofia, Livro Sexto, 1962
514. Sebastião da Gama, Cabo da Boa Esperança, 1947
515. Merícia de Lemos, Pássaro Preso, 1945
516. Ruben A., Páginas, 1949-1969

⁸³ Esta obra é uma peça do Marcelino Mesquita, e não de D. João da Câmara.

⁸⁴ Esta obra é um soneto.

⁸⁵ O título da obra real é *Noite do Espírito*.

517. Ruben A., Torre de Barbela, 1964
518. Mário Henrique Leiria, Contos do Gin-Tónico
519. António Pedro
520. António Maria Lisboa, Ossóptico 1952
521. António Maria Lisboa, Erro Próprio, 1932
522. Alexandre O'Neill, A Ampola Miraculosa, 1948
523. Cesariny, Primavera Autónoma das Estradas
524. Cesariny, Pena Capital
525. Mário Cesariny de Vasconcelos, Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito
526. António Quadros, Além da Noite, 1979

PRATELEIRA 60

527. Soeiro Pereira Gomes, Os Esteiros, 1941
528. Soeiro Pereira Gomes, Engrenagem
529. Namora, Terra, 1941
530. Novo Cancioneiro⁸⁶
531. Café Marrare, Nicola, Martinho da Arcada, Brasileira do Chiado, Café Chiado, Café Hermínio, Café Portugal, Monte Carlo, Café Gelo, Bolero Bar⁸⁷
532. Fernanda de Castro, Náufragos, 1935

PRATELEIRA 61

533. Adolfo Casais Monteiro, Poesias Completas, 1969
534. Adolfo Casais Monteiro, Europa, 1946
535. João Gaspar Simões, Elói, 1932
536. João Gaspar Simões, Crítica I-VIII, 1948-1982
537. Branquinho da Fonseca, O Barão, 1943
538. Branquinho da Fonseca, Porta de Minerva
539. Branquinho da Fonseca, Rio Turvo, 1945
540. António de Sousa, Sete Luas, 1943
541. Afonso Duarte, Cancioneiro das Pedras, 1912
542. Afonso Duarte, Obra Poética, 1956

⁸⁶ Refere-se certamente ao da autoria de Manuel da Fonseca, de 1941.

⁸⁷ Nomes de cafés e bares frequentados por artistas e escritores nos anos 50 do século XX.

543. Cabral do Nascimento, Cancioneiro, 1976
544. José Marmelo e Silva, Sedução, 1937
545. José Rodrigues Miguéis, Páscoa Feliz, 1932
546. José Rodrigues Miguéis, Escola do Paraíso
547. José Rodrigues Miguéis, Saudades para a D. Genciana, 1956
548. Alberto de Serpa, Os Versos Secretos, 1958
549. Alberto de Serpa, Vinte Poemas da Noite, 1935
550. Luís Forjaz Trigueiros, Caminho sem Luz, 1936
551. Branquinho da Fonseca, Zonas, 1931
552. António de Navarro, Ave de Silêncio
553. Saul Dias, Tanto, 1934
554. Carlos Queirós, Desaparecido
555. Pedro Homem de Melo, Segredo, 1999
556. Branquinho da Fonseca
557. Francisco Bugalho
558. Tomás Kim, Em cada Dia se Morre, 1939
559. Mário Dionísio, Poemas, 1941-1966
560. Mário Dionísio
561. Ilse Losa, O Mundo em que Vivi, 1943
562. António Pedro, Distância, 1928
563. Rui Cinatti, O Livro do Nómada Meu Amigo

PRATELEIRA 62

564. Cesário Verde, Livro de Cesário Verde, 1887 (O Sentimento de um Ocidental)
565. Camilo Pessanha, Clepsidra
566. Gomes Leal, Claridades do Sul, 1875
567. Gomes Leal
568. Tomás Ribeiro, Delfina do Mal, 1868
569. Tomás Ribeiro, D Jaime, 1862

PRATELEIRA 63

570. Fernando Namora

571. Fernando Namora, Rio Triste, 1982
572. Romeu Correia, O Vagabundo das Mãos de Ouro
573. Romeu Correia
574. Fernando Namora, Casa da Malta, 1945
575. Manuel da Fonseca, Tempo de Solidão, 1973
576. Manuel da Fonseca, Seara de Vento, 1958
577. Manuel da Fonseca, Cerro Maior⁸⁸, 1943
578. Carlos de Oliveira, Casa na Duna, 1943
579. Carlos de Oliveira, Uma Abelha na Chuva
580. Carlos de Oliveira, Finisterra, 1978
581. José Gomes Ferreira, O Mundo dos Outros, 1950
582. José Gomes Ferreira, Poeta Militante, 1977-78
583. João José Cochofel, Sol de Agosto
584. Álvaro Feijó, Corsário, 1940
585. Redol
586. Redol, Barranco de Cegos, 1962
587. Alves Redol, Olhos de Água
588. Redol, Gaibéus, 1940

PRATELEIRA 64

589. Távola Redonda⁸⁹
590. Raul de Carvalho, As Sombras e as Vozes, 1949
591. António Gedeão, Poesias Completas, 1958
592. José Blanc de Portugal, Odes Pedestres, 1965
593. Cadernos de Poesia⁹⁰
594. Vértice⁹¹
595. A Presença⁹²
596. A Presença
597. José Régio, Poemas de Deus e do Diabo, 1955

⁸⁸ O título da obra real é *Cerromaior*.

⁸⁹ Revista literária.

⁹⁰ *Idem*.

⁹¹ *Idem*.

⁹² *Idem*.

598. José Régio, Jogo da Cabra Cega
599. José Régio, Jacob e o Anjo
600. José Régio, As Encruzilhadas de Deus, 1936

PRATELEIRA 65

601. António Boto, Canções, 1921
602. António Patrício, D. João e a Máscara, 1924
603. Ângelo de Lima, Poemas
604. Florbela Espanca, Livro das Mágoas
605. Pascoais
606. Teixeira de Pascoais, Marános
607. Pascoais, Sempre
608. Mário Beirão, O Último Lusíada
609. António Sardinha, Na Corte da Saudade
610. Afonso Lopes Vieira, Nova Demanda do Graal
611. António Correia de Oliveira, Tentações de S. Frei Gil
612. A Águia⁹³
613. Lusitânia⁹⁴, 1929
614. Eugénio de Castro
615. Alberto de Oliveira, Palavras Loucas, 1894
616. Nobre, Só, 1892
617. José Duro, Fel
618. Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa⁹⁵

PRATELEIRA 66

619. Maria Teresa Horta, Ambas as Mãos Sobre o Corpo, 1970
620. Maria Isabel Barreno
621. António Rebordão Navarro, Infinito Silêncio, 1970
622. Fernanda Botelho, A Gata e a Fábula, 1960
623. Baptista Bastos, O Secreto Adeus

⁹³ Revista literária.

⁹⁴ *Idem.*

⁹⁵ É de Afonso Lopes Vieira, 1940.

624. Baptista Bastos, Cão Velho Entre Flores
625. Natália Correia, A Pécora, 1966
626. Bernardo Santareno, O Lugre
627. Luís de Stau Monteiro, Felizmente Há Luar, 1961
628. António Alçada Baptista, Os Nós e os Laços
629. Isabel da Nóbrega, Viver com os Outros, 1964
630. Armindo Rodrigues, A Paz Inteira, 1954
631. Egito Gonçalves, Notícias do Bloqueio⁹⁶
632. Egito Gonçalves, A Evasão Possível, 1952
633. Urbano Tavares Rodrigues, As Aves da Madrugada
634. Urbano Tavares Rodrigues, Bastardos do Sol, 1959
635. Augusto Abelaira, O Bosque Harmonioso
636. Augusto Abelaira, A Cidade das Flores, 1959
637. David Mourão Ferreira, Um Amor Feliz, 1986
638. David Mourão Ferreira, Gaiotas em Terra, 1959
639. David Mourão Ferreira, Obra Poética
640. Alfredo Margarido, No Fundo Deste Canal, 1960

PRATELEIRA 67

641. António Lobo Antunes, Memória de Elefante, 1979
642. António Lobo Antunes, Fado Alexandrino
643. António Lobo Antunes, Os Cus de Judas
644. Herberto Helder, A Cabeça Entre as Mãos
645. Herberto Helder, Os Passos em Volta, 1962
646. Ruy Belo, Aquele Grande Rio Eufrates, 1961
647. António Ramos Rosa, O Grito Claro, 1958
648. António Ramos Rosa, Boca Incompleta
649. António Ramos Rosa, Viagem Através de uma Nebulosa
650. José Cardoso Pires, O Delfim
651. José Cardoso Pires, Alexandra Alpha
652. José Cardoso Pires, A Balada da Praia do Cães

⁹⁶ Fascículos de poesia sob a direção de Egito Gonçalves (1957/61).

653. Alexandre Pinheiro Torres, Tubarões e Peixe Miúdo⁹⁷, 1986
654. José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis
655. José Saramago, Levantado do Chão
656. José Saramago, Memorial do Convento, 1982
657. Alexandre Pinheiro Torres, Espingardas e Música Clássica, 1986
658. Almanaque⁹⁸
659. Alexandre O'Neill, Um Adeus Português⁹⁹
660. Alexandre O'Neill, No Reino da Dinamarca

PRATELEIRA 68

661. José Fernandes Fafe, O Anjo Tutelar, 1958
662. Vergílio Martinho, O Grande Cidadão, 1963
663. Luis Francisco Rebelo, Condenados à Vida, 1963
664. Alexandre Babo, Encontro, 1955
665. Luis Francisco Rebelo, É Urgente o Amor
666. Vergílio Ferreira, Manhã Submersa, 1954
667. Matilde Rosa Araújo, A Garrana, 1945
668. Jorge Reis, Matai-vos Uns aos Outros, 1962
669. Manuel Ferreira, Hora di Bai
670. Alexandre Cabral, Malta Brava, 1955
671. Antunes da Silva, Vila Adormecida, 1948
672. Mário Braga, O Livro das Sombras, 1960
673. Vergílio Ferreira, Espaço do Invisível, 1965-1982
674. Vergílio Ferreira
675. Vergílio Ferreira, Até ao Fim, 1987

PRATELEIRA 69

676. Agustina Bessa Luís, Os Meninos de Ouro, 1983 / As Fúrias, 1977
677. Agustina Bessa Luís, Fanny Owen
678. Miguel Torga, Diário

⁹⁷ O título da obra real é *Tubarão e Peixe Miúdo*.

⁹⁸ Revista literária.

⁹⁹ Poema incluído no livro *Tempo de Fantasmas*.

PRATELEIRA 70

679. Mensagem¹⁰⁰
680. Fernando Pessoa, Obras
681. Álvaro de Campos, Poemas
682. Ricardo Reis, Odes
683. Alberto Caeiro
684. Almada
685. A Engomadeira¹⁰¹
686. Mário de Sá Carneiro, Céu em Fogo
687. Mário de Sá Carneiro, Poemas
688. Armando Cortes Rodrigues
689. Sudoeste¹⁰²
690. Pessoa / Bernardo Soares, O Livro do Desassossego
691. Manifesto Anti-Dantas e Por Extenso¹⁰³
692. Nome de Guerra¹⁰⁴
693. Ode Marítima¹⁰⁵
694. Portugal Futurista¹⁰⁶
695. Orpheu I¹⁰⁷
696. Orpheu II¹⁰⁸
697. Almada Negreiros, Cena do Ódio
698. Almada
699. Contemporânea¹⁰⁹
700. Tabacaria¹¹⁰
701. Mário de Sá Carneiro, A Confissão de Lúcio

¹⁰⁰ É de Fernando Pessoa.

¹⁰¹ É de Almada Negreiros.

¹⁰² Cadernos de Almada Negreiros, de 1935.

¹⁰³ É de Almada Negreiros.

¹⁰⁴ *Idem*.

¹⁰⁵ É de Álvaro de Campos.

¹⁰⁶ Revista que só teve um número, em Novembro de 1917.

¹⁰⁷ Revista literária que só teve dois números, em 1915.

¹⁰⁸ *Idem*, segundo e último número.

¹⁰⁹ Revista literária de 1922.

¹¹⁰ É de Álvaro de Campos.

PRATELEIRA 71

702. Dennis McShade, Requiem para D. Quixote, 1968
703. Luís Garcia de Medeiros, Um Drama Jocosos¹¹¹
704. Ângela Caires, De Aqui em Diante só há Dragões
705. Maria Gabriela Llansol, Contos do Mal Errante
706. Clara Pinto Correia, Adeus Princesa, 1983
707. Paulo Castilho, O Outro Lado do Espelho
708. Fernando Assis Pacheco, Memória do Contencioso e outros Poemas, 1976
709. Fernando Assis Pacheco, Cuidar dos Vivos, 1963
710. Nuno de Bragança, Square Tolstoi, 1981
711. Mário de Carvalho, Fabulário, 1984
712. Mário de Carvalho, O Livro Grande de Tebas Navio e Mariana
713. Teolinda Gersão, O Silêncio, 1981
714. Mário Cláudio, Amadeo, 1984
715. Almeida Faria, Lusitânia, 1980
716. Almeida Faria, Cavaleiro Andante, 1983
717. Mário Cláudio, A Quinta das Virtudes, 1990
718. Álvaro Guerra
719. Álvaro Guerra, Café República, 1982
720. Vasco Graça Moura, Nó Cego, O Regresso, 1983
721. Manuel Alegre, O Canto e as Armas, 1967
722. João de Melo, Histórias da Resistência, 1975
723. João de Melo, Gente Feliz com Lágrimas, 1988
- Jarra com cravos
724. Dinis Machado, O que Diz Molero, 1977
725. Fernando Campos, A Casa do Pó, 1986
726. Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios, 1988
727. Lídia Jorge, O Cais das Merendas, 1982
728. Maria Velho da Costa, Missa in Albis
729. Esther de Lemos, Companheiros, 1960
730. Maria Alberta Meneres, Água Memória, 1960

¹¹¹ Autor inexistente, correspondendo a obra indicada a um capítulo de *Partes de África*, de Helder Macedo.

731. Pedro Tamen, O Sangue, a Água e o Vinho, 1958
732. Maria Velho da Costa, Maina Mendes, 1969
733. Maria Judite de Carvalho, As Palavras Pougadas, 1961
734. Luísa Neto Jorge, A Noite Vertebrada, 1960
735. Fiama Hasse Pais Brandão, Os Chapéus de Chuva
736. João Rui de Sousa, Circulação, 1960
737. Gastão Cruz, Campânula, 1978
738. João Miguel Fernandes Jorge, O Roubador de Água, 1981
739. Ana Hatherly, O Cisne Intacto, 1983
740. Ernesto de Melo e Castro, Ideogramas, 1962

PRATELEIRA 72

741. Jorge de Sena, Andanças do Demónio, 1960
742. Jorge de Sena, O Reino da Estupidez
743. Os Grão-Capitães
744. Jorge de Sena, Trinta Anos de Poesia, 1972
745. Jorge de Sena, O Físico Prodigioso, 1977

PRATELEIRA 73

746. T. S. Eliot, Quartets¹¹²
747. Traven, Le Vaisseau Fantôme
748. Jorge Luís Borges, Labirintos
749. John Aiken, A Reflection on Time¹¹³
750. Gabriel Garcia Marquez, Cem Anos de Solidão
751. Umberto Eco, O Pêndulo de Foucault
752. Ruth Rendell, A Judgement in Stone
753. Franz Kafka, O Processo
754. Álvaro de Campos, Ode Marítima
755. Andrei Tarkowski, Sculping in Time
756. Jorge Luís Borges, Ficciones
757. Joseph Conrad, Heart of Darkness

¹¹² O título da obra real é *Four Quartets*.

¹¹³ Livro que não existe.

758. Joseph Crabtree, Complete Works

PRATELEIRA 74

759. Américo Guerreiro de Sousa, Os Cornos de Cronos, 1980

760. António Osório, Adão, Eva e o Mais, 1984

761. Liberto Cruz, Névoa ou Sintaxe, 1959

762. Olga Gonçalves, A Floresta em Bremerhaven, 1975

763. José Jorge Letria, Cantos da Revolução, 1975

764. Folhas de Poesia¹¹⁴

765. Fausto Lopo de Carvalho, Ondas Sobre a Areia, 1960

766. Yvette Centeno, Poemas Fracturados, 1967

767. Helder Macedo, Poesia, 1957-1977

768. Maria Ondina Braga, A China Fica ao Lado, 1969

769. José Martins Garcia, Lugar do Massacre, 1975

770. Júlio Moreira, A Barragem, 1991¹¹⁵

771. Alice Vieira, Rosa, Minha Irmã Rosa, 1979

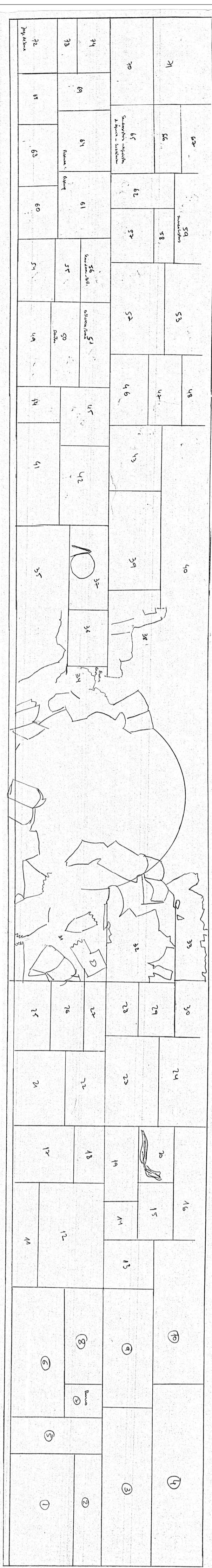
772. Helder Macedo, Partes de África, 1991

773. Augustina Bessa Luís, A Sibila, 1954

¹¹⁴ Revista literária.

¹¹⁵ Obra que apenas viria a ser publicada em 1993, pela Quetzal.

ESQUEMA DO PAINEL DA BIBLIOTECA



ANEXO 3 - DOCUMENTOS

Diário de Bartolomeu dos Santos (cópia expurgada)

Mensagens de correio eletrónico enviadas por Jun Shirasu

Mensagens de correio eletrónico enviadas por Maria João Schalk

Mensagens de correio eletrónico enviadas por Bill Penney

DIÁRIO DE BARTOLOMEU DOS SANTOS

PROJETO
ESTAGIÃO
METROPOLITANO
ENTRE CAMPOS

1991

ESTUDOS PREVIOS REALIZADOS
NO VERÃO DE 1990

COLABORADORES; 1991

ABRIL → JULHO
MAX WERNER

PAINEIS: BIBLIOTECA
DOE MARITIMA
LUSIADAS

2ª QUINZENA DE JULHO

DONA GRIMES
TONI GRISONI
~~ANITA GRISONI~~
CHARLOTTE
VICKY

1ª QUINZENA DE AGOSTO

COONA HYLAND
ROPI THOMSON
ANDY SMITH
BILL PENNEY

DIA 31 DE MAÇO (DOMINGO)
CHEGADA A SINTRA VINDOS DE
FRÉCHES (PRÉVIAS ESCALAS,
CHAMBOARD, SALAMANCA)

SEMANA DE 1 DE ABRIL A SEXTA
5 DE ABRIL;

EXPOSICÃO ESTUDANTES MACAU NA
MISSÃO DE MACAU (DIA 4),
FALAR "FLEXOTE" A PROPOSITO
DAS TINTAS, LUIS SOUSA MONTEIRO
INTERESSADO, NO PROJETO. ENGR.
JORGE DIAS FICOU DE APRESENTAR
TIPOS DE TINTA APROPRIADOS,
ENCOMEDEI 100 LITROS VAPUR "FAUREL".

→ SEGUNDA FEIRA DIA 8 ABRIL.
MAX WERNER CHEGA TR 455.

→ TERÇA FEIRA DIA 9

JOHN AIKEN CHEGA VOO B.A.
JANTAR PRAIA DAS MAÇAS
(PARTICHAADA!)

→ QUARTA FEIRA 10

IR "GRAMVER" FALAR COM WERNER
SCHALK. EXCELENTE HOMEM,
CONTECEDOR DO ASSUNTO E

TOTALMENTE DEPENDÁVEL. SERÁ QUE ESTA PALAVRA TEM PRÓPRIA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS? QUANDO O ARQUITECTO ME SUGERIU VÁRIAS FIRMAS PARA REACISAR O TRABALHO, E ME DISSE QUE UMA ERA DIRIGIDA POR UM ALEMÃO, EU DISSE "QUERO O ALEMÃO", E VEDI JAC ME TER ENCANADO. HOMEN CALMO, SEM EXCITAÇÕES INTERESSADO NO PROJECTO É QUE CUMPRE O QUE PROMETTE. DÁ-ME ASSIM O

"BACKGROUND" DE TOTAL CONFIANÇA QUE ME PERMITE CONCENTRAR-ME TOTALMENTE NO TRABALHO, SEM TER QUE ME PREOCUPAR COM QUESTÕES DE BASE.

[REDACTED]

[REDACTED] SCHALK TROUXE DE LINDA A VEZHA 150 KG DE ACIDO NITRICO. SERÁ QUE CHEGAMOS? PINTAMOS O PAINEL COM VERMILHO, UTILIZAMOS ROLOS COM PEGAS LONGAS. QUINTEIRA !!

EU, MAX E JOHN COMEÇAMOS TENTATIVAMENTE A DESENHAR NO PAINEL. VERMILHO ANDA NÃO COMPLETAMENTE SECO, POR ISSO NÃO ESTACA (CRACKS) COMO DEVERIA. ISSO DÁ UM CARÁCTER AS UNHAS QUE NÃO É O PRETENDIDO.

PARA ESTE O PAINEL A IDÉIA É A DE DESENHAR UMA BIBLIOTECA SEM QUE SE ENCONTREM TODAS AS OBRAS IMPORTANTES DA LITERATURA PORTUGUESA. LUÍZ DE SOUSA REBEL, EM LONDRES E A MEU PEDIDA FEZ UMA LISTA. SÃO CERCA DE 600 AUTORES! TERÁ POIS QUE HAVER UMA SELECÇÃO. TENHO A CERTeza

QUE HAVERÁ PROBLEMAS COM OS QUE DEVERIAM ESTAR E NÃO ESTÃO E VICE VERSA!

SEXTA FEIRA 12

TRABALHO CONTINUA. MUX MUITO BOM A DETERMINAR COMPAS!! JOHN DEU A IDÉIA DE NO CENTRO OS LIVROS CAÍREM DAS PRATELEIRAS. VISUALMENTE É UMA BREVEMENTE IDÉIA E ADOPTAR-A, TEMER A CERTEZA QUE HÁ. OS QUERER DAR À QUEDA DOS LIVROS UM SIMBOLISMO QUE NÃO EXISTE NA MINHA INTENÇÃO. SE FOR PRECISO, INVENTA-SE UM!

SÁBADO 13

JOHN AKEU PARA CONDRES. VEU CÁ TRUFAR DE UM ASSUNTO RELATIVO A UM MONUMENTO PARA BELFAST (GRACIAS À MINHA INTERVENÇÃO) QUE NADA TEM A VER COM O MEU PROJECTO. COMO NO ENTANTO DEU IDÉIAS (BOAS)

5

E NA FASE INICIAL DEJENHO BASTANTES LIVROS, TEM DIREITO A ASSINAR (JÁ ASSINOU!) ESTE PAINEL COMO "ASSISTENTE". QUANDO PARTIO O PAINEL AINDA NÃO TINHA CHEGADO A MEIO

SEGUNDA FEIRA 15

ARQUITECTO (SANCHER JORGE) NA "GRAMIVER". É MINHA INTENÇÃO, POR SUGESTÃO ORIGINALMENTE DADA POR LUIS S. REBÉLO E RUBEN DE CARVALHO DURANTE UM JANTAR BEM BEBIDO NO PASSADO VERÃO, QUE OS ESCRITORES E POETAS RECONHECIDOS (UM PAINEL)

ASSINEM NO CENTRO DO PAINEL, OS SEUS NOMES. MAS COMO CONSEGUIR 1750? O MEU (POR SUGESTÃO ORIGINALMENTE MINHA) QUERIA UMA GRANDE FESTA COM T.V. ECC. EM QUE TODOS ASSINAVAM, MAS OS PROBLEMAS DE PRESTÍGIO (QUEM ASSINA PRIMEIRO, E ONDE) / 6

DE TIMIDÉZ (NÃO CONSEGUIR BUSCAR
NO VERNIR EM FRENTE DE TUDO) E
POR IMPLICAÇÃO, DE POSSÍVEL RIDÍCULO
PESSOAL, LEVAM-ME A CRER QUE A
ESTE ASPECTO DO PROJETO A IR
PARA A FRENTE, IMPLICARÁ
VISITAS INDIVIDUAIS DE CADA
ESCRITOR/POETA. SÓ DEPOIS DE
TODOS TÊM-EM ASSINADO, SE FARÁ
ENTÃO UMA FESTA QUANDO DA
LANÇAMENTO A JEITO DAS ASSINATURAS.

A VÉR. VAMOS.

ARQUITECTO VIO OS PERIGOS E VAI
APRESENTAR O CASO AO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO.

▷ TERÇA 16

IDA A LISBOA. MAX FICOU A TRABALHAR.
ENTREVISTA TV (PONTO POR PONTO) SOBRE
CURSO DE MACAU. A SAÍDA ENORME
CARGA DE ÁGUA. REGRESSO A "GRANER".
TEMPO RAZOÁVEL. MAX DESENHO MUITOS

LIVROS:

▷ QUARTA 17
TRABALHO

▷ QUINTA 18

DAVID ALMEIDA VISITOU-NOS.

[REDACTED]

[REDACTED]

SABIA DA
LEVEI O MAX AO AEROPORTO
FUI DEPOIS A -III,
ACUOÇO EM CASA DA MÃE.

DOMINGO 21
UM SALTO À 'GRANIVER', INFELIZMENTE
AS CHAVES QUE ME DEDAM NÃO
SERVIAM, CONTENTEI-ME EM FAZER
UNS RISCOS COM UMA AGULHA DE
GRAVAR QUE TINHA FICADO ESQUECIDA
EM FORA, SEM A LISTA DO LUIS
REBELO NÃO É POSSIVEL PROCEPERIR!

SEGUNDA 22
TOPO O DIA NA "GRANIVER", O TRABALHO
PROGRISS, MAS TENHO MAIS LIVROS
DO QUE AUTORES, A RESPOSTA É
ÓBVIA: DESENHAR O MAIOR NUMERO
DE TITULOS DE CADA AUTOR!
PARA ISSO SIRNO, ME DE UM NOVO
DICIONÁRIO QUE SÃO OS GRANDES PORTUGUESES,
LEITORES) SOBRE OS GRANDES PORTUGUESES,
O LIVRO É EXCELENTE PARA O FIM QUE
TENHO EM VISTA É COMPLEMENTA
NATUNAMENTE A LISTA DO LUIS

DEEDI ARRANJAR O "BIBLIOTECA"
COMO SE FOSSE MINHA! HÁ LIVROS
FORA DO COCAR, OUTROS TRABALHOS!
HÁ VÁRIAS ASSOCIAÇÕES COM INTERESSE

"PARA O EXPERT" ASSIM, JUNTO ÀS
OBRAS POLITICAS DO GARRETT ESTÁ
UM PEQUENO LIVRO DO BENTHAM...

TERÇA 23

TRABALHEI DAS 9 ÀS 15^h, SEM PARAR.
POR FIM JÁ NÃO BODIA VER LIVROS.
VIM PARA CASA, A CASA (O ANDAR DE
CIMA) ESTÁ EM SACOS COM AS OBRAS!
ESPERO QUE ACABEM EM BREVE.

COMPRI UM RÔLO DE ESBUMA, PÓS
AMANHÃ HAVERÁ EXPERIÊNCIA P/RE
TINTAS (FLEXCORE) E TALVEZ O
NOLO RESOLVA O PROBLEMA. TUDO
DEPENDE DA VISCOSIDADE DA TINTA.

O QUE ESTÁ FORA DE QUESTÃO É O
USO DE PINCÉIS. NO PASSADI VERDÃO
(USANDO TINTA SÓLIDA "CHARBONNE") GASTEI
CERCA DE 13 PINCÉIS PARA TINTAR
3 PEDRAS. UMA VERDADEIRA RUÍNA!

QUARTA 24

ESTIVE NA GRANITER O ENG. JORGE
BLAS (+1) DA FLEXCOTE. 11

EXPERIMENTÁ-MOS AS TINTAS QUE
TRAZIA. O MELHOR PROCESSO DE
ESPACHAL A TINTA FEI COM UM
"SQUEESEE" DE LIMPAR A NEVE
E GÊLO DO LABORATÓRIO DO MEU
CARRO. TANTAS VEZES O PROCUREI
ESTE WEVER. AFUAE TINTA FICAR
NA "GRANITER" DESDE "PASSADO
VENTO! A TINTA AINDA NÃO É
IDEAL. DENTRO EM BREVE VAMOS
EXPERIMENTAR OUTRA COM A
CONSISTÊNCIA DE MANTENHA E
QUE DEPOIS DE SECA FICA COMO
PEDRA! VAMOS NO BOM CAMINHO.
ESTA QUESTÃO DAS TINTAS É
FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO
DA OBRA. PORTANTO A MINHA
DESIJO DE IR A "FLEXCOTE"
FOI BOA. É GENTE INTELECIENTE,
MENTE INTERESSADA, E ISSO É
IMPORANTE.

DD

ALMOÇO DE "DIVORCIADO" EM CASA
(MASSA E SALSADEA). SÓZIMHO NÃO
TEMPO POTÊNCIA PARA GRANDES 12

COZINHADOS. À TARDE ASSINEI
PARTE DA MINHA EDIÇÃO PARA
O METRO. O LÚCIO É UM EXCELENTE
IMPRESSOR.

[REDACTED]

[REDACTED]

QUINTA 25 DE ABRIL
A CAMINHO DOS 20 ANOS
REVOIÇÃO. FUI AO ATEU
ACABAR DE ASSINAR A EDIÇÃO.

[REDACTED]

[REDACTED]

NÃO ESPEREI ATÉ AO MEU REGENES NO DIA 2 DE MAIO. PARTO DE AQUI AMANHÃ ÀS 7H DA MANHÃ PARA A PANHAR O ANIÃO DAS 10. SINAL DIZ TEMPOS!

EM LONDRES, A SAUDE ACTIVA! ENTREVISTEI OS ESTUDANTES PAUL O PRÓXIMO ANO. BOM GENTE. POSSIVEMENTE É COMO HABITUARME PERDEMEUS UM OO PAU PARA O R.C.A. CONSEGO VER TODOS OS MEUS ESTUDANTES DO 1º E 2º ANO. DIZEM QUE SEM NIM O DEPARTAMENTO NÃO É O MESMO. NUNCA TUBHA PENSADO NISSO! TEM QUE SE HABITUAR. PAU UM DEPARTAMENTO NÃO PODE SER SÓ UMA PESSOA! NO ENCANTO, O COMPRIAMENTO TOCOM-ME.

TODOS QUE TEM VIR E O ABORAC NOS PROECCO, MAS O MÁXIMO QUE POSSO TER SÃO 4. ACIMA DESSA NUMERO "THE TEAM BECOMES A CROWD" E HA PROBLEMAS LOGISTICAS A CONSIDERAR. A DONA, MINHA ASSISTENTE PESSOA DE BOM SENSO, FAZ RECLUTAMENTO! O PROECCO ENVIU NA MUITA CABEÇA. NA PAREDES DAS PLATAFORMAS JÁ NÃO HAVERA CABEÇAS, FICANDO SÓ DUAS, EMORRES, NO COMEÇO DAS BICODAT. ESSAS DUAS "PAREDES VÃO PASSAR A SER COMO ESTRATOS ARQUEOLÓGICOS O QUE EXISTE E SE ENCONTRA NO SUBSOLO DE UMA CIDADE ALLENARUA, MAIS UM EXERCICIO NO TEMPO! ASSIM TAMBÉM CONCEPÇÃO MENIE JORA COM A BIBLIOTECA. EM LONDRES, A FERMANO DEU-ME O LIVRO SOBRE A BIBLIOTECA DA KIEFER (THE ~~STATE~~ HIGH PRIESTS) A DÊCE É OBVIAMENTE DE "FORMA" WATERRIANA E TEUTÓNICA. A MUITA SEU BORGIANA E MEDITEANICA. AMBAS REFLECTEM UMA RECUPERAÇÃO COM O 16

TEMPORAL A DÊLE NO CONCEITO, A MINHA NA FORMA.

TROUXE COMIGO UM "SQUEEZE" DE SERVICOS PARA FACILITAR A TINTAGEM. TAMBÉM TOUCHE E CRAYONS LITOGRAFICOS PARA VÊR COMO REAGEM COM O NITRICO. ESTOU PENSANDO EM USAR ALGUMAS FOTOCOPIAS (COM LETRAS TEXTO) COMO BASE DO PROJECTO. NÃO SEI SE SERÃ POSSIVEL. A VÊR VAMOS. ANAOLTA RECOMEÇA O TRABALHO. AGRORA NÃO PODE PARAR. O TRABALHO É ENORME!

IDEIAS:

NAS PORENAS DAS PLATAFORMAS!
COMO UM CARTE ARQUEOLÓGICO, COM MUITAS TEXTURAS, ALGUMAS ZONAS LUSAS. AQUI É ALI ADIVINHAM-SE SUGESTÕES DE OBJECTOS, MESMO MARCA DE MÃOS. RISCOS, GRAFISMOS. SERIA POSSIVEL PASSAR PARA SERVIÇOS PEDAGOGICOS TEXTOS DE LIVROS E TRANSESCRITAS PARA A FOLHA, TANTO COM VÊR VÊR? ESCREVER COM CRAYON E

GOVERNAR ANAOLTA. 17

SEGUNDA - 6 DE MOTO

REGRESSO DE LONDRES NA PASSADA QUINTA FEIRA. DE MANHÃ ANDAVI OS MEUS ESTUDANTES DO 1º ANO. NA SEXTA FUI A "GRAMMER" SO PARA MORTER O PONTA!

[REDACTED]

FUI A "GRAMMER". O CALMO SCHALKS LA ESTAVA. RECOMECEI A DESENHAR LIVROS, MELHOR A PÓR-LHOS TITULOS SEM DIFICULDADE.

TERÇA, 7 DE MAIO.

~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~

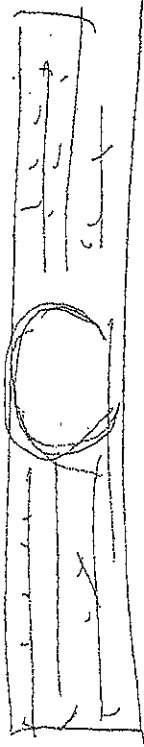
TRABALHEI NA "GRANVER" TODA O DIA.
A PARTIR DA 1 É MELHOR PORQUE SE
TRABALHA JÁ COM A SOMBRA DE PAINEL.
ESTOU JÁ NOS CONTEMPORÂNEOS, ARRUMEI.
- OS POR MOVIMENTOS E SIMILITUPES.
ASSIM, OS "FUTURISTAS" ESTÃO NUM SÍTIO.
O GRUPO DA "PRESENA" NOUTRO, PRÁTICA,
- MENTE AO LADO DO GRUPO DA "BIBLIOTECÁ."
OS SAUDOSISTAS/INTEGRALISTAS FANHAM OUTRO
GRUPO. O ARRANJO ESTÁ PENSADO COM
CUIDADO E CONHECIMENTO, MAS TENHO A
CERTeza QUE HAVERÁ QUEM PROTEJE!
SIGO UMA ORDEM CRONOLÓGICA APROXI-
MAPA, NÃO MAIS DO QUE ISSO. AS VIDAS DAS
ESCRITORES ENTRECruzAM-SE, PASSAM-SE
MUITAS VEZES EM PARALELOS. NÃO EXISTE
UMA ORDEM POSSIVEL, SÓ INDICAÇÕES E
SUGESTÕES. NO MEIO DE TUDO ISTO,
NÃO SEI ONDE É QUE HEI-DE Pôr. 19

CHATO DO DANTAS! A "PRESENA"
NÃO O QUER. OS "FUTURISTAS" TAMBÉM
NÃO, ~~o mesmo~~, LÁ ESTÁ O "MANIFESTO
ANTI DANTAS E POR EXTENSO" PARA O
PROVAR. OS "INTEGRALISTAS" TAMBÉM NÃS
TINHAM PAZIÊNCIA PARA ELE. O AFONSO
DETESTAVA-O. VEU POR ISSO ARRANJAR
UM ESPAÇO SINTO ISOLADO PARA ELE É
PAINEL O JOAQUIM LEITÃO. O MESMO QUE
TENDE UM "AFFAIR" COM A D. MARIA DE
PORTUGAL, SENTONIA ENORME, LEVOO O
AUGUSTO DE CASTRO A EXCLAMAR,
"PORTUGAL NÃO!, PORTUGAL E COLÓNIAS!!"
O J. LEITÃO ~~há~~ O SECRETÁRIO PERPÉTUO (!!!)
DA ACADÉMIA DAS CIÊNCIAS QUE MANDOU
COLOCAR NAS ESCADARIAS DA ENTRADA DA
ACADÉMIA UM PAINEL DE AZULEJOS
COM LIVROS EM QUE SE VIA NAS LONGARAS
"BOAS COMPLETAS DE JOAQUIM LEITÃO!"
O DANTAS, ACHOU DEMAS, E MANDOU RETIRAR.
AMANHÃ NÃO HÁ "GRANVER". IDA A LISBOA
VER O MODO QUE TENHO EM RESTAUR-
NO MUSEU DA MARINHA. DEPOIS 20

ACUOÇO EM CASA DA MÃE, DEPOIS
ASSINAR EDIÇÃO PARA "NÉTRO" (A SEGUNDA)
NO ATTEUER DO DAVIO, DEPOIS IR
BUSCAR O MAX AO AEROPORTE.

FRIDAY (II) 10 MAIO

RECOMENÇAMOS TRABALHO. DECIDIMOS
QUE A ZONA CENTRAL DO PAINEL
SERÁ TRANSFORMADA NUM EMORPHIS
CIRCULO! ATIRA-MO-NOS AO TRABALHO
E UMA HORA DEPOIS ESTAVA
FEITO!



DE REPENTE O PAINEL TEM
UM CENTRO DE FOCALIZAÇÃO!
HÁ LIVROS A CAÍR EM DIREÇÃO?
A EFETUA. TODO SE DIVERTE!
PARECE É QUE EU GOSTO TANTO
DE EFETUA E CIRCULOS?

NÃO SEI. VEM-ME NATURALMENTE
É UMA FORMA QUE ME DA
GRANDE SATISFAÇÃO FAZER,
CONTINUAMOS A DESENHAR LIVROS.

21

A COMPOSIÇÃO ESTÁ FINALMENTE
RESOLVIDA!

SÁBADO 11 MAIO

[REDACTED]

APARECERAM PARA MAIS UMA
GRANDE SARDINHA (BONCHADAS À
SOMBRA DE UMA OLIVEIRA MILENÁRIA)



o JOSÉ CARDOSO PIREZ E A

[REDACTED]

MATEMÁTICA CONVENSA. APARECEU
TAMBÉM DE PASSAGEM O PEDRO

22

TAMBÉM

TANTO ELE COMO O ZÉ FORAM
MEDIATAMENTE CONVULSADOS

PARA PAREM OS SEUS NOMES:

NO PAINEL. ACEITAMOS!

JULCO QUE DE AQUI ENDIANTE

NÃO VAI HAVER BILHOTES

PROBLEMAS COM OS OUTROS.

PELO MENOS ADEM O ESPERAR.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] FICA NOMA

POVOAÇÃO A LESTE DE AZEITÃO.

DE REARRESSO, PERDI-ME,

O QUE DE MANEIRA NENHUMA

ME PREOCUPOU! DE REPENTE

ENCONTREI-ME NA ESTRADA DA

MOITA, ACHEI QUE ERA OCAPI

DE IR ESPREITAR UMA DAS

POVOAÇÕES DA BORDA DE AQUI

DO TETO QUE SEMPRE ME

FABRICARAM E ATRADAM SEM

MESMO LA TER ESTADO (THU IS

VERY IMPORTANTO UNDERSTAND

MY WORK)

A BEIRA RIO ALI É PLANA E O RIO ENFRA-SE PELA TERRA DENTRE EM ESTEIRAS E BRAÇOS QUE PARECEM PEQUENAS RIAS. AVIÇA ANDA NÃO ESTÁ DEBARRARA, E AO FIM DA TARDE GANHA UMA INTENSIVIDADE QUE FAZ SOFRER. HÁ UMA CALMA, UMA SOLIDÃO QUE SERÁ AFIM DE CERTOS FUTUROS DO CÍTRICO. O RUIDO DAS VOZES QUE OCASIONALMENTE SE OUVEM, SEPARADAS UMA DAS OUTRAS, CLARAS, CONTRIBUEM PARA ESTA SENSÇÃO DE SOLIDÃO. . . TIVE O PRAZER DE VÉR QUE NUM PEQUENO CLUBE NAUTIC, OUV MECHOR, NAUTICO, CONTINHAM A CONSTRUIR-SE BOTES E CANOAS PEÇA MANEIRA TRADICIONAL. MUITAS CANOAS, EM EXCELENTE ESTADO DE CONSERVAÇÃO MOSTRAV QUE NA BORDA DE ÁGUA AMBA

25

SE NÃO PERDEU O AMOR PELAS COISAS MARITIMAS. AS CANOAS, PINTADAS DE CÔRES VIVAS, AMARELO, VERMELHO, AZUIS, NO SEU CONJUNTO PARECIAM UM QUADRO DO VIAMA. AO PÉ, UM VARINO ABANDONADO FER-ME LEMBRAR DOS TEMPOS EM QUE O TESO TINHA UMA ACTIVIDADE MARITIMA HOJE PERLIDA.

NO COMEÇO DA "OCE MARITIMA", O A. DE CAMPOS EXPRIME ESSA VIDA E ACTIVIDADE HOJE DA DO PASSADO, EM MÍANIFICOS VERBOS. HOJE O TESO É UM LAGO MORTO, ÀPARTE OS FERRIES E OS CHATISSIMOS NAVIOS CONTENTORES.

AO PÉ DO VARINO, ENORME NA SUA SOLIDÃO HAVA UMA OU DUAS FUNDACAS, ESTAS MEGALAS E DE ASPECTO PESADISSIMO.

UM QUILOMETRO ADIANTE, MAIS UMIS SEUS OU SETE FUNDACAS,

26

DE FUNDOS JÁ PÓDRES, MANOVÍVEIS
PARCELA PROTEGEM-SE UMAS
ÀS OUTRAS CONTRA O DESTINO
CERTO. VISUALMENTE, ESTE CEMITÉRIO
DE NAVIOS JÁ SEM VIDA, OU MELHOR
DE NAVIOS JÁ NO FUM DA VIDA (PARQUE,
COMO AS PESSOA, OS NAVIOS TÊM
CARACTER E PERSANTIDADES) DEIXOU-
ME FASCINADO. SENTI-ME COMO QUE
A INTROMETER-ME NUN MUNDO
PRIVADO E ALHEIO. ESTE VERÃO
SEM DÚVIDA QUE TRES EXPLORAR
A MARGEM SUL DO TETO, E QUEM
SABE SE DE AÍ NÃO SAIRÃO

TUBACOS NOVOS, ~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~

27

~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
DOMINGO 12 DE MAIO

IR À FEIRA DE SINTRA. NADA
DE GRANDE INTERESSE E PREÇOS
CARRISSIMOS PARA O QUE É DE FACTO
MUITAS VEZES NÃO MAIS DO QUE
FERRO VELHO. À TARDE,
TRABALHO NO PAINEC.

SEGUNDA FEIRA 13

CONTINUAÇÃO DO TRABALHO,
PASSO MUITO TEMPO A AGRUPAR
OS Nossos ESCRITÓRIOS CONTEMPORANEAS
DE NUNO A QUE ESSE AGRUPAMEN-
TOS FARAM AGRUP SENTIDO.

TERÇA FEIRA 14

HOJE EXPERIMENTAMOS GRAYM
UMA PEDRA COM ÁCIDOS DE

28

VÁRIAS PERCENTAGENS. CHEGUEI A
CONCLUIR QUE 20 PARTES DE ÁGUA
PARA UMA DE VITRICO GUAVA DEPRESSA
É COM DETACHE. O 3 BARRA. 1

SEMF USADA EM ARBOS GRANDES
E QUANDO QUERO QUE O VERMIZ
QUEBRE, EXPERIMENTAMOS TAMBÉM
ABRIR NO VERMIZ ÁREAS COM
DIUVENTE E DEPOIS GUAVAR,

DE FACTO TUDO JE BASTA COMO
NA ÁGUA FORTE SOBRE METAL.
OU QUASI TUDO, PÓS A PEDRA
GANHA UM ASPECTO CARCOMPO
QUE NO COBRE NÃO SE CONSERVA
FÁCILMENTE.

QUARTA 15

PAISEI O DIA A "ARRUMAR" NAS
ESTANTES OS MASSAS CONTEMPORÂNEOS,
TENDO EM MENTE QUE ALGUNS
SE PODERÃO OFENDER PÉO LOCAL 29

EM QUE OS COLOQUEI, AO PÉ DE QUEM
OS COLOQUEI, E ASSIM POR DIANTE.
NÃO POSSO Pôr o SARDINHAO MAIS
PEQUENO QUE A BESSA LUIS, ETC. ETC.

UM EXERCÍCIO DIFÍCIL E PERIGOSO!

O SCHALK OFERECER UMA SARDINHAO
PARA MIM, MAX É ARQUITECTO,
EXCELENTE VINHO D'É LAGOA. NA
GARDINHA DIZ 12,6 GRAUS MAS EU
ESTO CONVENCIDO QUE SÃO MAIS...
TENDO BEBIDO COM MODERACÃO,
TUBBACHEI ATÉ AS 5.30.

DE REGRESSO A CASA COMPRI
6 LEGADORES DE PLÁSTICO, PARA
NÃO HAVER INTERRUÇÕES QUANDO
GUAVARMOS. AMANHÃ VAI SER
O DIA! É COMO ANDAR NA CORDA
BAMBA SEM REPE!

QUINTA 16

HOJE GUAVAMOS QUASI METAPE
DO PANEC. A PARTE DIREITA, SEM
CUTEAR AO CENTRO. COMEÇAMOS
COM 20 PARTA DE NITRICO, 30

DEPOIS ACIDOS MAIS FORTE, 10/11
E FINALMENTE 3/11 E PURO.

DURANTE TODO O PROCESSO,
LIMPET ÁREAS COM DASSUVENTE,
PROTEGI OUTRAS QUE ESTAVAM
EXPOSTAS, COM VERNIZ.

O PROCESSO DE LIMPEZA DO
VERNIZ ESTÁ CONTROLADO (MUITA
ÁGUA RAI E DRE-LITE TEMPO
QUE ERA TRABALHATE PARA NÓS).

OS SEIS REGADORES FORMAM
UTILÍSSIMOS PARA REGAR AS
PEDRAS COM ÁCIDO.

SEXTA 17

DE MANHÃ VEM O ENX. JORGE
DAS COM AMOSTRAS DAS CORES.

TINHAMOS DUAS PEDRAS GRANDES
GRAVADAS PARA SE EXPERIMENTAR
A TINTA DO AMARELO DOURADO
ESTÁ PERFEITO. O VERMELHO PRECISA
DE SER MAIS ABERTO. O ENX. 31

COMEÇA A ENTUSIASMAR-SE COM
O PROJECTO.

FERNANDA CHEGOU.

[REDACTED]

SÁBADO 18

ALMOÇO EM SINTRA DEBAIXO
DO ARCO.

[REDACTED]

ANTES DO ACOMOHO HOJE
VISITA A "GRAMMER" E JÚLIO DO
MARETA ESCREVEU O TÍTULO DO
LIVRO QUE ESTÁ PARA PUBLICAR.

▷ DOMINGO

▷ SEGUNDA 20
GRAVAMOS O LADO ESQUERDO
DO PAINEL. TUDO BEM.
FIM DE TARDE, CERVEJAS NA
PRATA GRANDE, COM FERNANDA.
ESCELENTE POR DE SOL!

▷ TERÇA 21
PEDRO TÁMEN CHEGOU ÀS 6^H
E FOI ASSIM O PRIMEIRO POETA
A ASSINAR O SEU NOME
PAINEL. A PRIMEIRA IDÉIA MICAL

33

ERA QUE ESQREVESSEM COM UERMIR,
MAS ESSE PROCESSO OPÔE-SE À
FLUIDEZ DA ESCRITA. TIVE
ALI UNS MOMENTOS TENSO, MAS
VI TODA A IDÉIA DA ASSINATURA
DESAPARECER! MAS DEPOIS
EXPERIMENTAMOS COM CRAYON
MOLE LITOGRAFICO, E FUNCIONOU
MUITO BEM! O CRAYON, NÃO É
SÓLIDO ~~É~~ É SEMPARETO COMO
O VERNIZ, ACTUA COMO UMA FORMA
DE AGUATINTA. ASSIM, O QUE É
DESENHADO (COM CRAYON) NÃO FICA
BRANCO (DEPOIS DA LIMPEZA), O QUE
SUCEDERIA COM O UERMIR. FICA EM
RELEVO, MAS ESCURO, POIS AS MINUSCULAS
ABERTURAS NO CRAYON DEIXAM PERENAR
O ACIDO.

▷ QUARTA 22

FERNANDA E MAX, PARA LONDRES,

34

SEXTA 24 - O SCHALK FUI À AFAIJA,
SABER O QUE HÁ DAS PEDRAS.
FIQUEI DE ESTAR COM ELE AS 4.
NÃO APAREceu, O QUE NÃO É

CARACTERÍSTICO. NÃO TRABALHEI...
SÁBADO 25

ENTRETANTO FUI PENSANDO NO
PROJECTO, E HÁ UVE GRANDES
MODIFICAÇÕES. A IDÉIA PARA AS
PLATAFORMAS DA 'ARQUEOLOGIA DA
CIDADE' ERA INTERESSANTE MAS UM
POUCO VAGA! COMO SE ENTENDERIAM
OS MEUS FUTUROS ASSISTENTES COM
TAL TEMA? ANTERIORMENTE TINHA
PENSADO EM GRANDES CASEFAS À
ROMANA, NUMA ATITUDE PURAMENTE
DECORATIVA. MAS ISSO REALMENTE
NÃO SOU EU... PRECISO SEMPRE DE
UMA MOTIVAÇÃO, DE UM TEMA, DE
UMA RAZÃO À RODA DA QUAL O
TRABALHO SE ESTRUTURA.

ASSIM, NO SÁBADO SEM NOTÍCIAS DO
SCHALK, E SEM PEDRAS, FIQUEI EM
CASA. A PENSAR, NÃO NA PROVERBAL
'MORTE DA BEZERRA', MAS NA

TARDE NA GRANJIVER.

QUINTA - 23

NÃO HOUVE TRABALHO, FAZIAM
PEDRAS DO TAMANHO DESEJADO

M. 10 A B
M. 10 A B
35

QUESTÃO DA DECORAÇÃO DAS PLATAFORMAS. IDEIA PUXA IDEIA E ASSIM DECIDI QUE ESTAS SERIAM A CONTINUAÇÃO, O MELHOR, O PROLONGAMENTO NATURAL DO TEMA DA BIBLIOTECA NO HALL. ASSIM CADA PLATAFORMA SERÁ DEDICADA A UM POETA, OBVIAMENTE OS Nossos MELHORES, QUE É COMO PIRÊES, CAMÕES E PESSOA, OU "LUSIADAS" E "ÓDE MARÍTIMA" A QUEM PÔDE MIM É A VERSÃO METAFÍSICA DOS LUSIADAS. PARA ISSO TIVE QUE LER O GRANDE POEMA DE CAMÕES, PO QUE SÓ CONHECIA FRAGMENTOS, POIS A DIVISÃO DAS ORAÇÕES NO LICEU, E O ESTÁDO NOVO, FORAM DUAS RAZÕES QUE SEMPRE ME FIZERAM AFASTAR DA GRANDE ABRA DO NOSSO POETA! TORNAR O POEMA OU PARA O CASO, QUASEQUER POEMA, EM COBRIA PARA DEMONSTRAÇÕES

37

GRAMÁTICAS, EQUIVALE A DESTRUI-LO AOS OLHOS DE QUASEQUER JOVEM. O "ESTÁDO NOVO" USANDO "OS LUSIADAS" COMO JUSTIFICAÇÃO IMPERIAL DEMONSTRANDO AVANÇALHADO.

PAR ISSO, QUANDO HOJE PEQUEI NO POEMA E O COMECEI A LER, SÓ FAREI NO FIM DO CANTO X! SE ACHO DE MENOS INTERESSE A PARTE QUE SE REFERE AOS Nossos HERÓIS, HÁ CANTOS ABSOLUTAMENTE ESPANTOSOS DE FORÇA POÉTICA, IMAGEM, ETC.

NO CANTO VI (XVII) A DESCRIÇÃO DO TRITÃO FAZ LEMBRAR UMA PINTURA DO ARECIMBALDO, SERÁ QUE EM QUASEQUER ACTURA DA VIDA CAMÕES TERÁ VISTO UMA PINTURA DO ARTISTA OU DE UM DOS SEUS SEGUIDORES? A DESCRIÇÃO DA "GRANDE MÁQUINA DO MUNDO" É UM ESPELHO DA RENASCENÇA E LEMBRAME AS FAMOSAS AGUARELA DE FRANCISCO DE OLANDA

38

ASSIM, A PAREDE POENTE SERÁ
DECORADA COM IMAGENS DOS DOZ
CANTOS. NÃO SERÃO NO ENTANTO
ILUSTRAÇÕES. OS VERSOS SERÃO
DE PONTO DE PARTIDA, NADO
MAIS. A PROPOSITO DE ILUSTRAÇÕES,
ESTOU-ME A SERVIR DE UMA
EDIÇÃO DOS LUSIADAS PUBLICADA PELO
MINISTÉRIO DA MARINHA PARA A
CINEMATOFORES HENRIQUINAS, E COM
PREFÁCIO (BASTANTE ESTADO N.º) P.
MEU AVÔ REYNALDO. AS ILUSTRAÇÕES
SÃO POR UM OFICIAL DE MARINHA, QUE
SE DEVERIA TER DEDICADO TOTALMEN-
TE AO MAR EM VÊZ DE SE
AVENTURAR NO CAMPO DA ARTE,
SÓ VENDO SE ACREPITADO!!!

QUANTO À PAREDE NASCENTE,
É A "ÔDE MARTINA" MINHA VISUAL
AMICA! GOSTARIA DE COMPLETAR
AS DUAS PAREDES ANTES DA PARTIDA
DO MAR EM MEADOS DE JÚNIO.

39

VAI SER TRABALHAR NO PURO!

▷ DOMINGO 26

CONTINUAÇÃO DAS LEITURAS EM
QUESTÃO. DE MANHÃ IDA À
FEIRA DE S. PEDRO. Logo ANO ABER,
QUE É QUANDO AINDA IS ENCONTRAM
COISAS. COMPREI UMA ENORME
TORNEIRA DE LATAÇÃO (DEVA SER
DE UMA PIPA) PARA O NOVO LAGO
DO TERRAPÓ. TAMBÉM UM EX VOTO
(ITALIANO) EM CROMOLITO E UMA
PLACA DE METAL DA CAMPANHIA
DE SEGUROS PÁTRIA. BEM BONITA!

▷ SEGUNDA 27

IDA À "GRAMMER". SEXTA JÁ NO
SEU POSTO. NA SEXTA ATRASOU-SE
NO REGRESSO DA ATAÍDA, QUE
FICA AO PÉ DA BATAIHA, OS
FORNECEDORES PROMETEM E
DEPOIS NÃO CUMPREM.

40

DEJEHAMOS NÉCE.

STERFA 28

IDA À GRANIVIER ÀS 8 DA MANHÃ
PARA DAR RETOQUES NO PAINEL E
VER SE UM DOS PAINÉIS QUE
LEVAVA UMA GRANDE CABEÇA, JÁ
ESTÁ PRONTO, PROMETEM-MO PARA
AMANHÃ, DE MODO QUE AMANHÃ O
TRABALHO RECOMEÇA, GOSTARIA
QUE QUANDO O MAXE RETORNAR
(SÓ DIA) A CABEÇA ESTIVESSE
CRAVADA! A VER VAMOS.

-QUAETO 29
NA GRANIVIER. AS PESSOAS PARA A
CABEÇA AINDA NÃO ESTÃO TODAS
PRONTAS. PELOS 11 HANDECEU O
ARQUITECTO. MONTADO TROCA DE
IMPRESSÕES SOBRE VÁRIOS ASSUNTOS

42

NA III ENCONTRE A
MARIO SOARES CONVIDEI-O PARA
VIR VER OS PAINÉIS QUANDO ESTER
ESTIVEREM MAIS ADIANTADOS, PRONTO
QUE VIRIA, NÃO É TODOS OS DIAS
QUE SE ENCONTRA UM PRESIDENTE
DA REPÚBLICA NUMA GALERIA DE
ARTE E SEM GORLAS A RODA,
É O SEU LADO SIMPATICO.

A TARDE VOLTEI À GRANIVIER,
AS PESSOAS JÁ ESTAVAM MONTADAS,
NUMA HORA PINTEI COM VERMELHO OS
18 METROS. AINDA HÁ QUE ESPERAR
DOIS DIAS PARA QUE O VERMIZ
SEQUE E QUEBRE QUANDO NÓS

41

RELATIVOS AOS PAINÉIS. COMO POUCO
PODIA FAZER (QUERE COMEÇAR A
CABEÇA ANTES DO PAINEL DA PESTA,
FORMA), CONVIDEI-ME PARA UMA
"ALMOOÇO LIGEROS" NA PRAIA DAS
MAGAS,

[REDACTED]

QUINTA 30 - FERIADO RELIGIOSO! FOTOS
PÁRA AS PRAIAS! FUI A "GRANVILLE"
CONTINUAM A FACTAR OS DIAS RENQUEA
DE PEDRA DA PARTE DE BAIXO DO
PAINÉL. NÃO IMPORTA, PINTEI A CABEÇA
DO CIMO ATÉ AO QUEIXO. VAGA
PARECEU COM A FERVADEIRA!
FORAM TRÊS HORAS DE TRABALHO
IPTENSO COM A DIFICULDADE DE
SI SE PODER APOIAR EM UMA DAS
PLACAS, ONDE ESTAS ASSENTAM NA
ESTRUTURA DE SUPORTE. PARECE-
-ME QUE ESTÁ-BEM E AMANHÃ
DE MANHÃ ACABAREI O QUE FICHA
AMANHÃ TAMBÉM TEREM GRAVAR E
LIMPAR.
MAX TELEFONOU À TARDE PO
PASSOEN DE SALAMARCA. APANHOU
UMA CARGA DE ÁGUA NO CAMPO
E DECIDIU FICAR LÁ. CHEGOU
AMANHÃ À "GRANVILLE" ANTES DAS
4. VERÁ O PAINEL DA CABEÇA
PRONTO!
USEI UM PINCEL GÊNERO BROOMA
PRESO COM FITA ROMADA LARGA

A UM FINO TRONCO DE EUCALIPTO
QUE EU AFILAEI NA OFICINA.

É LEVE, LONGO E TEM A
FLEXIBILIDADE DOTA ROMA. FIZ
VESEAR. QUINTEI A ÁREA DAS
CABÊLOS A CETO COM VERMIZ,
E CÊRCA DE 10 MINUTOS MAS TARDE
SAPRQUEI A MESMA ÁREA COM
ÁGUA RAZ. SE SE PASSAR UM TRAPO
SOBRE OS SACPICOS, ÊTOS LEVANTAN
O VERMIZ. O EFEITO É OTIMO COM
O FIM PRETENDIDO, QUERO QUE A
CABEÇA FIQUE "WEATHERED" E NÃO
ÓBVA.

LI UM BOCADO MAS DE MÉTOS DO
F. PESSOA NUMA EDIÇÃO BRASILEIRA PAA
OBRAS COMPLETAS. QUE SE USE
FRANÇÊS QUANDO SE TRADUZ PARA
FRANÇÊS, É DO MONSIEUR DE LA PALISSE?
MAS O PESSOA EM BRASILEIRO PARA MIM
NÃO DÁ ATÉ PORQUE AS LINGUAS SÃO
QUASI IDENTÍCAS. NÃO DÁ JEITO VER
"FATO" EM VEZ DE "FACTO". SÃO MAL,

45

30 de julho de 1942.

Mais de um ano depois de Rio
escrevi o seguinte artigo,
encontrei esta edição esquecida
na gaveta da secretaria. Li...

Sob o e realmento extraordinário
como nas referências es crites
a menção nos artigos - distâncias
perspectivas de tempo -

de facto propostas -
Penman esta com divisão
com a descrição da mudança

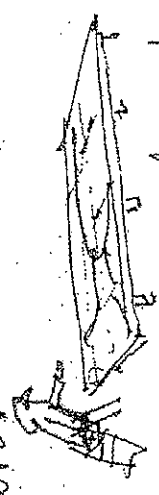
grande cabeça para o mundo. São
de scadarios do melho. São
de facto duas cabeças, fronts

de fronte, apenas separados
deles linha des cambódios.

Preferendo não, uma a Susan,
a outra a Fernando, as duas

46

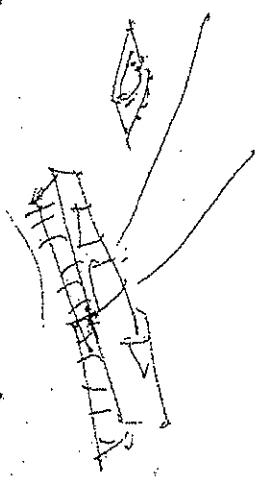
mulheres na minha vida.
 A explicação "oficial" é de
 que não os meus dois de
 poetas, pois "preguiça em
 os países de 'Belle Matinée'
 e os "Lunatics". Se estão
 parecidos ao não, isso é um
 caso diferente, pois não
 têm processos de o vés
 no alto.



Só consegui vê-los de cima de
 um esquadro, mas a altura
 não era suficiente. Que vis
 be os outros foram os
 filhos dos meus avós
 da base de São Paulo, que
 constantemente observavam

[Redacted text]

a ginástica.
 Um deu mesmo vários voltas
 por cima da Sanchalho. Se não
 fizesse a minha simulação,
 deixaria de ir à base
 Aérea pedir a uma dona
 uma voltinha. Que não,
 Colégio Diverso não possível!



Faltam agora referências no
que respeito a desta obra.

Mos começamos com o
Luneta. Começamos mal, mas
dia acinzentado. A nossa frente
as dz garras e nestas posições,
de um painel de 30 metros.
Começamos com o campo I.

Desenhei, (desenhando) uma
grande mar, "TERRIBLE" como
diziam o pintor Vargas Dias
a respeito de uma pintura de
Raimundo Gomes que este Me
havia aferrido! Realmente,
uma imagem de Pior, refletindo
o medo e as heranças de
como começar tão grande
painel. E bem lembrar, que

nestes nunca existiram
e ao mesmo tempo, dentro a
café que as não seia
seguro, pois um caso de
~~seguro~~

Canchei o estudo a pequenos
diferentes e a natureza
diferentes, outra coisa é
trabalhar os naturais!

Pintamos a mar com Vermelha
recomendo com um mapa?

alguns mais e e elefantes!
O do Max não parecia com
um elefante (al caso não o
Cambriano, o meu like "a
mitchell best", e não melhor!
Percebi então que a obra
para o painel era a de o
considerar com o mesmo

Qualifico A parte de
as suas ideias mais problem
conceituais. Haverá problemas
Semânticos e formais.

MENSAGENS DE CORREIO ELETRÓNICO

Ana Filipa da Franca

De: Shirasu Jun [shirasujun@hotmail.com]

Enviado: sexta-feira, 4 de Outubro de 2013 9:40

Para: Ana Filipa da Franca

Assunto: Re: Bartolomeu dos Santos' stone and tile panels - Nihonbashi, Macau and Pragal

Dear Ana Filipa,

Thank you for your e mail and a lot of questions.

I spent today with full of pleasure, as I could remember the energetic and nice time which I spent with Barto.

Also your questions were very welcome.

In the deep of my mind, I was waiting for such questions to be asked by someone, and it was you.

<http://xfs.jp/JkxJz>

Macau

<http://xfs.jp/FTizZ>

Pragal

Validity of downloading is seven days.

If you have more questions, or correction over my description, please let me know at any time.

Please note,

To prove my description, especially for Pragal, Ana Romana knows about days, and I hope she remembers most of the part.

Also a lady who was working at Viuva Lamego labo, as well as Rogelio Ribeiro who was also working at V.L. for panels for Usuiki city in Japan, at the time. There weren't so many visitors for us when we worked, and Barto left me in the studio for one or two days...

Best Wishes,

Jun

Description for the crews and people drawn on “No Japao”

All figures marked by “B” were drawn by Bartolomeu.

A beard man who says “Estranha Palavra!” is Fernao Mendes Pinto drawn by Barto.

Figures marked from J1-J77 were drawn by Jun Shirasu.

I try to describe about details and consequence stories as far as I remember.

J1. After we, Barto and I, spent for almost two days to paint the whole panel in blue, Barto fixed the shape of the ship and line of the coast. He scratched tile surfaces by using etching scraper with no hesitation, it was very much like him, and drew shape of the mast, cannon etc. He already asked me to fill up the ship with many people, at the beginning he drew some people, marked in “B”, as “For example”. Of course he wanted to execute “Fernao” by himself. Then I started drawing. I knew already by my experience when I worked with him, suddenly he put me in the middle of large responsibility. So I did. J1 is actually Barto himself, as I paid respect him first then started trying to catch the mood that you finally shout “Got it!”

J2-J6. People try to see the new land, Japan. I was still scared.

J7. Man pointing up to the air, but it was meaningless until I drew J77 at the very end. Then I added a patch on his helmet. Then it was done.

J8. Man shoulders a parrot.

J9. Man assists J10's body.

J11. I thought J10 was stepping J11's head, although J11 looked unclear (or my oblivion).

J12. Some kind of pessimist.

J13-J16, J23. Negotiating price of Japanese fish.

J17-J18. Asking J20 what he can view.

J19, J21. Talking with Japanese interpreter J22.

J24, J25 Playing chess.

J26. Watching the game with a cup (of wine).

J27. Chef. He wears a chain necklace, as Barto told “he should be like”. He holds a brass plate on which a fish born says “Chegamos!” It was also that Barto was asking someone must announce their arrival. In this story, the fish was already eaten by a cat, J41.

J28, J29, J31. Celebrate their arrival.

J30. Uses telescope.

J33. His bumps push J32's head. (If I remember.)

J34. Jesuit reads God's bless...

J35. Cool Portuguese man makes pose, or knap.

J36-J39. Javanese children.

J40, J43. Geologists.

J44 Tries to wake up J45, drunken man.

J46. We needed a symbolic figure standing at pole. We were thinking for a while what suits with him. Probably I suggested "instrument?" Then Barto was inspired "charamela!" Charamela is also Japanese word which wagon noodle seller used to blow on the street (when I was a child).

J47. Barto asked me draw Japanese fisherman. Balloon, also the left one, says "Sakana."
I learned the word was also Portuguese with which Barto played with me naughty quiz at restaurant in loud voice. "Jun, what is fish in Japanese?" "You must say Sakana!" He liked this game but I was rather embarrassed. Actually we call fish so.

J48,J49,J50. Japanese family look at the scene.

J51. Portuguese scientist observe a boy by using magnifying glass. When Barto and Fernanda were in Tokyo for opening the mural ceremony, they saw a Japanese man who was looking at the Nihombashi panel by using a magnifying glass. I liked the story.

J52, J53. Movers. I used to be so, before Slade.

J54. Hides at corner and knap.

J55. A boy, could be Javanese or African, who conducts the camel.

J56. Japanese boy who tries to feed a fish to a camel.

J57,J58. Local people.

J59, J60. Start dealing with a Japanese business man J61, holding soroban.

J62. Portuguese Padre encounters Japanese monk J63.

J64, J65. Attendants and translator of J62, J63.

J66. A camel refuses to have a fish by her pride.

J67-J75. See file. Right – Top.

J67-J69. Portuguese traders sell guns.

J70, J71. Japanese samurais inspect the price list.

J72,J73. Play Japanese "Shogi" chess.

J74,J75. Sorry for my oblivion. They might be having tea and probably there might be another one on the Tatami floor too.

J76. Added by an instant inspiration.

J77. Crow is a future telling statue of subsequent "Kristan expelling" in the history.

Yellow straight is read,

「南蛮人渡来之図」 "Nanban Jin Torai no Zu"

Picture of Arrival of Nanbans.

At lower right inscription, if I were correct

Bartolmeu dos Santos 1998

Collaborator: Jun Shirasu

Assistant: Ana Romana

"Conbates No Mar"

Baloon says "Ah" in Han-ji. 「阿」 as Barto just wanted me to draw "A".

Two crews on top of the mast were drawn by Ana and me.

"A Viagem a Pequim"

I was in charge of drawing Red dragon and Chinese city.

Birds in the cages under two fishes were drawn by Urbano Resendes.

"Panel for Macau Museum"

Total length of the both side is 40m. We didn't have time to take a whole picture, otherwise Urbano was taking a lot of photos. He should have more photo than I have.

Unfortunately I couldn't find writing by Camilo Pessanha, but Mateus Ricchi's writing in Han-ji that I draw.

「吾友非他即吾之半」

"Friend is a half of myself and not something else"

Ana Filipa da Franca

De: Shirasu Jun [shirasujun@hotmail.com]

Enviado: sábado, 5 de Outubro de 2013 10:42

Para: Ana Filipa da Franca

Assunto: Re: Bartolomeu dos Santos' stone and tile panels - Nihonbashi, Macau and Pragal

Dear Filipa,

I am very glad to hear of your reply and am pleasure if my files are useful for your dissertation.
So please use.

Namban is originally from Chinese language which meant their enemies invading from the south,
"South barbarians."

There are four enemies feared ancient Chinese from each directions.

北夷 from north

西戎 from west

南蛮 from south

東狄 from east

Namban became Japanese language in some time and people called southern nations with a little of discriminated accent.

When Portuguese arrived in 1543, people actually called them Namban, however it was pronounced in more respectable status to its technology as well as the curiosity.

"Namban Bunka"-Namban culture, "Namban Ryo-ri"-Namban cuisine, "Nanban Yo-shiki"- Namban style, etc are still common words when our conversation goes to history.

Anyway we inherited many Portuguese words from the time of encounters.

For Two images of Macau city, your understanding is correct.

One was the old Macau which James Wong drew by himself as he represented Macau citizen.

The other was collective graffiti of Macau city of 1997, done by all members of the team.

For the poem by Camilo Pessanha, now I found it, Chinese writings below were the same as Portuguese.

DSC2448 - "Picture of front of Macau"

DSC2421 - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chuang-Tzu>

天地興我並生 而萬物我為一

Earth and cosmos lay as same as my life, thus everything integrate with my being.

All banners on the panel were words from ancient Chinese philosophers.

"Plant leaves" are Philodendron which was planted at Barto's garden.

We bent and took them to stamp on the stones everyday.

After all his garden became rather bold.

Something useful for you.

If you have time to visit Casa Havaneza in Baixa Ciade, next of Brazil, you will find Barto's earliest stone etching panel from 1960s.

It stands just behind the front door.

OK?

Best wishes,

Jun

Ana Filipa da Franca

De: Maria João Schalk [mjschalk@sapo.pt]
Enviado: quinta-feira, 12 de Setembro de 2013 10:14
Para: 'Ana Filipa da Franca'
Assunto: FW: Tese sobre Bartolomeu dos Santos

Desculpe o erro em baixo: obviamente é 17 de Novembro **1997!**

De: Maria João Schalk [mailto:mjschalk@sapo.pt]
Enviada: quinta-feira, 12 de Setembro de 2013 10:06
Para: 'Ana Filipa da Franca'
Assunto: RE: Tese sobre Bartolomeu dos Santos

Bom dia Ana Filipa,

Felizmente encontrei de imediato o meu diário da viagem à China e verifiquei o seguinte:

O arquitecto de que lhe falei ontem chama-se **Carlos Bonina Moreno** e estive a jantar com ela e a mulher, Maria do Carmo, no dia 17 Novembro 1977 em Macau, para festejarmos o aniversário do meu Marido (os diários de viagem são muito importantes!). No Google acabei de descobrir que ele foi o coordenador geral do projecto do Museu de Macau. Ele está inclusivamente no facebook. Se pesquisar vai encontrar os seus contactos e penso que lhe poderá facultar bastante informação sobre os painéis do Prof^o Bartolomeu dos Santos. (Também pode contar com as fotos que eu tenho e nas quais nos apercebemos das escadas-rolantes).

Estes painéis foram executados nas instalações da GRANIVER, no verão de 1997. A fábrica já tinha fechado em 1994, mas o meu Marido preparou tudo, incluindo a aquisição e preparação da pedra, para que o Barto pudesse lá trabalhar com a sua equipa. Falando ontem com o meu irmão, José Frederico Castro Caldas, fiquei a saber que o material que eles aplicavam não era um verniz, mas sim um betume (**betume judaico** é a designação correcta).

Estarei em casa toda a manhã, pelo que não hesite em me telefonar se tiver qualquer questão.

Um abraço,

Maria João Schalk

Ana Filipa da Franca

De: Penney, William [b.penney@ulster.ac.uk]
Enviado: segunda-feira, 17 de Fevereiro de 2014 16:52
Para: Ana Filipa da Franca

Dear Filipa,

In the process of sending you these pictures I accidently trashed your email asking me questions! Please re write them to me and I will answer all as best I can. The pictures that I have sent you show Charlotte walking on the wall with tar on her feet to leave her prints. There are two other woman in the pictures the one with the dark hair plat is Vicki edwards and the person with the short hair with side parting is Oona Grimmes. You will also see one of the panels with our signatures etched on to it, it went missing and was never attached to the wall inside the station! Barto thought someone must have taken it for a momento!!! There is also a picture of the Limestone tiles stacked up ready to be etched.

Please feel free to ask more, and agin sorry for the dreadful delay!

Bill

This email and any attachments are confidential and intended solely for the use of the addressee and may contain information which is covered by legal, professional or other privilege. If you have received this email in error please notify the system manager at postmaster@ulster.ac.uk and delete this email immediately. Any views or opinions expressed are solely those of the author and do not necessarily represent those of the University of Ulster. The University's computer systems may be monitored and communications carried out on them may be recorded to secure the effective operation of the system and for other lawful purposes. The University of Ulster does not guarantee that this email or any attachments are free from viruses or 100% secure. Unless expressly stated in the body of a separate attachment, the text of email is not intended to form a binding contract. Correspondence to and from the University may be subject to requests for disclosure by 3rd parties under relevant legislation. The University of Ulster was founded by Royal Charter in 1984 and is registered with company number RC000726 and VAT registered number GB672390524. The primary contact address for the University of Ulster in Northern Ireland is, Cromore Road, Coleraine, Co. Londonderry BT52 1SA

Não foram detetados vírus nesta mensagem.

Verificado por AVG - www.avg.com

Versão: 2014.0.4259 / Base de dados de Vírus: 3705/7099 - Data de Lançamento: 02/17/14

Ana Filipa da Franca

De: Penney, William [b.penney@ulster.ac.uk]
Enviado: quinta-feira, 20 de Fevereiro de 2014 16:48
Para: Ana Filipa da Franca
Assunto: Re:

Hi again Filipa,

Yes you have the 2 groups of people in the correct order. The reasons for the hands and feet placed there was to introduce the arrival of the Human in what really is a scene of creation. If I'm correct the station services a Natural History Museum? Barto wanted to describe a creation scene, it began with plants which we collected from his garden, in the photographs that I sent you you can see us ink them and print them on to the surface of the stone. As we worked on the limestone we all noticed fossilised fish and shells embedded into it, so it seemed appropriate to enlarge and draw them on the stone as the first creatures appearing on the planet. So it was plants, then fish and shells, then the human foot print. We thought it a beautiful evolution. You can see us pouring and throwing stop out varnish on to the surface of the stone as well, Barto wanted the drawing and painting to reflect a Robert Motherwell painting. The large egg shape is really the sun rising at the centre of it all. Barto often used the sun and the moon symbol in his work, his name may have some relationship to these??? You can also see a large sun on the back of the wall in Grendola, in fact I painted the sun on it for him, so I always enjoy seeing it!!

I hope this helps you, please keep in contact and let me know how it progresses, and of course if there are other things you want to know please write.

Bill.

From: Ana Filipa da Franca <filipa-franca@sapo.pt>

Date: Wed, 19 Feb 2014 12:07:51 +0000

To: Bill Penney <b.penney@ulster.ac.uk>

Subject: RE:

Dear Bill

Thank you very, very much for the photos and the comments.

The lost stone is a pity (probably someone took it, as Barto thought, or broke it and made it disappear...).

That's why the names of the students are not on the panels, for the names of other people are (Graniver workers, architect, Max Werner, John Aiken, L. S. Rebelo...). Werner Shalk's name is also not in the panel, because it was cut when the stone was prepared to be sent to the station (his widow told me).

The questions I asked before were (modified according to your mail):

a) Do you remember if the two assistants teams were as follows?

- Oona Grimes, Tony Grisoni, Charlotte Cornish, Vicky Edwards and Bill Penney - second half of July

- Oona Highland, Rody Tomson and Andy Smith - first half of August

b) Do you remember the reason to print the hands and feet, or any particular meaning of the panels you participated in (why the plants, the shells, etc.)?

d) I suppose each team made one panel: yours made the one with the landscape that looks like a lake in the moonlight and the other one made the one with the giant egg-like form. Is that so?

Thank you again and all the best,

Filipa

ANEXO 4 - ENTREVISTAS E CONVERSAS

Conversa com Bartolomeu dos Santos

Conversa com John Aiken

Conversa telefónica com Max Werner

Entrevista com Guilherme Rodrigues

Conversa com Eduardo Nery

CONVERSA COM BARTOLOMEU DOS SANTOS¹¹⁶

(No atelier da casa de Sintra)

16 de junho de 2003

Ana Filipa da Franca (AFF) - Tenho de fazer um trabalho para a faculdade e escolhi a sua Biblioteca da estação Entre Campos. Gostaria que me falasse do painel.

Bartolomeu dos Santos (BS) - Sabe, já me disseram que alguém um dia haveria de fazer um trabalho sobre a estação.

AFF - Então tinha razão! É uma obra fantástica.

BS - Conhece Jorge Luís Borges? É o meu homem! Eu queria fazer uma biblioteca borgeana, universal, com todos os escritores importantes do mundo, mas para isso tinha de começar em Homero, ou antes, nos sumérios, e nunca mais acabava. Uma estação de metro e uma vida não chegavam. Assim, reduzi-a à literatura portuguesa.

A Biblioteca partiu de uma lista de 600 nomes, do séc. XII até ao presente, feita pelo Prof. Luís de Sousa Rebelo. A lista, escrita à mão, tinha inicialmente 42 páginas de autores e respetivos livros¹¹⁷. Afinal tive de cortar muitos, porque já não tinha espaço. A lista começa com D. Afonso X de Leão e Castela e segue-se Afonso Mendes de Besteiros, mas o painel começa com dez canções de Martim Codax.

AFF - Mas quem escolheu os livros a cortar?

BS - Fui eu. A escolha foi minha. Cortei muitos do século XII ao presente. Houve que fazer escolhas porque já não cabiam.

¹¹⁶ A presente conversa não foi gravada, tendo sido tomados pela autora apenas alguns apontamentos durante a mesma, que serviram para reconstituir a conversa. Versou só sobre o painel da Biblioteca, tendo tido lugar por ocasião de um trabalho da autora para o curso de História da Arte e Património, da Faculdade de Letras de Lisboa. A conversa de Bartolomeu foi tão fluente e quantidade de informação era tal, que foi difícil registar tudo o que dizia.

¹¹⁷ Aqui surge uma dúvida: se a lista de 42 páginas era a lista de autores do Prof. Luís de Sousa Rebelo, ou se era a lista que Bartolomeu fez a partir desta, com os autores e respetivos livros a inscrever na Biblioteca, pois Bartolomeu referiu que a lista do Prof. Luís de Sousa Rebelo não tinha obras, só autores.

Demorei três meses a fazer o painel da Biblioteca, de abril a junho. Foi um verão inteiro de trabalho muito árduo, com jantares ao fim do dia e descanso em casa e na Praia da Adraga.

AFF - E o Metro sabia como o trabalho iria ser, mais ou menos?

BS - Fiz três pedras gravadas para o Metro ver, como maquetas, que desapareceram.

Houve um artista belga francófono, Max Werner, que me ajudou muito, foi o meu braço direito. Ainda cometeu uns erros de português que tive de corrigir — "Ode Maritime", por exemplo. Comecei o painel numa ponta e acabei na outra, com Max Werner a ajudar. É uma biblioteca de casa, desarrumada, com objetos nas prateleiras: olhe, é esta estante [*apontou para a enorme estante que tinha no seu atelier, cobrindo a parede maior e outra menor*].

Há um autor falso. Há livros de um *forum* de mulheres escritoras do século XVI. Havia no século XVI um grupo de mulheres escritoras que girava em torno de D. Maria, irmã de D. Manuel, o que é interessante. Há uma prateleira dedicada a elas.

Há um livro com os cafés e bares de Lisboa, frequentados por escritores e artistas. Os cafés e bares a incluir foram objeto de discussão com alguns amigos, por exemplo, o José Cardoso Pires. Ele frequentava o Bolero Bar, tal como a Maria Velho da Costa e outros escritores. A inclusão deste bar foi muito polémica, pelo que foi votada democraticamente e acabou por ser incluído na lombada.

Há uma prateleira que tem os livros que são as minhas influências, a escrita sobre tempo, espaço e memória: Borges, Elliot, Joseph Conrad, Pessoa, etc.... Tem também um livro policial — *Judgement in Stone* — o que faz sentido, pois o painel é um julgamento na pedra. Acho que também está lá o Babar, que foi o primeiro livro que li quando fui à escola em França, em 1937. Veja se lá está. Há também um livro de Joseph Crabtree.

Eu fui professor na Slade, que é o departamento de belas artes da University College. Jeremy Bentham é tido por seu fundador e teve muita influência nos liberais portugueses, como Garrett e Herculano.

Jeremy Bentham está num átrio da Slade numa caixa de vidro que por sua vez está dentro de uma outra tipo cabina telefónica. Está embalsamado, mas a cabeça é de cera, pois uma vez uns estudantes, quando ainda não havia a caixa de vidro, puseram-se a brincar com ele e a cabeça caiu. Por causa disso, guardou-se a cabeça verdadeira numa caixa fechada, para não se perder, e pôs-se uma de cera. Todos os dias de manhã o porteiro abre a porta da caixa de fora. O Council da Colledge tem uma reunião anual ordinária, Bentham é levado para a reunião (na caixa de dentro) e é declarado na ata *Mr. Jeremy Bentham present but not voting*.

AFF - Ah! A múmia à cabeceira!

BS - Hum???

AFF - Eu explico: nos anos 80 corria na Faculdade de Direito de Lisboa a história de que Jeremy Bentham tinha deixado mais de 180 caixas (penso que era o número) cheias de documentos e escritos. Tinha também deixado em testamento que queria ser embalsamando e que os seus seguidores se reunissem todos os anos no seu aniversário, ou no aniversário da sua morte (numa data assim), para abrirem uma caixa e estudarem os documentos, com ele presente. Desde então, tinha-se formado uma tertúlia que todos os anos se reunia para fazer o que ele ordenara, com a múmia à cabeceira da mesa. No fim da reunião de estudo fazia-se um jantar em que a múmia também estava à cabeceira. Dizia-se, inclusivamente, que o Prof. Carlos Sousa Brito (que era nosso professor na altura) fazia parte dessa tertúlia. Ficámos sempre a duvidar bastante da história, mas agora compreendo.

BS - Pois. Agora já sabe. Bem, um dia, num dos jantares do "Professors' Dining Club", os professores, quando já estavam alegres, decidiram que Bentham tinha muito poder e criaram Joseph Crabtree: é um personagem que não existe mas tem biografia, fotografias, artigos sobre ele e etc., e tudo tem de bater certo. Joseph William Crabtree nasceu em 1754 e morreu em 1854. Todos os anos se faz um jantar Crabtree de *smoking*. Nesse jantar um dos participantes faz um discurso sobre ele ("Crabtree Oration") e todos os anos se nomeia o próximo presidente e próximo orador. Eu também já fui orador. Já saíram as obras completas de Joseph Crabtree, compostas pelos discursos anuais desde 1954 — "The Crabtree Orations,

1954-1994", The Crabtree Foundation, Bennett & Harte. Vai sair o 2º volume.

O Luís Garcia de Medeiros não existe. É possivelmente uma produção da ficção de alguns escritores. É a versão portuguesa de Joseph Crabtree. [*Foi buscar o livro Noites, de Luís Garcia de Medeiros*]. Este assinou o painel, mas não existe. Nos anos 50 havia um grupo que se reunia no Café Gelo, no Rossio, de que faziam parte Helder Macedo, João Vieira, etc.... Tome, ofereço-lhe [*deu-me um exemplar do Noites*].

O meu retrato que está numa das prateleiras foi feito por Max Werner. Há lombadas que são inventadas e por vezes há referências nas lombadas: na *Paqueta*, de Bulhão Pato, há uma amêijoia.

A Biblioteca está cheia de partidas e histórias escondidas. Uma delas é a de Joaquim Leitão: Joaquim Leitão era o secretário perpétuo da Academia das Ciências e os seus livros não eram bons. Mandou colocar nas escadarias da Academia dois painéis de azulejos, um de cada lado, um com as obras completas de Júlio Dantas (o presidente da Academia) e outro com as suas próprias obras. Júlio Dantas achou demais e mandou retirar os painéis. Joaquim Leitão era "amigo" de D. Maria de Portugal, que era casada com Baptistini, que tinha uma fábrica de azulejos, por isso as placas devem ter sido feitas na Baptistini. Isto eram histórias que o meu avô me contava. Por causa desta história, há no painel um livro horizontal e pequeno de Joaquim Leitão e outro na vertical e grande de Júlio Dantas.

Os escritores contemporâneos que tinham *affaires* entre si têm os respetivos livros juntos.

Para fazer a Biblioteca usei o dicionário *Os Grandes Portugueses*. Ia trabalhando com o livro ao lado. O Luís de Sousa Rebelo só me deu os nomes dos escritores, não as obras. [*Foi ver na estante.*] Não está aqui, está lá em cima. Venha lá acima, que eu mostro-lhe. [*Fomos ao andar de cima, a casa de Bartolomeu dos Santos, que retirou o livro da estante e o mostrou, sujo de verniz, tinta e outros restos do trabalho. Voltámos para baixo.*]

Os escritores assinaram com um lápis litográfico resistente ao ácido. Antes de assinarem no painel, treinaram numas placas de ensaio. São estas duas que estão aqui. [*Uma de cada lado da janela do atelier, embutidas na parede.*] Tinham ficado esquecidas no estaleiro, fui buscá-las e pu-las aqui na parede. Era uma pena ficarem lá.

AFF - Claro que era! E o círculo das assinaturas é alguma coisa de especial?

BS - Não, é puramente decorativo. Na minha obra há muitos círculos. Gosto! No painel d'Os Lusíadas há uma linha horizontal contínua sobre a qual círculos se sucedem.

[*Depois mostrei a Bartolomeu dos Santos a brochura da ML O Novo Interface do Metro de Entrecampos, da qual constam várias fotografias do trabalho, da sua execução, das assinaturas pelos escritores. Bartolomeu dos Santos foi comentando.*]

BS - Aqui é a gravação com ácido: a pedra é calcária (vidraço), cobre-se com um verniz, risca-se com uma ponta para expor a pedra nesses sítios (está aqui o Max Werner a desenhar no verniz) e depois põe-se ácido nítrico, para gravar o desenho (aqui). No final põe-se uma tinta muito resistente (epoxi): vê-se aqui.

Esta fotografia com os alunos da Slade é relativa aos painéis dos Lusíadas e da Ode Marítima. Eles não colaboraram na Biblioteca.

Aqui é o estaleiro de corte de pedra. Eu tenho a reportagem fotográfica completa que o Metro fez.

As folhas são dos fetos e das plantas do jardim daqui de casa.

[*Bartolomeu dos Santos foi buscar duas caixas cheias de objetos relativos aos painéis: fotografias da execução dos painéis, dos colaboradores, de todas as sessões de assinaturas dos escritores, a primeira lista de assinantes escrita numa toalha de papel, etc., e ia falando sobre o que retirava das caixas.*]

BS - Aqui está a lista de assinantes que eu fiz datada de 1 de maio de 1991:

Baptista Bastos

Urbano Tavares Rodrigues

Augusto Abelaira
José Cardoso Pires
Mário Cláudio
Vasco Graça Moura
António Gedeão
Alexandre Pinheiro Torres
Manuel Alegre
Pedro Tamen
Herberto Helder
Ana Hatherly
Ernesto Melo e Castro
António Ramos Rosa
Egito Gonçalves
Rui Knopfly (não veio)
David Mourão Ferreira
Alberto Lacerda (não veio)
Clara Pinto Correia (não veio)
António Alçada Baptista (não tenho a certeza)
Romeu Correia
Natália Correia
Fernando Campos
Maia de Carvalho
António Lobo Antunes
Lídia Jorge (decidiu que não ia)
Álvaro Guerra (não estava cá)
Almeida de Faria
Teolinda Gersão
Maria Velho da Costa
Maria Teresa Horta
Maria Isabel Barreno
Fernanda Botelho
Augustina Bessa Luís

José Saramago (não veio; escreveu uma carta)
Mário Cesarini (não veio: escreveu a dizer que não vinha e que depois dizia as razões, o que nunca fez)
Eugénio de Andrade (estava de férias)
Sofia de Mello Breyner
José Blanc de Portugal
Virgílio Ferreira
Manuel da Fonseca
Paulo Castilho
Dinis Machado
Alexandre Cabral
Isabel da Nóbrega (não sei se veio)
Fernando Assis Pacheco
Miguel Torga (não veio porque já estava a morrer)
Manuel Ferreira
João de Melo

Eram 49 nomes. Depois, o David Mourão Ferreira fez a lista do Metro. Juntou mais alguns nomes (poucos) e não convidou outros.

Mas esta lista começa antes. Está aqui: em 14 de julho de 1990 foi feita uma primeira lista pelo Ruben de Carvalho, durante um almoço que tivemos com outros amigos no restaurante "Taberna do Saloio". Foi escrita na toalha de papel da mesa e que ainda tem uma nódoa de vinho. Chama-se *Contributo para os Dramas Bartolomaicos com a Escrita & a Pedra*. O Mário Dionísio estava nesta lista de restaurante e também a assinou.

As pessoas iam assinar num carro do Metro, três de cada vez. Aqui estão notas das sessões de assinaturas [*com os dias da semana, mas sem datas*]:

Couto Viana e Judite Carvalho
Romeu Correia, Urbano Tavares Rodrigues e Gabriela Llansol
António Osório, Maria Velho da Costa e José Cardoso Pires
Luís Forjaz Trigueiros e Dinis Machado
Egito Gonçalves e Abelaira

Sofia de Mello Breyner e Natália Correia (que não se entendiam, por isso vieram em carros diferentes)

Lobo Antunes e Mário Cláudio

Este painel é um documento para o futuro. É muito difícil juntar num único documento todos estes escritores, que representavam a literatura que na altura se fazia em Portugal.

[Agora retirou as suas fotografias de uma das caixas, que continha envelopes com as revelações de muitos rolos de película fotográfica, como dantes entregavam nas lojas de revelação de fotografias.]

BS - Aqui estão as fotografias das assinaturas. Tirei fotografias de todas *[tirou algumas e comentou-as]*:

Teresa Horta

Luís Forjaz

Dinis Machado

Ana Hatherly

Aquela que escreve os livros de meninos, agora não me lembro do nome... é gorda...

Helder Macedo

Maria Judite Carvalho

Augustina

Almeida Faria

Virgílio Ferreira

Paulo Castilho

Urbano

Herberto Hélder

O Delfim: isto foi uma mesa redonda em Grândola. Levei fotografias do José Cardoso Pires.

Aqui é um almoço anual que há aqui em casa e o José Cardoso Pires vinha sempre, tal como o António Tabucchi, a Paula Rego, o Júlio Pomar, etc..

[Bartolomeu dos Santos conversou ainda um pouco sobre si: disse que se tinha reformado — tinha dado aulas 35 anos e já chegava — e agora fazia a sua vida entre Londres, Sintra e Tavira, onde tinha um atelier montado tal qual o da Slade. Reencontrou, após de muitos anos, um amigo da altura do colégio, disse-lhe que se ia reformar e ele propôs-lhe montar um atelier em Tavira, numas instalações da família. Depois pediram um financiamento à Gulbenkian, a Câmara de Tavira também apoiou e, já que iam fazer tudo de raiz, quis uma oficina igualzinha à da Slade, que achava perfeita, muito funcional.]

Mostrou ainda muitas das coisas que tinha nas gavetas do seu atelier: obras de Paula Rego e de outros pintores, gravuras suas, desenhos, várias meninas Kai-Kai da série que estava a fazer em Tavira, que ele vestia e despia para cada gravura como as bonecas de papel com que outrora as raparigas brincavam, das quais disse a gente diverte-se imenso a fazer estas meninas!.

Comentei ainda que na altura não podia, mas que mais tarde gostaria de fazer um trabalho sobre a estação inteira. Bartolomeu dos Santos gostou muito e disse-me que iria comigo à estação, pois nos outros painéis também tinha lá umas coisas escondidas. Infelizmente, já não foi possível.]

CONVERSA COM JOHN AIKEN¹¹⁸

(Na sala de professores da Slade School of Fine Arts, em Londres)

25 de março de 2011

Ana Filipa da Franca (AFF) - Gostaria que me falasse um pouco acerca do trabalho de Entre Campos, do que ainda se consegue lembrar.

John Aiken (JA) - Foram tempos de otimismo. Este foi um grande projeto. Foi um grande tempo para Barto, que tinha 60 anos. Eu tinha 60 anos quando fiz o ensaio para a exposição dos Açores.

Eu só estive no trabalho de Entre Campos, em Lisboa, na primeira semana, quando Barto começou a Biblioteca. Começámos os três (Barto, Max Werner e eu) pela esquerda da Biblioteca. Só trabalhei nela. Os painéis das plataformas foram mais trabalhados pelos estudantes. Max Werner trabalhou de abril a junho e no verão vieram os alunos.

Eu estive na assinatura do contrato e na negociação com a pedreira. Eu estava a fazer uma estátua para Belfast e estavam a produzi-la em Alpalhão e em Maceira (Pero Pinheiro). Ia lá muitas vezes e acompanhei a obra de Barto. A Graniver e as outras empresas de corte de pedra faliram, porque tudo se tornou mais caro do que na China. Tinham uma qualidade que a China não tem, mas os trabalhadores especializados já não existem.

O processo foi muito dinâmico: todos os dias chegávamos a casa cheios de flocos de verniz preto, que revestia as pedras e era retirado com um ponta seca. Os painéis estavam na vertical para desenharmos e depois eram levados para uma mesa para lhes despejar o ácido. Eu fazia-lhe um desenho do estaleiro...

AFF - Mas pode desenhar aqui, neste papel, que não preciso, no verso... [*fez o desenho constante do Anexo 1, sobre a disposição do estaleiro na Graniver, aquando da execução da obra.*]

¹¹⁸ A presente conversa não foi gravada, tendo sido tomados pela autora apenas alguns apontamentos durante a mesma. Apesar de a conversa ter sido em inglês, os apontamentos foram registados em português, pelo que assim se transcrevem.

JA - A Graniver ficava na Morelena, na estada, um pouco a seguir a Pero Pinheiro. Tinha a fábrica à esquerda, os escritórios mais à direita, ao fundo. Entrávamos e tínhamos os painéis na vertical de um lado e de outro, fazia uma espécie de corredor, onde desenhávamos sobre o verniz. Depois os painéis eram retirados e levados para outra zona, mais para a direita, onde eram colocados na horizontal para as prateleiras serem gravadas pelo ácido.

Barto tinha já trabalhado em pedra gravada nos painéis da Brasileira, mas foi o primeiro a fazer um trabalho tão grande. Provou que era possível fazê-lo, já que ninguém o tinha feito antes.

O painel da Biblioteca foi mais preciso. Os outros foram mais livres. A Biblioteca foi feita com mais cuidado, para ser uma biblioteca mas também um *cartoon* e com a desorganização de uma biblioteca particular. Contudo, foi muito improvisada, não tinha um plano prévio com exatidão. Havia uma lista de livros e começámos a desenhar na parede preta. O planeamento estava na cabeça de Barto. O resultado final nem parece um trabalho de colaboração, no sentido de haver várias formas diferentes: pelo contrário, há uma unidade.

A obra é muito impressionante: até o vermelho é muito apetecível, como um bolo fantástico ou uma refeição maravilhosa (e comemos algumas!). É muito aberta, não muito formalmente intelectual, muito quente, levemente quente. Barto navegava num mar de conhecimento¹¹⁹ e poderia desenhar a partir dele, mas ao invés, era muito generoso¹²⁰ em termos culturais.

A obra implicou muito trabalho árduo. Barto era professor a tempo inteiro na Slade e não me lembro se teve alguma licença sabática para a fazer. Barto podia desenhar sobre o monte de cultura em que vivia e que tinha, o que a maioria das pessoas não poderia fazer.

Nos painéis também estão as referências ao seu trabalho anterior e posterior — caravelas, sereias, tágides, etc.. A exposição que eu fiz em Tavira também tinha uma parede cheia de objetos e obras de Barto, como se fosse a Biblioteca. Quis

¹¹⁹ A expressão usada por J. Aiken foi "*sea of knowledge*".

¹²⁰ A expressão usada por J. Aiken foi "*giving*".

uma riqueza e que tudo fizesse sentido, que se vissem coisas dos anos 50 e como se mantiveram, ou como apareceram mais tarde.

AFF - Em relação ao desenho, lembra-se quais foram os livros que desenhou?

JA - Os livros desenhados por mim na Biblioteca são os que têm a letras a duplo traço. O meu livro *A Reflection on Time* é falso. O título foi uma expressão usada por mim em conversa com Barto, quando lhe disse que o painel era uma reflexão sobre o tempo.

AFF - E como foram dispendo os livros nas prateleiras?

JA - A gestão do espaço nas prateleiras também foi de acordo com o que se ia vendo que podia ser: se havia mais ou menos espaço, por exemplo. O desenho dos livros esteve ao critério de cada um de nós. O retrato de Barto foi feito por Max Werner e há uma parte, ao centro, em que os livros voam como se fossem pássaros e caem das prateleiras: isso foi ideia minha e o Barto achou bem.

AFF - Sim, no círculo das assinaturas. Já agora, Bartolomeu tinha no seu *atelier* de Sintra (eu estive lá com ele uma vez, para uma conversa sobre a Biblioteca) duas pedras com as assinaturas dos escritores, que eram as pedras em que eles ensaiaram antes de assinar no painel propriamente dito. As pedras estavam embutidas na parede, uma de cada lado da janela. Depois de ele morrer a casa foi vendida. Deixaram as pedras lá?

JA - Não, foram retiradas e colocadas na Casa das Artes de Tavira.

CONVERSA COM MAX WERNER¹²¹

(Por telefone / Skype)

12 de maio de 2011

Ana Filipa da Franca (AFF) - Gostaria que me falasse um pouco acerca do trabalho de Entre Ccampos, do que ainda se consegue lembrar.

Max Werner (MW) - Sei que houve uma reunião num restaurante em Lisboa, de que saiu um desenho num guardanapo sobre o que se ia fazer. Bartolomeu ainda não sabia bem. Depois começou-se o trabalho e foi mandada uma maquete em pedra para o Metro.

As coisas foram evoluindo em duas etapas: havia a ideia que querer fazer algo com livros, mas não se sabia o que fazer em cada plataforma. Foi um trabalho feito à medida que ia progredindo¹²².

Quando começámos a Biblioteca, a ideia era eu fazer o lado direito, da literatura antiga e dos navegadores, e Barto fazer o lado esquerdo, dos escritores contemporâneos, desde o século XIX. Os dois dávamos ideias, uma vez que Barto queria *inputs*, por achar que não tinha ideias suficientes. Os objetos nas prateleiras foram ideia minha.

Como cada um trabalhava num lado da Biblioteca, havia o problema de como iríamos unir os dois lados. Foi então que tive a ideia de os livros caírem das prateleiras e voarem, de que Barto gostou. As assinaturas foram uma ideia que surgiu um mês antes de fazer o painel: Barto teve a ideia de fazer os escritores assinarem os livros que caíam.

Barto e eu tínhamos muito comum nas imagens e na forma como trabalhávamos. Barto formou-me, influenciou-me muito. Cada um desenhava dentro dos desenhos do outro. Por exemplo, o retrato de Barto que está na Biblioteca fui eu que fiz.

¹²¹ A presente conversa não foi gravada, tendo sido tomados pela autora apenas alguns apontamentos durante a mesma. Apesar de a conversa ter sido em inglês, os apontamentos foram registados em português, pelo que assim se transcrevem.

¹²² A expressão usada por Max Werner foi "*work in progress*".

Barto tinham uma forma gestural de desenhar¹²³ diretamente na pedra.

Nas plataformas queria fazer uma gravura gigante. Os seus desenhos são símbolos que ele usava bastante: círculos, sereias, a régua horizontal (vermelha e branca), etc.. Os desenhos eram de ambos. Às vezes os nossos desenhos misturavam-se. Eu adoro desenhos de barcos, horizontes com sol por trás, essa luz, e Barto compreendia o que eu queria fazer. Os desenhos com maior pormenor eram geralmente meus, como o navio que vem em nossa direção.

AFF - E quais foram os livros que cada um desenhou, na Biblioteca?

MW - Todos os livros antigos foram escritos por mim. Os livros do Barto eram mais simples, os meus mais desenhados e escritos. Primeiro desenhávamos os livros, e depois púnhamos os pormenores. Barto é que disse o que deveria ser posto e onde. No fim de tudo, sobrou espaço e pusemos livros inventados.

AFF - E nas plataformas?

MW - Seguimos os poemas. Eu conheço a Ode: adapta-se ao meu imaginário. Barto fez-me descobri-la. Ele trabalhava muito sobre Fernando Pessoa — explicou-lhe a vida. Também li as passagens dos Lusíadas que desenei — eram em francês e também...

Barto queria que a estação fosse como uma tira gigante de banda desenhada, uma história, e não um desenho precioso.

Trabalhávamos muito mas também descansávamos na praia da Adraga, com umas cervejas e jantares. Foram os melhores seis meses da minha vida. Fui-me embora a meio de julho e depois vieram os alunos.

¹²³ A expressão usada por Max Werner foi "*gestural way of drawing*".

ENTREVISTA COM GUILHERME RODRIGUES¹²⁴

(Relações Públicas do Metro de Lisboa)

20 de agosto de 2012

Ana Filipa da Franca (AFF) - Estava-me a falar no outro dia na Maria Keil, que ela tinha lá um gabinete [na fábrica], que ela seria funcionária de lá...

Guilherme Rodrigues (GR) - Ela não seria funcionária da Fábrica Viúva Lamego. Ela era artista residente. Na altura havia a política de as fábricas terem artistas residentes e ela tinha um *atelier* na fábrica. Ela estava a trabalhar mais para a construção, estava trabalhar com arquitetos, e o marido era arquiteto, e na altura que ela faz os primeiros desenhos, os primeiros projetos para o Metro, ela tinha o seu *atelier* na Fábrica Viúva Lamego, em Sintra, e criou para o Metro mas trabalhou para a fábrica, não trabalhou para o Metro. O Metro paga à fábrica e possivelmente a fábrica é que pagará à Keil...

AFF - Pois, pois...

GR - Porque as notícias que chegam é que o Metro não pagou, porque aos outros artistas pagou diretamente o projeto. À Keil não, o Metro comprou o material e pagou à fábrica. Isso no início, na 1ª, 2ª e 3ª fase. Porque em 2009, quando são inauguradas a estação de S. Sebastião I remodelada e a estação de S. Sebastião II da linha vermelha, eles contemplam trabalhos da Keil.

AFF - E esse já foi direto...

GR - Já foi ajuste direto, o de S. Sebastião I foi um ajuste feito em 1995 e o de S. Sebastião II foi depois para a estação de S. Sebastião II.

AFF - E o Rogério Ribeiro também lá trabalhava com ela...

GR - O Rogério Ribeiro chega ao Metro... Foi uma pergunta que eu fiz à Keil num curso no Museu do Azulejo e, num módulo dado pela própria Maria Keil, eu

¹²⁴ A presente entrevista foi gravada.

fiz-lhe a pergunta, e ele chega ao Metro a convite dela. Ele intervém sozinho na Avenida: ela dá-lhe uma das 11 estações do início, ela trabalha 10 e dá uma a Rogério Ribeiro e Rogério Ribeiro vem depois trabalhar aquando da expansão da estação Anjos. A Keil faz o 1º átrio — as estações nasciam só com um átrio, houve necessidade de ampliar a estação, de fazer um outro átrio na outra ponta do cais — e quem vai trabalhar seguindo os passos da mestra, é o Rogério Ribeiro.

AFF - E depois... Entretanto... Esta 1ª fase por acaso até está bem documentada, fala-se muito dos azulejos... como é que foi...

GR - Sim, esta é conhecidíssima... Também pela importância a que chegaram os azulejos no Metro e pelo próprio valor da Maria Keil, não é? Estão associados.

AFF - Pois, pois...

GR - Depois, nos anos 80, quando se fez a ampliação Metro, a desconexão do Y da Rotunda, era Presidente do Metro o Dr. Pestana Bastos e sei que a Administração era composta por 5 elementos e foi cada um desses 5 elementos que convidou, que deu o nome de um artista, e os nomes foram Sá Nogueira Pomar, Cargaleiro...

AFF - ... Vieira da Silva...

GR - ...Vieira da Silva e Eduardo Nery. Foram 3 para a mesma linha, que é hoje a linha azul (Laranjeiras, Alto dos Moinhos e Colégio Militar), a Vieira da Silva para a Cidade Universitária e o Eduardo Nery para o Campo Grande. Eduardo Nery para a intervenção plástica na estação e depois mais tarde vai ser-lhe feito outro contrato para a requalificação dos pilares dos viadutos na área do Campo Grande.

AFF - Aquele onde está o estacionamento?

GR - Sim. É ele que vem intervir em toda a área. E na estação ele intervém em todas aquelas tubagens, a cobertura, isso é tudo do Eduardo Nery.

AFF - Sim, sim, os próprios viadutos onde passa o Metro também foi ele que fez...

GR - ...também foi ele que fez...

AFF - Mas isso foi também para o Metro, o viaduto do Campo Grande, não foi para a Câmara?

GR - Os pilares do viaduto possivelmente para a Câmara, os nossos são os pilares do Metro, do viaduto Metro, em que ele vai trabalhar também. Foi objeto de um outro contrato.

AFF - Ok.

GR - Esse foi o primeiro passo. E aí estava aberta a porta para todos os artistas quererem figurar no Metro, tendo-nos chegado sempre por convite da Administração.

AFF - Então, mas já agora, é que uma das coisas que eu tenho aqui [no plano da tese], é por exemplo "*a adaptação das escolhas ao local da exposição*" — normalmente, é quem? É o arquiteto? Na altura da Maria Keil eram os arquitetos que definiam onde é que haveriam ser postos os azulejos...

GR - Não, não: foi a Administração que definiu.

AFF - Na altura da Maria Keil?

GR - Na altura da Maria Keil. O Presidente não queria arte nas plataformas de embarque. E em nenhum das estações da Keil, exceto agora as de 2009, sempre respeitaram, a mesma política. As paredes que vão ser tratadas são as escadas de acesso ao cais, são as escadas de acesso à bilheteira, o átrio da bilheteira e as escadas de acesso ao cais. No cais de embarque nunca aparece nada — é a pastilha...

AFF - Sim, o pequenino...

GR - O azulejo pequenino. Depois recentemente o espaço é definido, o Metro escolhe o artista, o artista escolhe, apresenta o projeto e depois a forma de o implementar na estação penso que será um trabalho conjunto entre o artista e o arquiteto da estação.

AFF - O artista é que... diz que é definido pela Administração. A Administração lá deve ter os seus *inputs*, lá vai perguntar a A, B ou C...

GR - Sim, deve ser isso. Mas agora, agora eu, na recente inauguração do aeroporto, até para me poder enriquecer em futuras visitas, eu falei e interroguei tanto o arquiteto como o artista, e uma das perguntas que fiz ao artista foi quem arrumou as figuras na estação...

AFF - Pois, pois é isso...

GR - ...e ele disse-me que, tirando alguns que tinham sido definidos pelo arquiteto, o resto foi ele...

AFF - O artista é que disse "vou pôr aqui, para pôr ali"...

GR - Sim, e até disse que se fosse hoje as teria ampliado, as teria... teve sempre em causa a quantidade em prol do espaço e ele disse que se fosse hoje até as teria ampliado. Portanto, creio que hoje há uma definição, sempre com a supervisão da Administração, mas que é um acordo entre o arquiteto e o artista.

AFF - Mesmo aquelas aqui no Campo Pequeno, que tem aquelas... as mulheres de Lisboa...

GR - As mulheres do Francisco Simões...

AFF - Sim, dos pregões de Lisboa, mesmo aí não sabe se... porque essa, por acaso, é uma coisa que é autónoma, não é? Assim como a fonte, aqui no...

GR - Na estação do Bartolomeu, em Entre Campos. As figuras... na altura foi apresentado um projeto para fazer aquele trabalho belíssimo do painel, dos mármore a criar o painel dos touros e toureiros, naqueles embutidos, numa alusão à toponímica da estação: Campo Pequeno. Portanto, aquilo que se passa na área envolvente da estação tem bastante influência nos artistas. O caso das Laranjeiras, em que ele transportou laranjas lá para baixo. Há casos...

AFF - A Administração nunca deu indicações para ser usado, digamos, o local nas obras?

GR - Não, não. Sei que no início foram proibidos os primeiros trabalhos da Keil. Depois, não tenho notícias de que a Administração tenha proibido ou tenha influenciado o artista. Pode haver trabalhos que a Administração tenho chumbado de que eu não tenha conhecimento, mas...

AFF - Sei que houve maquetes. O Bartolomeu entregou uma ou duas maquetes ao Metro sobre aquilo que pretendia fazer.

GR - Sim, que pretendia fazer. E há outros casos em que os artistas apresentaram maquetes, desenhos. Por exemplo, o Errö apresentou aquela tela belíssima, não apresentou maquete, apresentou a tela. A toponímica influenciou. No caso do Campo Pequeno, as mulheres vêm fazer uma homenagem às mulheres dos pregões, portanto à mulher portuguesa, e vêm fazer uma homenagem à pedra mármore enquanto suporte de arte. Porque nós encontramos ali todas as variações do mármore em Portugal. Só há uma que ele vai buscar, por uma questão umbilical, à Baía, que é o azulino, o azulino da Baía ele foi buscá-lo à Baía. Mas a colocação das mulheres todas naquela extremidade do cais não sei se foi do artista.

AFF - Pois...

GR - Era ali que começava Lisboa da primeira metade do século passado, do século XX. Era ali que elas começavam a apregoar os seus produtos, não sei se teria sido por isso que as juntaram a todas.

AFF - Pois...

GR - Portanto, essa é a primeira escolha de artistas para o Metro. A partir daí foi escolha e... eu tenho conhecimento da Françoise Schein. A Françoise Schein, que veio para o Parque em 94 e ela estava... tem um projeto ainda de inscrever os Direitos do Homem nas estações de metro. E ela já tinha feito Bruxelas, Paris e Haifa, acho que é esta a ordem, que ela fez primeiro Bruxelas. Quando chegou a Lisboa, foi ter com o Eng^o Consiglieri, Presidente da altura, e expôs-lhe a ideia

dela de consagrar uma estação do Metro de Lisboa aos Direitos do Homem. Na altura, a estação Parque estava em obras, porque tinha de ser ampliada: passar de 4 para 6 carruagens, ampliando o cais de embarque. A artista visitou a estação, em obra, de tal forma que a estação no início tinha um teto falso, portanto o habitáculo era o interior de um paralelepípedo retângulo, e hoje tem aquela abóbada enorme porque ela solicitou....

AFF - Eram aqueles retângulos...

GR - Sim, onde estão transcritos os Direitos do Homem. E ela pediu na altura que a deixassem intervir também naquela abóbada para fazer a sua catedral, a catedral de emoções. E trabalhou com a Frederica Matta, nessa estação. Depois o Engº António Martins fez um concurso de ideia plásticas para intervenção numa estação de metro. E quem veio a ser...

AFF - O Engº António Martins era Administrador?

GR - Sim, era Administrador e foi Presidente, nas datas que estão ali expostas naquela parede. Ele era Presidente do Metro e fez um concurso giríssimo, apareceram ideias muito boas, e quem ganhou foram três jovens estudantes de uma escola de artes do Porto.

AFF - Mas ele fez um concurso para uma estação específica?

GR - Não, era um concurso no geral, para futura intervenção numa estação de metro, o que veio a acontecer que os ganhadores vieram intervir na estação Lumiar. O trabalho que está no Lumiar... Marta Ferro, Rui Ferro ou qualquer coisa assim [*foi buscar livro na estante para confirmar o nome dos artistas*]... Artista plástico: António Ferro Moutinho, Marta Dalila Coimbra Lima e Suzete Jesus da Silva Rebelo: António Ferro, Marta Lima e Suzete Rebelo, são estes os nomes que eles utilizam como artistas. E é interessante como o trabalho da Keil influenciou estes três jovens porque eles dizem que fizeram com esta intervenção mural uma homenagem à Keil. E todos os outros vêm por convite. No caso recente do Aeroporto, não sei se foi convite ou se foi o próprio artista...

AFF - Aquilo que eu vi (acho que não imprimi, mas também tenho uma série de *dossiers...*, acho que foi no *site* do metropolitano), é que ele próprio tinha feito umas caricaturas durante tempos e tempos e tempos e depois...

GR - Sim, eu em conversa com ele... daí eu ter dito... daí eu ir-lhe dizer que penso que foi ele que propôs ao Metro, sabendo que tínhamos o espaço, porque ele concebeu as figuras sem espaço, isso ele disse-me, ele foi criando as figuras, que eram figuras do século XX, e são muitas mais do que aquelas que lá estão.

AFF - Também, ele é caricaturista, se calhar já lá tinha um monte delas, não?

GR - Não, ele estava a fazer figuras do século XX e dos vários setores de atividade. Tauromaquia, igreja, e estou a dizer-lhe setores que não estão consagrados na estação, que não foram escolhidos. E acredito que, tivesse sido ele a vir propor ao Metro a sua ideia, a ideia das caricaturas, porque tenho conhecimento de que o Metropolitano fez um convite à Paula Rego, para intervir plasticamente na estação Aeroporto, que ela na altura, por falta de agenda, declinou, precisamente porque tinha outros trabalhos. Portanto, como a Paula Rego foi convidada e declinou, é possível que a ideia do António tenha surgido quando ele apresentou o seu trabalho, porque eu sei que, ao contrário dos outros que são convidados e apresentam uma ideia para o Metro, o António já tinha a ideia. Foi quase como a Françoise Schein. A Françoise Schein também veio dizer "estou a consagrar uma estação, eu tenho isto, eu já fiz isto, tenho feito isto em Bruxelas, Paris e Haifa, vamos fazer isto em Lisboa". A diferença é que no de Lisboa estão consagrados os Direitos do Homem, os 33 artigos, e depois ela faz uma passagem por toda a nossa diáspora, por todo o nosso império, desde 1415 — Ceuta — à data da estação, em que ainda tínhamos Timor, portanto dizem os historiadores que acabámos o império com a independência de Timor.

AFF - E essa foi a única artista que se propôs? Não houve outro artista que se propôs além dela? Não há um artista nas novas estações, na Gare do Oriente ou outra, em que alguém se propôs?

GR - Na Gare do Oriente nós temos 11 artistas, mas não tenho conhecimento... Há uma oferta! O Hundertwasser ofereceu a peça, a conceção, o trabalho do artista foi oferta. Não sei se houve alguém que se propôs intervir no Metro. Recebi uma vez um senhor suíço que chegou a mandar desenhos para uma intervenção no Metropolitano. O Metropolitano é apetecível, é uma galeria em que

AFF - Sim, toda agente passa...

GR - E todo o artista quer ser visto e é uma galeria em que passam milhares de pessoas e que veem e ficam com o nome do artista na memória. E a partir do momento em que uma Vieira da Silva e um Pomar aceitaram figurar, não é...? Porque ao princípio a Keil foi criticada, o azulejo era suporte de casa de banho, era suporte de segunda, não era material para um artista de primeira linha trabalhar. Mas felizmente que a Keil aceitou, porque não foi ela que desceu, foi o suporte que subiu.

AFF - Pois, isso foi...

GR - Hoje toda a gente quer trabalhar e utilizar chacota como suporte para as suas obras. São vários artistas... A Françoise Schein a partir do Metro, ela tinha já trabalhado para cerâmica, para painéis cerâmicos, mas nunca em azulejo, e a partir do momento em que faz Lisboa ela passa só a trabalhar com azulejo e hoje já são, penso que... não sei se o projeto de S. Paulo já foi, porque se ela já inaugurou S. Paulo, são 11 ou 12 as estações nos metropolitano do mundo onde ela consagra os direitos do homem.

AFF - Nos anos 90 houve esta... Primeiro foi o azulejo, não é? Depois foi outra vez azulejo nos anos 80, que foi aquelas 4 estações mais o Campo Grande...

GR - Sim, porque na altura creio que a Administração escolhia o suporte. Mas depois deram liberdade ao artista de escolher o suporte, ou aceitavam a proposta do artista, não sei se isso teria sido falado. Aceitavam a proposta, a maquete do artista, e o artista passou a escolher também o suporte, desde óleo sobre madeira, a ferros, bronzes, todas as variedades de pedra, nós temos todos os suportes hoje nas estações de Metro.

AFF - Sim, mas voltaram a partir dos anos... deixe-me ver...

GR - Não, este ano não voltámos, porque este ano pusemos mármore, com a inauguração da estação Aeroporto abdicámos da chacota, do azulejo. O trabalho do António é feito em mármore branco e preto.

AFF - Mas aquelas estações que foram feitas, digamos, os Olivais, as novas da linha vermelha..

GR - Sim, tanto as da linha vermelha... E da linha vermelha estou-me a lembrar, não será a Bela Vista... a arquiteta... não me estou agora a lembrar da estação mas também tem umas paredes falsas, que são paredes de cenário, porque tudo aquilo representa cenário, mas que são em pedra. A Magdalena Abakanowicz, na estação Oriente, escolheu o bronze e é dessa altura, na estação Oriente. Portanto, foi-lhe aceite uma escultura. Fugiu a todos os outros que estudaram a nossa cultura. E estudaram a tradição do Metro, do azulejo no Metro, o Errö, o Hundertwasser, Zao Wou Ki, a japonesa Yayoi-Kusama, o próprio Abdoulaye Konaté, todos eles, o Joaquim Rodrigo, todos eles escolhem o azulejo. Só a Magdalena Abakanowicz é que traz o peixe e é-lhe aceite, portanto é uma escultura. Da mesma altura, também na estação Olaias, são poucos os que vão utilizar o azulejo, porque há aquelas esculturas na estação Olaias daqueles jovens artistas que trabalhavam com o arquiteto, que não utilizam o azulejo, utilizam o ferro. A Graça Pereira Coutinho utiliza a chacota mas sem vidro, numas dimensões maiores, o material é a base do azulejo, mas não está vidrado, para fazer aquele painel das mãos. Digamos que o Eng^o Consiglieri, como Presidente do Metro (e ele esteve cá bastantes anos), foi o *boom* da expansão e o maior convite de artistas para o Metro. Abriu-se o Metro a outros suportes. Do meu ponto de vista está feito, temos lá, admiramos, mas acho que devíamos ter só azulejo.

AFF - O azulejo é mais fácil de manter.

GR - O azulejo é barato, resistente e de fácil manutenção.

AFF - Porque se pintam, se vão lá pintar por cima dos azulejos, consegue-se tirar.

GR - Mesmo nos azulejos é uma dificuldade, porque hoje as tintas tendem a ser cada vez mais corrosivas, e quem fabrica as tintas para os miúdos pintarem é quem fabrica os materiais para tirar. E nas novas técnicas do azulejo... Num azulejo tradicional, que coze a altas temperaturas, pode-se agredir com químicos mais facilmente que o novo azulejo. Um azulejo que é serigrafado, tipo as Laranjeiras, que coze a 700-750 [graus], a limpar podemos estragar mais do que a deixar ficar a "mijinha" do miúdo que a pôs. Felizmente no Metro há uma cultura e há um respeito, não temos muita agressão, e a agressão quando surge não surge sobre as obras de arte. Parece que há ali, salvo a grande diferença, o respeito do pseudo-artista pelo artista. Felizmente não temos muito. Para limpar, por vezes temos esse problema.

AFF - Mas há ali umas laranjas, nas mulheres do Campo Pequeno — uma laranja, ou uma maçã, ou o que ela tinha na mão — que desapareceu, não foi?

GR - O próprio cesto foi concebido com laranjas, sim, e a peixeira também conseguiu vender um peixe. Mas às vezes não é tanto a agressão, é a cobiça, é a maldade de ter...

AFF - Sim, sim, levar para casa...

GR - E depois tirado dali não serve para nada, não é? Tem uma leitura conjunta, não tem valor, ninguém vai valorizar uma peça que faz parte de um todo e que foi roubada.

AFF - Não, pois não, isso é só para a pessoa ter em casa e para olhar.

GR - Só, só, porque não joga com o baralho todo, porque não tem todo o juízo. Mas o convite dos artistas eu penso ter sido este... a evolução dos artistas no Metro ter sido esta: há casos em que houve convites, há ofertas, há um concurso em que os jovens ganham e há uma atitude de recurso "diz à tua mulher que faça qualquer coisa". Parece ter sido nesses termos que o Melo e Castro disse ao Keil do Amaral. Agora que o Keil do Amaral e a Maria Keil são os grandes responsáveis pela arte no Metro, isso sem dúvida.

AFF - Mas ele, de qualquer maneira, tinha feito já bastantes coisas em azulejo, e ela ...
Ou antes, ele tinha tido projetos com fachadas de azulejo e com painéis de azulejo e ela tinha-os feito para ele.

GR - Sim, sim, tinha. Ela... o azulejo, as grandes fachadas azulejares na cidade de Lisboa caem em desuso, porque o azulejo começa nos interiores e depois passa para os exteriores, porque era um material muito impermeabilizante, porque a construção era pobre. E, na primeira metade do século XX, a Câmara Municipal de Lisboa faz um decreto a proibir as grandes fachadas azulejares, em defesa dos novos materiais.

AFF - Não sabia, pois.

GR - E é depois no início dos anos 50, com os painéis da Infante Santo, onde a Keil está envolvida, e com as grandes encomendas do Metro, que o azulejo volta a ressurgir. Lisboa não tem grandes fachadas arte nova.

AFF - Não, só tem os frisos.

GR - Só tem os frisos, porque o decreto da Câmara o proibia. Há um decreto camarário da primeira metade, não posso precisar a data, que proíbe precisamente as grandes superfícies azulejares, e o azulejo volta à ribalta... O azulejo anda sempre atrás das grandes encomendas. Ele impõe-se pelas grandes encomendas. Primeira grande encomenda: D. Manuel I para o palácio de Sintra, que faz em Sevilha...

AFF - Sim, que traz aqueles azulejos todos...

GR - E traz aqueles azulejos com a esfera armilar, em corda seca, para o palácio. E depois voltam à ribalta com as encomendas do Metro. O Metro nos anos 50 é um *boom* para o azulejo, que vem contrapor... Para nós é ótimo o azulejo porque é barato, resistente e de fácil manutenção e é impermeabilizante: o nosso vizinho é a água.

AFF - Sim, é. Por isso é que no Porto há muitas fachadas de azulejo, porque lá chove muito.

GR - E protegia, não deixava passar a água e passou para as grandes fachadas com essa finalidade.

AFF - E agora, depois eu peço-lhe para ir comigo lá abaixo à estação, mas mais lá para diante. Em relação ao Bartolomeu, chegou a falar várias vezes com ele, não foi?

GR - Sim, eu assisti a uma visita guiada aquando da Junction [*foi buscar o livro à estante*]. Aquando desta reunião, houve uma visita ao Metropolitano, à arte no Metro, e essa visita foi guiada por ele. Ele estava no grupo e a certa altura, quando começaram terceiros a falar das coisas dele, começou ele próprio a falar e contou algumas peripécias na construção. Contou o processo, como é que se fazia, a ideia do Painel da Biblioteca foi a proximidade — lá está, a toponímica, a área envolvente, não a própria toponímica da estação, mas a área envolvente, porque a Biblioteca Nacional fica na área envolvente — isso influenciou-o, faz o painel e faz um convite à leitura. E convida, o que lhe deu imenso gozo, segundo ele, os escritores contemporâneos a assinar o painel. Faz também com os assistentes uma homenagem a Motherwell, que está na parede num sítio em que passa despercebido...

AFF - Vai de um lado ao outro...

GR - Vai de um lado ao outro a toda a largura da estação. E passa sobre as mulheres, liga uma mulher à outra, é uma linha que liga as mulheres. Uma das coisas que eu achei graça, que me recordo de ele ter dito, é que eram as mulheres dele, mas que as tinha posto frente a frente mas a uma distância...

AFF - ...distância prudente...

GR - ...distância prudente para se darem bem.

AFF - ...

GR - Em relação ao títulos que encontramos, encontramos desde Gil Vicente até à data do Painel.

AFF - Sim, sim, estão lá aquelas pessoas que estavam vivas na altura e foram assinar, como a Natália Correia, o Saramago não quis...

GR - Sim, os escritores contemporâneos que aceitaram o convite foram... E também há lá um painel na Ode Marítima, há lá umas pedras que fazem parte do painel da Ode Marítima que num fim de semana em que vão para lá os filhos dos assistentes, eles dão-lhes pedra para os miúdos fazerem, e depois ele acaba por o compor e deixar também a marca dos miúdos. Há para lá umas bicicletas, uns aviões, uns carros, uns abecedários — AAA, BBB — depende da idade dos miúdos, que foram os miúdos que fizeram e está no painel na Ode Marítima, do Fernando Pessoa.

AFF - Sim, na Ode Marítima...

GR - Depois tem detalhes como pés, mãos. Quando precisavam de ir compor um detalhe andavam por cima da cera, a cera ficava agarrada aos pés e ao pôr o ácido marcava, e foi propositado deixarem. Ele, na visita, até identificava os pés, dizia de quem eram os pés. Há lá um que é de uma assistente inglesa. Eles disseram o nome mas não memorizei, só a nacionalidade. Ele era um, como é que eu posso classificar, pelo pouco tempo que estive com ele: uma pessoa muito afável, era um gordinho, com aquele carinho que damos às pessoas. Era assim muito bonacheirão, muito afável...

AFF - Não há ninguém que não goste dele.

GR - Eu simpatizei imenso com ele, nas poucas vezes que tive o prazer de conviver com ele. E a que tive mais foi a dessa visita, porque ele falou na estação dele mas depois também acompanhou às outras estações o grupo.

AFF - ... Depois, se eu precisar de mais qualquer coisa pergunto-lhe, está bem?

GR - Sim, desde que eu possa ajudar, poderá sempre...

[interrupção para atender uma colega de trabalho]

GR - Ele foi um dos intervenientes... Recordo-me de ele ter para aqui [no livro da Junction]...

AFF - Sim, ele tem uma intervenção...

GR - Fui eu que lhe disse ou sabia?

AFF - Eu tenho o livro, comprei esse livro e, então, já estive a ver o livro todo e vi que ele estava aí com uma intervenção.

GR - Sim, ele teve uma intervenção no meio desta gente toda. Foi uma coisa enorme. Eram 400 congressistas.

AFF - Pois, mas só estão aí alguns, não é?

GR - Sim, só estes é que falaram...

AFF - Ah, quando diz congressistas quer dizer assistentes.

GR - Olhe a pedra das criancinhas...

AFF - Ah, é esta. Qual é essa página? 257.

GR - Mega Ferreira era Secretário de Estado da Cultura, não era?

AFF - Nessa altura, em 96?

GR - Não, não, era o marido da Bárbara Guimarães.

AFF - O Manuel Maria Carrilho. Ele era nessa altura, se não me engano, já o Presidente da EXPO.

GR - E tinha também no Centro Cultural de Belém qualquer coisa, não tinha?

AFF - Acho que isso foi só agora... Mas eu tenho lá (...) sobre Bartolomeu.

GR - Isto correu muito, muito bem. Isto é Bruxelas, isto é Lisboa, não é Bruxelas... os comboios são iguais aos nossos..

AFF - Sim, há comboios iguais, que eu já vi fotografias com comboios quase iguais aos de Lisboa.

GR - ...já não sei... Marianne Ström...

AFF - Sim, eu tenho o livro dela.

GR - Foi ela a da ideia de fazer intercâmbio de arte no metro.

AFF - De mandar obras de arte para os outros países?

GR - De haver trocas... que era a "Art in the Metro Polis"...

AFF - Sim, esse eu vi, eu tenho esse livro... comprei na internet, cá nem sequer... (isto não escreve...) dalguns tenho umas fotocópias do que me interessava, há outros que tenho os livros mesmo, tenho aquele ali, tenho o 3º volume deste, sobre a arte...

GR - Sim, esse já é mais o desfilhar das vaidades. Eu acho o primeiro um documento muito bom...

AFF - Pois, mas o primeiro é sobre...

GR - É sobre a implementação, os transportes em Lisboa, a origem do Metro, e vai desde 1888, que foi quando a primeira pessoa apresentou um projeto... uma oferta, parece que essa escreve... ah, e é dele! [*ofereceu-me uma esferográfica com o Painel da Biblioteca, de Bartolomeu*].

AFF - Olha, pois é! Nem de propósito! Os bilhetes antigos...

GR - Sim, tudo desde a implementação, também aborda a Carris, que ainda não existia. Nós sonhamos cedo, mas depois concretizar é que é mais difícil.

AFF - É que, enfim, tudo isto tinha de ser é privado, e para ser privado tem de ter gente a pagar bilhete, porque senão os bilhetes ficam muito caros e ninguém anda, não é? E Lisboa não tinha... as pessoas não tinham nem dinheiro, nem Lisboa tinha dimensão...

GR - Sim, e depois dá-se a primeira guerra, dá-se a segunda, e só com o projeto Marshall...

AFF - E a I República também era uma confusão em que ninguém se entendia em lado nenhum...

GR - E só com o projeto Marshall, com dinheiros do projeto Marshall, é que é viável começar... eletrificar o país e começar a fazer o Metro, que nasceu já eletrificado.

AFF - Sim, sim. Também foi no final dos anos 50, não é?

GR - Na altura fizemos o Metro e agora fizemos auto-estradas, com o *boom* do dinheiro da Europa.

AFF - Mas... pois... fotografias das obras...

GR - Esse é um documento histórico bom, com uma base de raiz... Havia uma coisa giríssima, na altura, que era o jornal do mirone, porque havia...

AFF - Ah, as pessoas que iam para lá ver as obras? Mas isso ainda acontece hoje em dia.

GR - E o Metro teve de... mas tinham muita curiosidade. Nos tapumes abriram-se janelas...

AFF - Para as pessoas espreitarem?

GR - Para as pessoas acompanharem as obras. Mas houve um movimento a pedir e havia a informação ao mirone, o jornal do mirone.

AFF - Mas era do Metro?

GR - Era do Metro.

AFF - Ah, o Metro é que fazia?

GR - Era. Era o próprio manual do mirone.

AFF - Não, este é do passageiro.

GR - Sim, mas há um que é do mirone. E foram criadas as janelas e fez-se, na altura... todo o objeto de arte que é encontrado, ainda hoje, nas obras do Metro, reverte a favor do museu da cidade.

AFF - ...

GR - Mas na altura os sítios por onde o Metro... o Metro veio acabar com aquelas inundações, quando caíam duas gotas de água no Ribeirão dos Anjos, Almirante Reis, todos esses níveis freáticos vieram a ser canalizados pelo Metro, para poder ser construído, não é? Porque ocupava lugares de ribeiras e foi o Metro que ordenou isso. Em termos de obras de arte, elas apareceram muito, ali, Restauradores, Rossio, Socorro, foi onde apareceram mais, nomeadamente com o Hospital...

AFF - de Todos os Santos...

GR - Todos os Santos, sim.

AFF - E assim ali... quando encontraram lá uma caravela, lá em baixo...

GR - Um barco fenício, lá em baixo no Cais do Sodré.

AFF - Ah, foi um barco fenício? Pensei que tivesse sido uma caravela.

GR - Era um barco fenício que foi cortado aquando da fresa...

AFF - Da passagem da tuneladora?

GR - Não. Para se fazer a volumetria... A estação Cais do Sodré tem esta volumetria [*explica o processo com gestos*]. Porque nós precisávamos de deitar a tuneladora, para ela começar a furar a direito, porque ela tinha de estar deitada, então fizemos a sepultura da tuneladora. E para fazermos a sepultura da tuneladora, primeiro fizemos umas paredes pré-moldadas com uma fresa, e ao fazer estas paredes, que é fazer um buraco com este diâmetro, pôr arame para não haver cedências dos terrenos e encher. Depois faz-se uma a ligar esta e esta e depois é que se faz a

escavação. E quando fizemos, não víamos e cortamos o barco ao meio. E na escavação é que se encontrou. Mas também não serviu de nada.

AFF - Não tiraram de lá o barco?

GR - Tiraram, mas teria de ser tratado. E acho que o levaram para o Museu da Marinha, porque não sabiam onde é que haviam de pôr o museu, mas ninguém o tratou.

AFF - Então lá está?

GR - E como estava dentro de água...Está o quê? Está pó! Aquilo desfez-se tudo!

AFF - Ah pois, desfez-se tudo, porque aquilo estava em lodo...

GR - Aquilo em contacto com o oxigénio...

AFF - Porque o lodo conserva.

GR - Conserva tudo. Por isso é que aquele grande galeão sueco, a gente vai visitá-lo mas estão sempre os chuveiros a deitarem-lhe água.

AFF - Ah, não vi, nunca vi, pois...

GR - Aquele grande galeão que se visita na Suécia eles estão sempre... está dentro de água, com um produto qualquer para a madeira..

AFF - Para não apodrecer.

GR - Criaram condições e estão-lhe sempre a deitar água... E também foi encontrado um canhão de bordo, uma moedas... ali na zona do Rossio foi mais umas moedas. Porque depois ao utilizar estas novas tecnologias, tudo o que aparece atrás é carne picada.

AFF - Ah, pois, isso é.

GR - A tuneladora pica tudo.

AFF - Isso nitidamente. ... Pois, se calhar vou ficar aqui a ver... Isto é mais para a história do Metro... [*a ver o livro da História do Metro*]

GR - Sim, aí tem toda a [...] da nossa história, os primeiros desenhos para o Metro. Foram os engenheiros navais que apresentaram o primeiro... Em betão esforçado, a estrutura foi aberta em vala a maior parte e a cúpula sustentava as laterais. Porque era assim. Era assim e depois levava a cúpula por cima. O nosso logótipo antigo era um segmento de túnel. Por isso é que se dizia... Porque depois nestas coisas os nossos políticos são sempre... Agora quando foi o túnel do Santana, ali do Marquês, diziam que a galeria do Metro caía.

AFF - Caía se o destruíssem.

GR - Não, tirando-lhe a ... É porque enquanto nestas novas agora podemos escavar ao lado, na do Metro.....

AFF - Este era o antigo.

GR - Este era o antigo. Portanto, esta parte branca é um segmento de túnel. O que aguenta as paredes laterais é a força exercida neste sentido e neste. É a pressão dos terrenos neste sentido e o peso da cúpula. Com os carros em cima, porque é betão esforçado.

AFF - Os mirones...

GR - Sim, sim, os mirones. Mas depois, ao princípio, não teve muita adesão. O Metro quando abriu não teve muita adesão. As pessoas ao princípio estavam um bocadinho...

AFF - As pessoas têm medo... É por baixo do chão...

GR - De um momento para o outro é que se tornou assim...

[interrupção para atender o telefone das informações do Metro]

GR - Esse livro foi feito pela Fernanda Rollo, mas há aí...

AFF - Mas cada capítulo tem a sua... ou este é só dela?

GR - São os três só dela. O livro, a historiadora foi ela... mas ela foi antipática para uma senhora que se chama Inácia... Loyola ou qualquer coisa assim [Maria Inácia Rezola]. Escreveu um livro sobre o 25 de Abril... Ela agora também já publicou livros históricos. Essa é que veio lamber papel, apanhar o pó, comer pó. E depois a Fernanda nem a refere no livro. Porque ela estava em casa e nós fazíamos o *scan* dos documentos, e mandávamos-lhe para casa, mas quem dizia quais eram os documentos a "scanear" era a outra que estava a comer pó, e depois ela não lhe faz agradecimento nenhum, não a menciona. Menciona outras pessoas...

AFF - Mas estava a trabalhar com ela, era?

GR - Estava a trabalhar com ela. Menciona outras pessoas mas não a ela. Eu achei injusto. Eu achei tão injusto.

AFF - Mas aquele do Metro tem vários autores porque tem vários textos [o 3º volume da História do Metro].

GR - Tem vários textos, sim, já são...

AFF - Este não, este é só dela [os 1º e 2º volumes].

GR - Sim, este é só dela. Aquele [3º volume] foi coordenado por ela mas cada... O Presidente do Metro escreve, os artistas escrevem...

AFF - Pois, este aqui é mais sobre toda a construção.

GR - É toda a construção, comparações com a Carris, faz análise social. É sobre toda a evolução do Metro e os problemas que levaram...

AFF - Pois, porque isto ao princípio... Até porque o Metro não servia a parte que era mais populosa de Lisboa, que era a baixa. Quer dizer, servia pouco, não era?

GR - Era. Sim, os grandes bairros nunca serviu, porque o Metro andou sempre pelas linhas de água.

AFF - Portanto, só quando a cidade veio cá mais para cima é que toda a gente começou a usar.

GR - E depois também ainda havia os elétricos da Carris, no início, que faziam à superfície o que o Metro fazia por baixo. Foram depois perdendo valor. Na altura nós chegávamos aqui à Praça de Espanha e havia uma vacaria.

AFF - Onde está agora a estação, não?

GR - Não, ao lado. Não do lado da Gulbenkian. Onde é aquele hotel açoriano. Para aí, aquilo era capim enorme. Passava o elétrico e pouco mais. Aquilo já era bem fora da cidade.

AFF - Só quando começou a cidade a ir para ali é que o Metro...

GR - Pois. Chegou a Sete Rios por causa dos terrenos do PMO e aí começou a fazer interface com a camionagem que vinha dos arredores de Lisboa e parava ali para trazer as pessoas, do Metro para dentro... Foi o primeiro grande interface do Metro foi precisamente em Sete Rios.

AFF - ...

GR - Os padrões da Keil... Que nos Restauradores vai fazer albarradas contra...

AFF - Mas ainda deixaram lá algumas, ou tiraram todas?

GR - As albarradas dos Restauradores, porque estavam na parte que ampliou, foram partidas, mas há azulejos da Keil nos Restauradores. Na parte norte há azulejos, não conheço é nenhuma albarrada na parte norte.

AFF - Eu já não me lembro.

GR - Agora na parte que dava ligação...

AFF - Foram todas destruídas?

GR - Onde está hoje o Nadir Afonso foram partidas, que ela ficou muito triste na altura.

AFF - Pois, teriam de ter tirado. Bem, também não é fácil tirar azulejos da parede.

GR - Não, podiam é reproduzir.

AFF - Pois, o pedir para ela fazer outras...

GR - Não, reproduzir os mesmos. Porque eu continuo a dizer que a melhor homenagem que o Metro possa fazer à Keil é pôr os azulejos que lhe proibiram.

AFF - Ah, pois! Os tais figurativos.

GR - Os primeiros, que é a carvão, influenciados pela indústria ferroviária. Esses é que... era a melhor homenagem que podiam fazer à Keil era pôr esses. Que ela era um amor, uma simpatia. Essa eu conheci muito bem.

GR - Há uma medalha... Estes são Keil.

AFF - Pois, pois, são estes aqui...

GR - Estes são Keil, que foram abaixo depois, à posteriori. Mas tinha uma medalha aqui, comemorativa já não sei de quê... recordo-me disto, de ter lá estado. Estes são os azulejos que vão embora, mas são estes que depois estão ainda no outro lado. Ainda tem... isso o Metro tem... Nos anos 80 fizeram-se algumas loucuras, mas agora têm preservado. É pena não continuar com azulejo. Também normalmente as pessoas que decidem, os administradores, estão de passagem. Não são pessoas que têm a camisola vestida no dia em que chegam. Não digo que não acabem por a vestir, mas quando chegam... e esta cultura...

AFF - Sim, hoje em dia é assim. Na altura.... do eng^o Consiglieri...

GR - O eng^o Consiglieri era um funcionário da casa. Portanto, esse devia saber muito bem, porque ele começou a sua vida profissional no Metro. Ele era chefe de serviços e foi saneado em 74, depois foi Presidente da Carris e quando volta ao Metro volta como Presidente. Mas ele foi diretor no Metro, ele estava cá senão no primeiro dia... ou antes do primeiro dia... ele era um dos funcionários mais antigos. Esta tuneladora é já das novas técnicas de construção.

AFF - Esta já foi para o... Eu na altura estava na empresa que estava a fazer o Metro, portanto... Olha, cá está o painel. E já agora, esta questão do David Almeida...

GR - O David Almeida intervém no Brasil e intervém na estação... Ele é convidado para a estação Baixa-Chiado, mas trabalhar com o Siza não é fácil.

AFF - Não, não, toda a gente se queixa. Não conheço ninguém que não se queixe de trabalhar com ele.

GR - Para a estação Baixa-Chiado tinham sido convidados três artistas: o Ângelo de Sousa, que acabou por ficar, o David Almeida e o Jorge Martins. Apresentaram projeto, que foi aprovado, e quando estavam em fase de implementação, o Siza não se definia em relação a nenhum deles. E eles com medo, para não entrarem em guerra, voltaram a falar com o Metro. E então o Metro desviou-os para a linha vermelha. Eles vêm intervir, tanto o Jorge Martins como o David Almeida, na linha vermelha. E o David Almeida vai intervir em Cabo Ruivo, vai fazer uma intervenção em Cabo Ruivo. É convidado também para o intercâmbio e, na base do intercâmbio, vai fazer os painéis com a chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Rio de Janeiro, primeira travessia do Atlântico Sul, em que cria algum mau estar, segundo David Almeida, com o Bartolomeu. Porque segundo o David Almeida o Bartolomeu zangou-se com ele porque lhe tinha copiado a técnica, ou tinha... Mas era uma técnica que não era só utilizada pelo Bartolomeu, portanto, havia outros. O próprio Motherwell, que serviu de influência ao Bartolomeu, e que o Bartolomeu tanto admirava... Mas tive conhecimento de que houve uma chatice, entre aspas, que houve um problemazinho entre eles com os painéis de S. Paulo.

AFF - Bem, os registos que há, alguns dizem que o Bartolomeu foi a primeira pessoa que fez pedra gravada com esta técnica (o ácido em cima da pedra e tal) que terá sido realmente o Bartolomeu.

GR - O David Almeida vai fazer exatamente a mesma coisa. Ver fotografias de estaleiro do Bartolomeu ou ver do David Almeida, elas são idênticas. [*Vai buscar um livro à estante.*] A técnica é a mesma. As proteções que eles usam são as mesmas. Temos aqui para a estação Conceição de S. Paulo algumas fotografias do *atelier* do David Almeida e podemos ver...

AFF - Que é a mesma coisa. O mesmo verniz preto...

GR - Tudo. As ceras, a proteção, o risco, os óxidos... a técnica será a mesma.

AFF - Este é de quando? É quando que ele faz isto?

GR - Isto é publicado em 94.

AFF - Portanto, logo a seguir mesmo à...

GR - Sim. É possível que tenham fabricado... Em simultâneo não, mas quando se estivesse a colocar na parede os do Bartolomeu estivessem estes em estaleiro.

AFF - 6 de setembro de 94, quando ofereceu. Portanto, o Bartolomeu foi inaugurado em 93. E isto ainda demora a fazer, não é? Não...

GR - Mas o David Almeida é que me disse. Porque eu fiz-lhe perguntas, nomeadamente se tinha havido — é que eu fiquei tão fascinado pelo Bartolomeu na altura daquela visita à estação e achei-o tão sem peneiras, tão simpático, tão acessível — que lhe perguntei se tinha havido influência. E ele disse: *olha, ele dizia que sim, zangou-se comigo porque lhe copieei a técnica, acusava-me disso, mas não foi, não foi*. Isso dizia ele.

Ele também é muito simpático. Mas eu penso que os artistas se influenciam uns aos outros.

AFF - Ah, claro, não é? Claro, eu acredito que sim.

GR - Mas também ele falava muito bem do Motherwell, e o Motherwell também era um gravador. Será que utilizava técnicas diferentes? Ele próprio ensinava a técnica em Londres, nas aulas.

AFF - Pois, ele ensinava, portanto...

GR - Logo, os alunos começariam a trabalhar com aquela técnica. Ele não aprofundou, mas disse-me que tinha havido...

AFF - Uma zanga...

GR - Pelo menos quando eu lhe perguntei se tinha havido influência, ele disse-me: *ah, pelo menos ele acusava-me de lhe ter copiado a técnica, de utilizar a mesma técnica.* E a técnica era exatamente a mesma e o trabalho final é brilhante. Porque o Bartolomeu vai fazer para nós umas pedras, para umas...

E ele faz umas bases para nós. Uma delas esteve em exposição em Bruxelas também. E ele faz umas... as caras das mulheres, uma impressa em azul e outra nos ocre da estação. E o Bartolomeu, além da estação, em Tóquio faz isso também para nós. Essas duas caras de mulher, em maior que A3, bem maior que A3.

AFF - Mas era para oferecer?

GR - Fez umas séries para o Metro, para ser presente institucional.

AFF - Pois.

GR - Por acaso, é pena... Onde é que eu poderei ter uma? Ah, se calhar tenho, ali. Eu posso-lhe mostrar.

[Dirigimo-nos a uma sala onde estão vários objetos guardados para futuramente serem destinados a um museu, entre eles duas maquetas em pedra gravada, de Bartolomeu, uma em vermelho e outra em azul, destinadas a servir de amostra ao trabalho da estação, e uma gravura das acima referidas.]

CONVERSA COM EDUARDO NERY¹²⁵

(Por ocasião da exposição de João de Almeida na Casa-Museu Medeiros e Almeida)

13 de novembro de 2012

Ana Filipa da Franca (AFF) - Posso falar um pouco consigo a propósito do seu trabalho na estação de metro do Campo Grande?

Eduardo Nery (EN) - Sim, claro.

AFF - Gostaria de saber quem o convidou, se lhe impuseram algum tipo de trabalho ou de constrangimento...

EN - Fui convidado no tempo do Eng^o Pestana Bastos, mas não sei quem me escolheu. Não me colocaram qualquer tipo de entrave ou obrigação, a não ser revestir interior da estação a azulejo. O contrato que assinei foi para o interior da estação, os viadutos do metro e a fachada. Eu tinha já experiência em fazer grandes trabalhos urbanos, em Almada e Sesimbra (cidade nova). Pretendia fazer uma obra de arte total, mas houve muita incompreensão por parte das pessoas, tanto mais que me pagaram pouco mais do que aos outros quatro artistas convidados para as outras estações da mesma época (Cargaleiro, Vieira da Silva, Pomar e Sá Nogueira), quando o meu trabalho foi incomparavelmente maior.

AFF - Foi convidado na mesma altura desses quatro artistas, apesar de a sua estação ter sido inaugurada apenas em 1993?

EN - Sim, o convite foi ainda de 1982, apesar de a inauguração ter sido atrasada para 1993, por causa dos negócios entre o Metro, a Câmara Municipal de Lisboa e o Sporting. Entreguei mais de 100 desenhos. A estação sempre esteve para ser onde está agora, mas depois dos projetos entregues ainda tive de fazer algumas alterações. O Sporting queria fazer construções que tapavam a minha obra (as fachadas e etc.), o que foi aceite pela Câmara, mas eu opus-me — claro! — e consegui evitá-lo. A Câmara vendeu ao Sporting a "zona de proteção" à volta da

¹²⁵ A presente conversa não foi gravada nem foram tomados apontamentos aquando da mesma, tendo antes sido reduzida a escrito pela autora, de memória, após o retorno da exposição. Eduardo Nery não chegou a ver o presente texto, pois faleceu em 02/03/2013.

estação, pelo este que iria encostar as suas construções aí. Mas, olhe, agora autorizaram os novos edifícios (da Zon e etc.), que estão a encobrir tudo.

O grande dinamizador das artes foi depois o Eng^o Consiglieri Pedroso, mas o que veio depois dele (Alderico Santos Machado) acabou com tudo. Foi um desastre (suponho que também Silva Martins, mas já não tenho a certeza). Havia, a altura do Eng^o Consiglieri, um engenheiro (diretor ou administrador...) que era um grande amante das artes, colecionador, que tinha umas coisas minhas e que foi um grande impulsionador das artes no metro. Depois veio a administração seguinte e queria acabar com a arte nas estações. Foi Jorge Sampaio que os forçou a recuar, lembrando a responsabilidade cultural da empresa. Aliás, também achavam um disparate a oferta de obras de arte a metros estrangeiros e acabaram com isso. Eu tinha uma encomenda para uma estação em Londres, ainda lá fui ver, mas depois não teve seguimento. Eram pessoas ignorantes e sem gosto, tal como o governo de hoje, que não compreendem a importância da divulgação da cultura, não só cá dentro mas também lá fora, como transmissão da imagem do país.

AFF - Depois, fez os azulejos para o viaduto da 2^a Circular, mas para a Câmara, não foi? E mais tarde...

EN - Esse trabalho foi feito já muito mais tarde. Eu não teria feito aquilo, mas impuseram-me o figurativo.

Quando a estação foi construída, em 1993, não houve contacto com o empreiteiro como eu pensava que ia haver. A partir de determinada altura fui posto de parte. Depois foi preciso fazer reparações e o trabalho foi destruído nalguns sítios. Fartei-me de chatear e de reclamar para repararem os estragos e completarem a obra, o que foi feito, mas nalgumas partes só muito recentemente. É que, como lhe disse, aquilo era um trabalho total, que tinha também a ver com o estudo e aplicação da cor, como também fiz para Almada e Sesimbra, mas as pessoas não entendiam.

ANEXO 5 - BIOGRAFIA DE BARTOLOMEU DOS SANTOS

NOTA BIOGRÁFICA DE BARTOLOMEU CID DOS SANTOS¹²⁶

Bartolomeu Cid dos Santos nasceu em Lisboa a 24 de agosto de 1931, sendo filho do médico João dos Santos e neto do também médico e historiador de arte Reynaldo dos Santos. Família muito dada às artes e às letras, viviam todos na mesma casa¹²⁷ pelo que o seu avô deliberadamente se ocupou da sua educação¹²⁸, tendo sido uma influência enorme para o artista.

Com o avô, fez viagens de automóvel a Espanha (entre 1943 e 1947) e a França (entre 1947 e 1949)¹²⁹, atravessando esses países devastados pela guerra e visitando museus e monumentos.

Decidido a ir estudar História da Arte para a École du Louvre, em Paris, acabou por frequentar a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, entre 1950 e 1956, onde ingressou no curso de escultura, tendo passado para pintura no ano seguinte. Nesse período, entre 1953 e 1956, manteve um *atelier* em Lisboa em conjunto com Nikias Skapinakis e Rolando de Sá Nogueira¹³⁰.

Em 1956 ingressou na Slade School of Fine Arts, da University College de Londres, onde ficou até 1958, tendo contactado com uma forma de pensar e ensinar diametralmente oposta à que se cultivava em Portugal. Nessa época, Londres era ainda *um montão de ruínas*¹³¹ o que, aliado ao nevoeiro, ao fumo das centrais e comboios a carvão e à falta de sol lhe davam um ambiente escuro e devastado, que o artista muito desenhava, em especial nas margens do Tamisa, e muito influenciou a sua obra.

Na Slade Bartolomeu dos Santos iniciou o curso de pintura como aluno de William Townsend que, notando o caráter escuro da sua pintura, imediatamente o associou à técnica da água-forte. Apresentou-o a Anthony Gross, diretor do departamento de gravura, e o futuro do artista viria a ser definido nessa área¹³².

¹²⁶ Informação detalhada sobre a vida e a obra de Bartolomeu dos Santos pode ser consultada na tese de doutoramento de António Canau Espadinha, Desenhar com os Ácidos: a Obra de Bartolomeu Cid dos Santos.

¹²⁷ Cfr. depoimento de Helder Macedo in Jorge Silva Melo, Bartolomeu Cid dos Santos; Por Terras Devastadas, 03:11, e Joaquim Correia em entrevista concedida a António Canau Espadinha, in *op. cit.*, vol. III - Anexo II, Entrevistas, p. 3.

¹²⁸ Cfr. depoimento de Bartolomeu dos Santos in Jorge Silva Melo, *op. cit.*, 03:25.

¹²⁹ Cfr. Bartolomeu Cid dos Santos: Exposição Retrospectiva, p. 17.

¹³⁰ Cfr. *ibidem*, p. 17.

¹³¹ Cfr. entrevista a Inês Sarre, in *Peregrinação*, p. 83.

¹³² Cfr. Inês Sarre, Entrevista ao Prof. Bartolomeu Cid dos Santos, p. 83.

Em 1958 voltou a Lisboa, para terminar a licenciatura em Belas Artes, mas já não se habituou à mentalidade vigente na Escola e ao ambiente cultural e artístico do Portugal de então¹³³. Por isso, em 1961 voltou a propor-se à Slade como aluno e, em troca, recebeu um convite para lecionar, atividade que desenvolveria nos 35 anos seguintes, até à sua aposentação em 1996. Em 1994 foi nomeado *Professor of Printmaking* (Catedrático de Gravura) e depois da aposentação foi *Emeritus Professor of Fine Art* da Universidade de Londres e *Fellow* da University College London¹³⁴.

Produzia as suas próprias gravuras na oficina da Slade, junto dos alunos, que acompanhavam todo o processo¹³⁵. Tal método haveria de revolucionar o ensino de gravura na Slade, pois raramente os professores ou os artistas se dispõem a fazer os seus trabalhos à vista dos outros, em especial dos alunos, ensinando truque e expondo erros e fragilidades.

Ao longo da sua vida haveria ser artista e professor convidado em muitas universidades e escolas de arte do Reino Unido e do estrangeiro bem como ministrou cursos de gravura avulsos. Foi examinador externo na Ruskin School of Art, em Oxford (1987/89), na Glasgow School of Art (1974/76), na Manchester Polytechnic (1978/81) na Belfast College of Art (1986/88) e na National College of Art, em Dublin (1988/90). Foi professor convidado na Universidade de Wisconsin, Madison, E.U.A. (em 1969 e 1980), na Brage Konstskollan, em Umea, Suécia (em 1977 e 1978), na National College of Art em Lahore, Paquistão (em 1986 e 1987)¹³⁶ e várias vezes na Academia de Artes Visuais de Macau (em 1989, 1990, 1991 e 1992)¹³⁷. Em 1992 lecionou um curso de gravura em pedra em Osnabrück, na Alemanha¹³⁸. Em 1990 foi eleito membro da Royal Society of Painters-Printmakers, sediada em Londres, para o que doou a gravura *Young Britons*, de 1992¹³⁹.

Em 1995, em instalações cedidas pelos irmãos José e Henrique Delgado Martins, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e apoio da Câmara Municipal de Tavira, inaugurou nesta cidade uma oficina de gravura, que deu origem à hoje existente

¹³³ Cfr. depoimento de Bartolomeu dos Santos in Jorge Silva Melo, *Bartolomeu Cid dos Santos; Por Terras Devastadas*, 31:15.

¹³⁴ Cfr. *Bartolomeu dos Santos*, Centro Cultural de Cascais, p. 11.

¹³⁵ Cfr. depoimento de Bartolomeu dos Santos in Jorge Silva Melo, *op. cit.*, 32:47 e 38:58.

¹³⁶ Cfr. *Bartolomeu dos Santos*, Centro Cultural de Cascais, p. 11.

¹³⁷ Cfr. *A Biblioteca de Bartolomeu*, p. 94.

¹³⁸ Cfr. *Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB*, p. 38.

¹³⁹ Cfr. www.uwe.ac.uk/sca/research/cfpr/dissemination/archives/pdf_archives/PP1962-1996reduced.pdf.

OBS - Oficina Bartolomeu dos Santos. Nesta oficina haveria de ministrar vários cursos de gravura e de produzir as suas obras após a aposentação da Slade.

Com o compromisso de ser instalado um centro de gravura e desenho dinâmico (e não uma casa-museu), doou à Câmara Municipal de Tavira a sua coleção particular (o que viria a ser efetivado apenas após a sua morte), com 3.720 obras sobre papel suas e de outros artistas nacionais e estrangeiros, nomeadamente de Paula Rego, Júlio Pomar e Nikias Skapinakis¹⁴⁰.

Artista que se dedicou à gravura, Bartolomeu dos Santos reconhecia que durante 30 anos praticamente só fizera gravura, mas considerava que era *um artista que fez gravura durante muitos anos mas atualmente também pinto, faço objetos e forma de caixa e dedico-me à arte pública, sendo esta, no entanto, raramente mencionada*¹⁴¹. Exemplos desta atividade extra-gravura são as exposições *Sonhos e Pesadelos*, de 2004, em que mostrou pinturas e gravuras, *Sinais dos Tempos*, de 2006, em que exibiu pinturas, uma instalação e gravuras, e *Caixas de Memórias*, de 2007, em que apresentou caixas com objetos coligidos nos mais diversos lugares.

A obra de Bartolomeu dos Santos tem, como o mesmo definia, uma vertente introspetiva e poética, que "olha para dentro", e outra de crítica socio-política da atualidade circundante, que "olha para fora"¹⁴². As duas vertentes raramente se encontram, pelo que as suas criações se inserem ou numa ou noutra. Assim, e por exemplo, as gravuras relativas a Fernando Pessoa olham para dentro, enquanto obras da exposição *Sinais dos Tempos* (2006) olham nitidamente para fora.

Bartolomeu dos Santos morreu em 21 de maio de 2008, em Londres.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS¹⁴³

1959 S.N.B.A., Lisboa

1969 Galeria Divulgação, Porto

Institut für Auslandbeziehungen, Frankfurt

1961 Galeria Diário de Notícias, Lisboa

¹⁴⁰ Cfr. Paula Lobo, *Cid dos Santos Doa Coleção a Centro de Gravura*, in *Diário de Notícias*, 02/12/2006, p. 40, e entrevista de José Delgado Martins a António Canau Espadinha in *Desenhar com os Ácidos: a Obra de Bartolomeu Cid dos Santos*, vol. III - Anexo II - Entrevistas, p. 61.

¹⁴¹ Bartolomeu dos Santos in Paula Ferro, *Bartolomeu dos Santos, entrevista, Postal do Algarve*.

¹⁴² Cfr. Volume I, pp. 139 e sgts..

¹⁴³ Cfr. *Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB*, pp. 38-40.

- 1963 Galeria Gravura, Lisboa
- 1967 London Graphic Art Associates, Londres
London Arts - Macy's, New York
Galerie Fenna de Vries, Rotterdam
Galeria Gravura, Lisboa
- 1968 London Arts - Detroit, Detroit
- 1969 University of Bucknell
University of Wisconsin Union
Galeria 111, Lisboa
- 1970 Galeria 111, Lisboa
Curwen Gallery, Londres
Galeria Gávea, Angra do Heroísmo, Açores
- 1972 Galeria 111, Lisboa
Galerie Britte Heberle, Frankfurt
- 1973 Oxford Gallery
- 1974 J.P. Lehmans, Londres
- 1975 Town Gallery, Umea, Suécia
Nodene Gallery, Joanesburgo
International Gallery, Cape Town
- 1976 Galeria Gráfica, Tóquio
Galeria 111, Lisboa
- 1977 Galerie Mazarine, Paris
- 1978 Matinee Art, Nassau
Galeria Zen, Porto
- 1980 Galerie Mazarine, Paris
Redfern Gallery, Londres
Galeria Estela Shapiro, Cidade do México
University of Wisconsin, Madison, EUA
Kunst im Garten, Wiesbaden
Galeria 111, Lisboa
Grayshott Art Gallery, Surrey
- 1981 Galeria Presença, Coimbra

- 1982 University Museum, Umea, Suécia
- 1983 Galeria 111, Lisboa
- 1984 Galerie Kreth d'Orey, Heidelberg
Curwen Gallery, Londres
- 1985 Kulturforum, Bonn
Oxford Gallery
Galeria 111, Lisboa
Rathaus der Stadt, Mainz
- 1986 Rothas Gallery, Islamabad
Glasgow Print Studio, Glasgow
Galeria Zen, Porto
Galerie Kreth d'Orey, Heidelberg
- 1987 Rothas Gallery, Islamabad
Chawkandi Gallery, Karachi
Galeria da Universidade, Braga
Graves Art Gallery, Sheffield
Kredit Bank, Luxemburgo
- 1988 Espacio Abierto, Granada
Casa das Artes, Tavira
Galeria 111, Lisboa
- 1989 *Bartolomeu Cid dos Santos: Exposição Retrospectiva*, CAM, Fundação Calouste
Gulbenkian, Lisboa
Galeria do Leal Senado, Macau
- 1990 Galeria Funchália, Madeira
- 1991 Galeria Brage, Umea, Suécia
- 1992 Akzisehaus, Osnabruck
Galeria 111, Lisboa
20/20, Museu Marítimo de Macau
- 1993 Galeria Zen, Porto
Galeria Wildeshausen, Alemanha
- 1994 Biblioteca, Câmara Municipal de Grândola
Galeria 111, Lisboa

- Tordesilhas Revisitado*, Galerias Municipais de Arte, Faro
- 1996 Galeria Municipal de Exposições, Vila Franca de Xira
Galeria 111, Porto e Lisboa
Reminiscences on Fernando Pessoa, Strang Print Room, University College,
London
- 1998 Galeria Wildeshausen, Wildeshausen, Alemanha
Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian, Ponte de Sor
Centro Cultural de Rabat, Marrocos
Entre Terra e Mar, Obras Recentes, Galeria 111, Porto
Obras Recentes, Pintura Desenho e Gravura, Galeria 111, Lisboa
Azulejos de Torna Viagem, Galeria Ratton Cerâmicas, Lisboa
- 1999 Exposição de Gravuras, Casa Fernando Pessoa, Lisboa
- 2001 *Bartolomeu dos Santos - 45 Years of Printmaking*, London Institute, Londres
Exposição de gravuras e aguarelas, Galeria 111, Lisboa e Porto
Sereias e Outros Animais, Azulejos, Galeria Ratton Cerâmicas, Lisboa
Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais
- 2002 *Sonhos e Realidades*, Museu de Évora
O Canto das Sereias, Museu de Cerâmica, Caldas da Rainha
Galeria Osíris, Caldas da Rainha
Palácio da Galeria, Tavira
- 2003 Centro Cultural São Lourenço, Almancil
Galeria Wildeshausen (Alemanha)
Trienal de Chamalières (França, artista convidado)
I.S.P.A., Lisboa
Biblioteca Municipal da Azambuja
- 2004 *Sonhos e Prazeres*, Galeria Municipal Lagar de Azeite, Oeiras
Sonhos e Pesadelos, Galeria 111, Lisboa e Porto
Academia das Artes dos Açores, Ponta Delgada, Açores
Palácio dos Capitães Gerais, Angra do Heroísmo, Açores
- 2005 *Cenas Infantis*, Galeria da Biblioteca, Câmara Municipal da Azambuja
Sonhos e Prazeres, Galeria Fonseca Macedo, S. Miguel, Açores
- 2006 *Sinais dos Tempos*, Galeria Municipal Artur Bual, Amadora

- 2007 *Caixas de Memórias*, Galeria Ratton Cerâmicas, Lisboa
- 2008 *Bartolomeu XXI*, Casa das Artes da Tavira (exposição póstuma)
- 2009 *Barto dos Santos Memorial Event - 11 June 2009*, Slade School of Fine Art, UCL, Londres (exposição póstuma)
- 2010 *Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB*, Centro de Arte Manuel de Brito, Algés (exposição póstuma)

EXPOSIÇÕES COLETIVAS¹⁴⁴

- 1956 *Young Contemporaries*, London
- 1957 *Young Contemporaries*, London
Contemporary British Printmakers, London
1ª Exposição da Fundação Gulbenkian, Lisboa
- 1958 *Contemporary British Printmakers*, London
Biennale Bianco e Nero, Lugano
1ª Exposição de Arte Moderna, S.N.B.A, Lisboa
- 1959 *Graven Image*, Whitechapel Gallery, London
Cinquenta Artistas Independentes, Lisboa
Exposición de Grabados Portugueses, Madrid
L'Incisione Contemporanea in Potogallo, Roma
2ª Exposição da Fundação Gulbenkian, Lisboa
2nd Triennial of Colour Prints, Grenchen
- 1962 *Graven Image*, R.W.S. Gallery, London
- 1963 *Graven Image*, R.W.S. Gallery, London
- 1964 *Gravadores Portugueses*, Nápoles
- 1965 Bienal, Ljubljana
Graphica Gallery, Detroit
- 1966 Grabowski Gallery, London
- 1968 1ª Bienal Internacional de Gravura, Bradford
La Jeune Gravure Contemporaine, Paris
3ª Exposição Itinerante - Printmaker's Council
- 1969 *Gravure Contemporaine Portugaise*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris

¹⁴⁴ Cfr. Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, pp. 40-43.

- 1970 2ª Bienal Internacional de Gravura, Bradford
5ª Bienal Internacional de Gravura, Grenchen, Suíça
Galeria Benjamim, Chicago
Elca London, Montreal
British Contemporary Graphics, Galeria Paul, Tóquio
- 1971 The Slade, Royal Academy of Arts, Londres
Printmaker's Council, Galeria Morley, Londres
- 1972 4th Krakov International Print Biennale, Cracóvia, Polónia
Gravura Portuguesa Contemporânea, Barreiro, Portugal
3ª Bienal Internacional de Gravura, Bradford
50 British Prints, Portland Art Museum, Oregon, EUA
- 1973 *Printmaker's Council Exhibition*, O.U.P., Londres
6ª Trienal Internacional de Gravura, Grenchen, Suíça
5th Krakov International Print Biennale, Cracóvia, Polónia
Gravura, S.N.B.A., Lisboa
- 1975 *Gravure Contemporaine Portugaise*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris
Royal Academy, Londres
6th Krakov International Print Biennale, Cracóvia, Polónia
20 Anos de Gravura, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Royal Academy Summer Exhibition, Londres
Intergrafia, Katowicce, Polónia
- 1977 *Portugiesische Realisten*, Neue Gesellschaft für Bildende Kunst, Berlim
1ª Exposição Nacional de Gravura, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Royal Academy Summer Exhibition, Londres
- 1978 Galerie Den Gulden Buryn, Antuérpia
Grafik aus Portugal, Austellungszentrum, Fernsehturm, G.D.R.
3^{ème} Biennial Européene de la Gravure, Mulhouse, França
Gravuras Portuguesas Contemporâneas, Oslo
6ª Biennale Internazionale della Grafica d'Arte, Florença
L'Estampe Aujourd'hui, Biblioteca Nacional, Paris
Gravuras da Coleção de Mark e Helen Cooper, Universidade Wisconsin,
Madison, EUA

- Portuguese Art since 1910*, Royal Academy of Arts, Londres
- 1988 1ª Bienal da Amadora
Kunst Zonder Grenze, Hertongenbosch, Holanda
Bienal Mediterrânica de Artes Gráficas, Creta
- 1989 18ª Bienal de Ljubljana
Exposição Internacional de Gravura, Zhejiang Academy of Fine Arts, China
- 1990 *Avant Garde British Printmaking 1914-1960*, British Museum
- 1991 *Europália*, Bruxelas
European Large Format Prints, Dublin
- 1992 *Arte Portuguesa 1992*, Dominikanerkirsche, Osnabruck
Bienal de Gravura Iberoamericana, La Coruña
Pintura y Grabado Portugueses Contemporâneos, Museo Provincial de Huelva
- 1993 Royal Society of Painter, Printmakers Members Exhibition, Bankside Gallery,
Londres
- 1994 1st National Print Show, Mall Galleries, Londres
- 1995 *Exposição de Gravura*, Paço Imperial, Rio de Janeiro
Exposição de Gravura, Galeria de Exposições do Consulado Geral de Portugal,
Salvador da Baía
Homenagem a Fernando Pessoa, Galeria Municipal Verney, Oeiras
Music in Your Eyes, Edward Day Gallery, Kingston, Canada
- 1966 *Changing Places at the Hardware Gallery*, Londres
- 1977 I Festival de Gravura de Évora
Festival de Arte Contemporânea Marca, Madeira 97, Funchal
Galeria 111, Lisboa
Feira do Livro de Frankfurt, Frankfurt
Galeria 111, FAC'97, Lisboa
- 1988 *6 Artistas em Macau*, Exposição Coletiva de Gravura, Organizada pelo Instituto
Português do Oriente, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau
Bienal de Gravura, Amadora
Arte Contemporânea Anos 60/90, Galeria 111, Porto
Arte Portuguesa Anos 60/90, Galeria 111, Lisboa
Obra Gráfica, Galeria Municipal de Vila Franca de Xira

- 8 *Artistas da Galeria 111*, Galeria da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Funchal
- 5 *Anos 25 Artistas*, Forum Cultural do Seixal
- 1999 ARCO'99, Galeria 111, Madrid
- As Idades dos Mares - Formas e Memórias de Inspiração Marítima*, FIA 99, FIL, Lisboa
- 2001 *Signatures of the Invisible*, Galeria Atlantis, Londres
- Signatures of the invisible*, exposição itinerante promovida pelo London Institute e pelo CERN de Génève, Complesso dei Vittoriano, Roma
- Azulejos Ratton*, Galeria da Restauração, Olhão
- 2002 *Arte Múltipla*, Galeria 111, Lisboa
- Azulejos - 12 Artistas Portugueses Contemporâneos*, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau
- Signatures of the Invisible*, exposição itinerante promovida pelo London Institute e pelo CERN de Génève, Centre d'Art Contemporain, Génève
- Signatures of the Invisible*, exposição itinerante promovida pelo London Institute e pelo CERN de Génève, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 2003 Bienal de Cerveira
- Signatures of the Invisible*, exposição itinerante promovida pelo London Institute e pelo CERN de Génève, PS1 Gallery, MoMA, Nova Iorque
- 2004 *Arte Lisboa*, Galeria 111, FIL
- 2006 *Exposição Inaugural*, CAMB (Centro de Arte Manuel de Brito), Palácio Anjos, Algés
- 2007 *50 Anos de Arte Portuguesa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 2008 *À Volta do Papel*, CAMB, Palácio Anjos, Algés (exposição póstuma)

ARTE PÚBLICA¹⁴⁵

- 1955 Mural em têmpera para restaurante à beira mar
Igreja de S. Pedro de Moel, painel em têmpera
- 1959/60 Bar do Hotel Ritz, Lisboa, revestimento de duas colunas a cobre gravado
- 1959/60 Casa Havaneza, Lisboa, painel de pedra gravada

¹⁴⁵ Cfr. Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 43 e António Canau Espadinha, Desenhar com os Ácidos: a Obra de Bartolomeu Cid dos Santos, vol. I, pp. 280 e sgts.

- 1960 Banco Borges & Irmão (Cais do Sodré, Lisboa), painéis em pedra gravada
- 1990 Festa do Avante, painel em papel sobre madeira
- 1991 Estação de Entrecampos, Metropolitano de Lisboa, painéis de pedra gravada
- 1993 Estação de Nihonbashi, Metropolitano de Tóquio, painel pedra gravada
- 1997 Museu de Macau, painel em pedra gravada
- 1998 Estação da Reboleira, REFER, decoração em azulejo
- 1999 Estação do Pragal REFER, painel de azulejo
Mural em azulejo comemorativo do 25 de Abril, Grândola.
- 2000 Crown Plaza Hotel, Funchal, decoração em azulejo
- 2001 Rocapor, Faro, decoração em azulejo
- 2002 Museu da Eletricidade, Lisboa, estudo para intervenção em azulejo
- 2004 Parque de Santa Marta, Ericeira (casa particular), estudo para intervenção em azulejo
- 2006 Lotaçor, Ponta Delgada, azulejo
- (?) Painel sobre a reforma agrária, pintura sobre cimento, destruído

ILUSTRAÇÕES¹⁴⁶

- 1960 Aquilino Ribeiro, O Arcanjo Negro, Livraria Bertrand
- 1990 John Wain, Talking about Mr. Person, Chimera Press, Londres
- 1999 José Saramago, O Conto da Ilha Desconhecida, Editorial Caminho
José Saramago: O Ano de 1998, *Colóquio Letras*, nº 151/152, Fundação Calouste Gulbenkian
José Saramago, Das Memorial, Coron Verlag, Zurique
- 2001 Virgílio Ferreira, Até ao Fim, Bertrand Editora

CAPAS PARA LIVROS¹⁴⁷

- 1988 Maria Velho da Costa, Missa in Albis, D. Quixote, Lisboa
Fernando Pessoa, Selected Poems, 2ª edição, Penguin Books, Londres
- 1991 Helder Macedo, Partes de África, D. Quixote, Lisboa
- 1993 Stephen Rekert, Beyond Chrisanthemum, Oxford University Press, Oxford
- 1994 António Tabucchi, Requiem, Harvill Press, Londres

¹⁴⁶ Cfr. Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 43.

¹⁴⁷ Cfr. Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 12.

FILMES EM QUE COLABOROU¹⁴⁸

1984 *Blake the Poet*, de David Bindam, para a Open University

1992 *R (Rembrandt)*, de Ken McMullen, para a BBC

COLEÇÕES EM QUE ESTÁ REPRESENTADO¹⁴⁹

British Museum, Londres

Victoria & Albert Museum, Londres

Ashmolean Museum, Oxford

Fytzwilliam Museum, Cambridge

Glasgow Art Gallery, Glasgow

Ulster Museum, Belfast

Southampton Art Gallery, Southampton

National Museum of Wales, Cardiff

Bodleian Library, Oxford

South London Art Gallery, Londres

Albertina Gallery, Viena

Bibliothèque Nationale, Paris

Bibliothèque Royale, Bruxelas

Museum of Modern Art, New York

Museum of Fine Arts, Boston

Museu do Chiado, Lisboa

Museu Machado de Castro, Coimbra

Fundação Gulbenkian, Lisboa

University of Pennsylvania Museum, Filadélfia

Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro

Lichtenstein Museum, Lichtenstein

Caixa Geral de Depósitos, Lisboa

CAMB - Centro de Arte Manuel de Brito, Palácio Anjos, Algés

Bartolomeu dos Santos era representado pela Galeria 111, de Lisboa, onde tinha lugar uma exposição com as suas obras de dois em dois anos, sensivelmente.

¹⁴⁸ Cfr. Bartolomeu dos Santos, Centro Cultural de Cascais, p. 12.

¹⁴⁹ Cfr. Bartolomeu Cid dos Santos no CAMB, p. 43 e A Biblioteca de Bartolomeu, p. 95.